



ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL



000980-11.00/12-0

DATA:

15.05.12

REQUERENTE:

SPI 980-1100/12-0  
ORIGEM : SEDAC  
NOME : SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA

LOCALIDADE:

ASSUNTO : 1502 - ANALISE  
PROPOSTAS - PROPOSTAS  
TOMBAMENTO - TOMBAMENTO  
CLUBE - CLUBE  
CULTURAL - CULTURAL  
CRP 98100 - PRIORIAS  
CLUBE CULTURAL FICA AHI PRA IR DIZENDO

ASSUNTO:



Secretaria da Cultura	
Proc. nº	0980-11.00/12-0
Fls.	02
Rub.	

MEMO IPHAE nº 099/2012

DE: Eduardo Hahn – Diretor do IPHAE


PARA: Protocolo/SEDAC

Em: 15/04/2012

Solicito abertura de processo administrativo visando a análise da proposta de tombamento do Clube Cultural Fica Ahí Pra Ir Dizendo na cidade de Pelotas/RS.

Sem mais para o momento, despeço-me.

Atenciosamente,

  
Eduardo Hahn  
Diretor do IPHAE



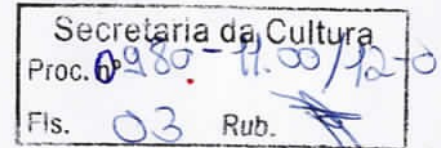
## Clube Cultural Fica Ahí Pra Ir Dizendo

Fundado Em 27 de Janeiro de 1921 – Sede Própria  
Rua Marechal Deodoro, 368 – Fone: 33057874 CEP: 96.020-220 – Pelotas – RS  
E-Mail: clubeficai@yahoo.com.br

Of. 003/2012

Pelotas, 14 de maio de 2012.

De: Raul Borges Ferreira  
Presidente do C. C. Fica Ahí  
Para: Eduardo Hahn  
Diretor Iphae



Prezado Diretor

Clube Cultural Fica Ahí Pra Ir Dizendo, através de seu Presidente Raul Borges Ferreira, vêm mui respeitosamente solicitar abertura de processo de tombamento do Clube Cultural Fica Ahí Pra Ir Dizendo fundado em 27 de Janeiro de 1921. O Clube foi fundado para possibilitar associabilidade da etnia negra. Pelotas irá completar 200 anos e uma cidade construída pelo povo Negro que não vê sua história, sua contribuição na memória da história do município. Neste sentido o tombamento do primeiro legado Negro tem um significativo da maior relevância para o reconhecimento da contribuição do povo Negro a cidade de Pelotas.

Certo de vossa atenção, despeço – me em nome da diretoria do Clube, estando à disposição para qualquer esclarecimento e/ou dúvida

Atenciosamente

Raul Borges Ferreira  
Presidente do C. C. Fica Ahí

Rubinei Silva Machado  
Coordenador de Projetos



Fundado em:  
27 de Janeiro de 1921  
Sede Própria  
CNPJ: nº 87.443.164/0001-71  
Rua Marechal Deodoro, 368 - Centro - Pelotas/RS  
CEP 96020-220 - Tel. (53) 3305.7874

49.186  
- MATRÍCULA -



REGISTRO DE IMÓVEIS DA 2ª ZONA - PELOTAS  
LIVRO Nº 2 - REGISTRO GERAL

PELOTAS, 19 de junho de 20 09

Secretaria da Cultura  
Proc. nº 980-11.00/12-0  
s. 04 Rub. *[assinatura]*

FLS.	MATRÍCULA
1	49.186

**IMÓVEL:** UM TERRENO, situado nesta cidade, contendo benfeitorias, com a área construída de 880,5148m<sup>2</sup>, medindo o terreno 11,58 metros de frente oeste pela Rua Marechal Deodoro, por igual largura na linha dos fundos, ao leste, onde se limita com o imóvel n.º 375 da Rua General Osório, de propriedade de Otacílio Machado de Moraes Sarmento, por 45,20 metros de frente aos fundos, por ambas as laterais, dividindo-se ao sul com o imóvel de n.º 362 da Rua Marechal Deodoro, de propriedade de Yuko Mukai Yokemura e, ao norte, com o imóvel de n.º 370 da Rua Marechal Deodoro, de propriedade de Sérgio Augusto Vanti, dito terreno possui uma área de 523,416m<sup>2</sup> e está localizado no quarteirão formado pelas Ruas Marechal Deodoro, General Osório, Gomes Carneiro e Três de Maio, da qual dista 46,35 metros, estando cadastrado sob n.º 368 da Rua Marechal Deodoro.  
**SELO:** 0429.02.0900013.00249.

O Registrador Substituto: *[assinatura]* R\$10,70.  
(Jesus Amilton R. de Araújo)

R. 1/49.186, em 19 de junho de 2009.

**TÍTULO:** Usucapião.

**ADQUIRENTE:** CLUBE CULTURAL FICA AHI PARA IR DIZENDO, inscrito no CNPJ n.º 87.443.164/0001-71, representado por Raul Borges Ferreira.

**FORMA DO TÍTULO:** Mandado expedido em 20/03/2009, pela 5ª Vara Cível desta cidade, oriundo dos autos da ação de usucapião n.º 022/1.05.0046184-9, protocolado sob n.º 186.947, na data de hoje, arquivado neste Cartório.

**DATA DO TRÂNSITO EM JULGADO:** 05/02/2009.

**VALOR:** R\$765,50.

**CONDIÇÕES:** As constantes do título.

**SELO:** 0429.05.0900006.00020.

Registrado por: *[assinatura]* R\$78,60.  
(Jesus Amilton R. de Araújo - Registrador Substituto)

CONTINUA NO VERSO

2º REGISTRO DE IMÓVEIS  
AUTENTICAÇÃO DE FOTOCÓPIA -

CERTIFICO que a presente fotocópia é cópia fiel do original arquivado neste ofício.  
Dou fé que o referido é verdade.

Pelotas, 19 de JUN 2009 de *[assinatura]*

REGISTRO DE IMÓVEIS  
2º OFÍCIO - PELOTAS - RS  
Jesus Amilton R. de Araújo  
Registrador Substituto

REGISTRO DE IMÓVEIS  
2ª Zona - Pelotas/RS

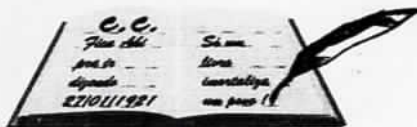
- (1) Certidão: R\$ 4,70
- (1) Busca (s): R\$ 4,90
- (3) Selo (s): R\$ 0,60
- (1) Proc. Eletr. (s): R\$ 2,50

TOTAL: R\$ 12,70 *[assinatura]*

0429.01.0900022.01015

0429.01.0900022.01016

0429.01.0900022.01017



# Clube Cultural Fica Ahí Prá Ir Dizendo

Fundado Em 27 de Janeiro de 1921 - Sede Própria  
Rua Marechal Deodoro, 368 - Fone: 33057874  
CEP: 96.020-220 - Pelotas - RS

Secretaria da Cultura

Fls. 05 Rub.

## Ata nº. 002/2009

1  
2 Aos trinta e um (30) dias do mês de agosto de dois mil e nove (2009) às 20 horas, no Clube Cultural  
3 Fica Ahí Prá Ir Dizendo, na Rua Mal. Deodoro trezentos e sessenta e oito (368), reuniu-se o Conselho  
4 Deliberativo do Clube, na oportunidade estavam presentes os seguintes Conselheiros: O Presidente do  
5 Conselho Deliberativo Sr. João Vicente C. de Mattos; O Vice-presidente do Conselho Deliberativo Sr  
6 Ariovaldo Pereira Ortiz; O (1º) primeiro Secretário do Conselho Deliberativo Sr. Gilberto Gomes; o (2º)  
7 segundo Secretário do Conselho Deliberativo Sr. Neil Rodrigues Pinheiro, e demais Conselheiros Sr. Ivo  
8 Barbosa Filho; Senhora Celestina Isabel da Silva Pinto; Sr. Antonio Costa; Sr. Carlos Roberto Maia  
9 Bitencourt (Caíco); Sr. Mário Brum Ávila. Com Quórum e Agradecendo a presença de todo o Presidente  
do Conselho Deliberativo Sr. João Vicente C. de Mattos, deu por aberta a presente reunião secretariado  
11 pelo Primeiro Secretário Sr. Gilberto Gomes com a seguinte pauta: a) Eleição para Presidência do Clube  
12 Cultural Fica Ahí Prá Ir Dizendo; b) Assuntos Diversos: **1º Ponto de pauta: Item - 1: Eleição para**  
13 **Presidência do Clube Cultural Fica Ahí Prá Ir Dizendo.** A seguir o Presidente do Conselho Deliberativo  
14 do Clube, Sr. João Vicente C. de Mattos colocou para apreciação e votação dos conselheiros presentes  
15 na reunião, conforme o Estatuto do Clube que é a instância máxima e pelos poderes que lhe é atribuído,  
16 entendendo que é para o bem do C. C. Fica Ahí Prá Ir Dizendo, em não tendo se apresentado nenhuma  
17 chapa concorrente e para dar continuidade ao que já vem sendo feito, e poder cumprir os Projetos que já  
18 estão em andamento e com compromissos assumidos com terceiros, obras que estão sendo realizadas  
19 tais como a troca do assoalho e do forro (teto) do salão de festas até a copa, por conta de tudo o que foi  
20 relatado, o Conselho Deliberativo do Clube Cultural Fica Ahí Prá Ir Dizendo no uso de seus poderes  
21 decidiu por unanimidade dos conselheiros presentes na reunião reelegerem o Sr. Raul Borges Ferreira  
22 para o cargo de Presidente e para o cargo a Vice-Presidente do Clube o Diego Rodrigues Carvalho. O  
23 presidente eleito apresenta sua diretoria ao Conselho deliberativo para Primeiro (1º) Secretaria Tereza  
24 Barbosa Chagas; 2º Secretário Tassiane Santiago de Mattos; Primeiro (1º) Tesoureiro Sr. Rubinei Silva  
25 Machado; Segundo (2º) Tesoureiro Sra. Laureci Pinto; diretora Cultural, Sra. Tereza Costa; Diretoria  
26 Feminina Vilma Pereira de Ávila; Diretor de Patrimônio, Sr. João Ubirajara Sanches; Diretor de Esportivo,  
27 Renato Luis Nunes Bojjis; bibliotecária Virginia Oliveira Borges, Orador Diego Rodrigues Carvalho,  
28 diretora de relações públicas Shalimar Aleixo Chagas e diretor artístico Sergio Augusto Domeles, foram  
29 apresentadas como participantes do departamento Cultural os seguintes associados: Elizabeth  
30 Porciúncula, Vera Lucia Domingues e Nelci Vargas Ávila, para o biênio 2009/2011.  
31 Nada mais havendo a ser tratado, foi encerrada a presente Assembléia Geral Ordinária as vinte e duas  
32 (22) horas e (45) quarenta e cinco minutos no C. C. Fica Ahí Prá Ir Dizendo, conforme livro de presença  
33 Para constar, eu Gilberto Gomes secretariei e Lavrei o presente ata que após lida e se aprovada será  
34 assinada por mim e pelo Presidente e pelos presentes conforme lista de presença.

35  
36  
37  
38 João Vicente C. de Mattos  
39 Presidente

1º TABELIONATO  
Gilberto Gomes  
1. Secretário

**LORENZI**  
**4º TABELIONATO DE NOTAS DE PELOTAS**  
 RUA SETE DE SETEMBRO, 253-A - PELOTAS - RS - FONE: (53) 3222-2203  
 BEL. DARIO MIGUEL LORENZI - TABELIÃO

**AUTENTICAÇÃO**  
 CERTIFICO de conformidade com a lei, que o verso e anverso da presente fotocópia está igual ao original que me foi apresentado, por ser uma reprodução fiel. Dou fé.  
 EM TESTEMUNHO DA VERDADE  
 PELOTAS, 15 de fevereiro de 2012  
 Emol: R\$ 5,80 0425 Q1.1200001.08857/a 08358

*Cláudia Ferreira Porres*  
 Substituta Tabelaio

**LORENZI**  
**4º TABELIONATO DE NOTAS DE PELOTAS**  
 RUA SETE DE SETEMBRO, 253-A - PELOTAS - RS - FONE: (53) 3222-2203  
 BEL. DARIO MIGUEL LORENZI - TABELIÃO

Reconheço a firma de João Vicente Cardoso de Mattos por SEMELHANÇA com a existente no arquivo deste Tabelionato. Dou fé.  
 EM TESTEMUNHO DA VERDADE  
 PELOTAS, 10 de fevereiro de 2012  
 Maria José Vieira Martins - Escrevente Autorizada  
 Emol: R\$ 2,90 0425 Q1.1200001.04904

*Maria José Vieira Martins*  
 Escrevente Autorizada

**Tabelaio**  
**RECONHECIMENTO**  
 RECONHEÇO a firma de João Vicente Cardoso de Mattos  
 Pelotas RJ  
 PELOTAS, 10 FEV. 2012 por semelhança Dou fé.  
 Em testemunho da verdade.  
 Tabelaio - Esc. Autorizado  
 Rua Anchieta, 2002 - Fone: (Dorr53) 3225-4144

**PRIMEIRO TABELIONATO - PELOTAS**  
 Silvani Wrege  
 Escrevente Autorizada

0422.01.1200003.00136



## Clube Cultural Fica Ahí Pra Ir Dizendo

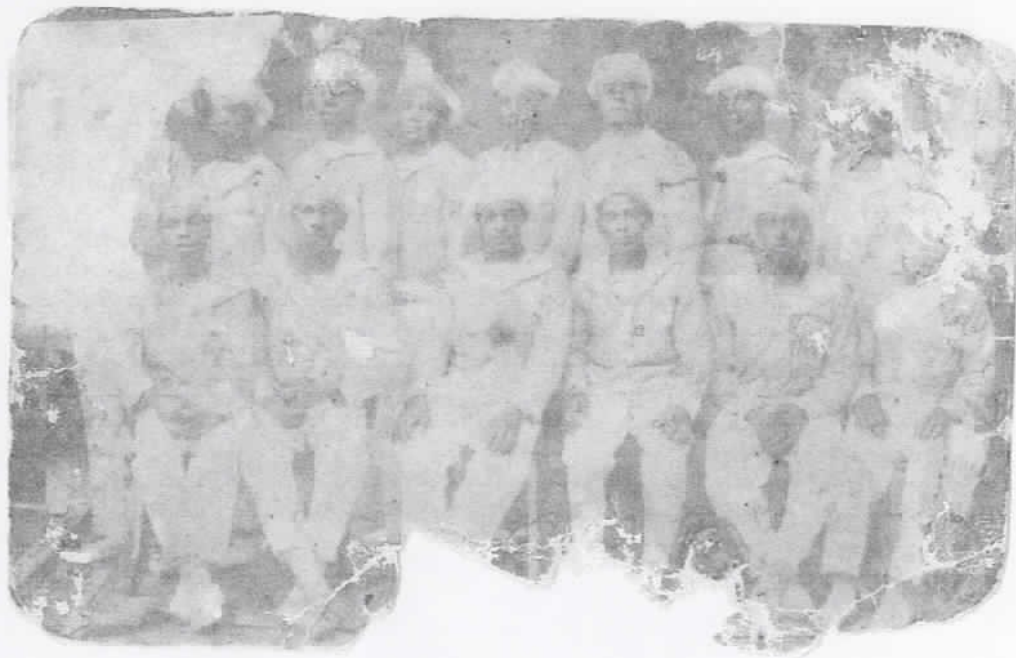
Fundado Em 27 de Janeiro de 1921 – Sede Própria  
Rua Marechal Deodoro, 368 – Fone: 33057874.  
CEP: 96.020-220 – Pelotas - RS

Secretaria da Cultura  
Proc. n.º 980-11.00/12-0  
Fls. 06 Rub.

**CORDÃO CARNAVALESCO DA DÉCADA DE 20 TRANSFORMA- SE EM  
CLUBE SOCIAL NEGRO “CLUBE CULTURAL FICA AHÍ”**

Clube Cultural Fica Ahí Pra Ir Dizendo

90 anos proporcionando lazer e cultura



O Clube Cultural Fica Ahi Pra Ir Dizendo, tradicional entidade social de nossa cidade (Pelotas), foi fundada por iniciativa de alguns amigos, que reunidos em bela e quente tarde, do dia 27 de janeiro de 1921, na Praça da República (atual Cel. Pedro Osório), resolveram fundar um cordão carnavalesco, para abrilhantar os já famosos carnavais de Pelotas. O grupo era formado pelos jovens Osvaldo Guimarães da Silva, Renato Monteiro de Souza e João Francisco Ferreira. A idéia foi tomando vulto, e imediatamente Osvaldo Guimarães da Silva sugeriu o nome de "Cordão Carnavalesco Fica Ahí Pra ir Dizendo", tendo escolhido como cores o azul e o branco, que foi aceito por seus colegas com muito entusiasmo. Passados nove dias, o grupo, já organizado, começou os preparativos para os desfiles carnavalescos, iniciando os ensaios sob a direção do jovem Lino Silveira, com regência do músico Afonso Aguirre, tendo este escolhido um repertório composto de várias marchas, canções e choros famosos da época. O desfile do grupo foi um sucesso, sendo que seus componentes resolveram prosseguir com o empreendimento, fundando desta forma este clube, que com o decorrer dos anos, tornar-se-ia uma sociedade formada de negros, que se reuniam para confraternizar através de bailes, quermesses, chás, festivais e jogos diversos.

Secretaria da Cultura	
Proc. nº	0280-71.00/72-0
Fls.	07
Rub.	

A primeira diretoria foi assim constituída:

Presidente: Lino Ribeiro

Vice-presidente: Renato Souza

Primeiro-secretário: Osvaldo Guimarães da Silva

Segundo-secretário: Edgar Dias

Primeiro orador: Antenor Vieira

Segundo orador: Joaquim Rollo

Primeiro porta-estandarte: João Brizolara

Diretor musical: Antônio Ramos

Diretores: Felisberto Cuíca

Mário Porto, Antero Rodrigues, Jorge Barcelos,  
José da Silva.

Secretaria da Cultura	
Proc. n.º	280-11.00/72-0
Fis.	08
Rub.	

A primeira sede do "Cordão Carnavalesco Fica Ahi Prá Ir Dizendo", Foi na Rua Félix da Cunha, 815.

Ao comemorar seu primeiro aniversário, a sociedade já bem estruturada, escolheu para madrinha a graciosa jovem Maria Luiza Abreu.

Passado algum tempo, a sede muda-se para Rua Cassiano, esquina Gonçalves Chaves. Em meados de 1935, é escolhido o prédio da Rua Félix da Cunha, 774, que acolheu a sociedade até 1954.

Em 1948, o Cordão Carnavalesco passou a Clube Carnavalesco com uma "grade de sócios" bem significativa.


Por esta época, já estavam bem definidos os principais objetivos da entidade: a construção de uma sede própria e, a criação de uma escola. Para concretizar estes projetos, foi criada uma comissão de obras, composta pelos seguintes associados: Presidente: Rubens Lima, Primeiro-tesoureiro: Israel da Conceição, Segundo-tesoureiro: Francisco de Paula Moraes. Em terreno situado na rua Mal. Deodoro, 368, no dia 1º de janeiro de 1953, foi lançada a Pedra Fundamental.

Com a ajuda de sócios e simpatizantes, tais como o Engenheiro Dr. Miguel Curi Hallal, foi transformado em realidade o sonho almejado por todos os ficaianos, a construção de prédio de dois andares com amplo salão de festas, sala de honra, banheiros, copa e despensa, no 1º andar. No andar térreo, sala do presidente, secretaria, sala de jogos, sala de reuniões, salão térreo, banheiros e cozinha.

Não podemos deixar de salientar, que o complemento deste sonho (criação de uma escola), também foi alcançado. No piso inferior da sede funcionou durante vários anos o Grupo escolar Dr. Francisco Simões.

Por esta época, o clube já não era carnavalesco, pois, em memorável assembléia, realizada a 26 de maio de 1953, presidida

pelo Sr. Francisco de Paula Vargas e secretariada pelo Sr. Milton Brasil Dias, houve a substituição do pré-nome de Carnavalesco para Cultural, enriquecendo assim os primeiros objetivos da entidade, (criar um grupo com a finalidade de participar de carnaval de nossa cidade). A partir desta data nossos sócios teriam além de lazer, o aprimoramento de sua cultura.

Fls. 09	Rub. 
---------	--

A inauguração da sede própria aconteceu no dia 14 de fevereiro de 1954, com programação de inúmeros festejos, uma vez que o tão almejado objetivo dos fundadores e primeiros sócios enfim, tornaram-se realidade.

O clube foi crescendo e proporcionando a seus associados momentos de grandes alegrias, emoções e lazer. Assistimos a palestras proferidas por nomes famosos, tais como: Dr. Fuad Selaimen, Prof. Celso D'Ávila Sellas, Dr. Carlos da Silva Santos, Ministro Mozart Vitor Russomano, Francisco de Paula Dutra e muitos outros. Artistas famosos em todo o país e exteriores abrilhantaram festas memoráveis. Dentre eles destacam-se: Ângela Maria, Dolores Duran, Blecaute, Jamelão, Carmem Costa, Mirabeau, Jorge Veiga, Nora Ney, Raul de Barros e sua orquestra, Gregório Barrios, Lupicínio Rodrigues, Francisco Egídio e a Orquestra Cubana formada somente por mulheres "As Anacaonas" que fizeram grande sucesso.

Correu o tempo, e, pelas dependências desta sociedade, muitos jovens se conheceram e constituíram família, perpetuando com amor o ideal dos primeiros ficaianos.

Durante todo este tempo, inúmeros associados fizeram parte de suas diretorias, dando cada um deles sua parcela de contribuição, para seu engrandecimento. Ficaianos de coração, durante todos estes anos dirigiram os destinos de nosso clube, pois foram eleitos em grandes assembleias presidentes, sempre acompanhados de sócios, que fizeram parte das várias diretorias do clube.

O que somos hoje é fruto de semente, plantada e regada, com sacrifício e amor por homens e mulheres que, deixando o recesso de seus lares, dedicaram horas de suas vidas na formação do patrimônio desta sociedade. Muitos já nos deixaram, mas alguns de seus descendentes continuam fazendo parte do quadro social

deste clube, que nascido do impulso de alguns jovens de formarem um cordão carnavalesco, deu os primeiros passos, para a formação do Clube Cultural Fica Ahi Pra ir dizendo, que nos dias atuais reconhecidos e admirados por todos aqueles que tiveram o privilégio de participarem de suas festividades.

O Fica Ahí pretende neste ano 2012 abrigar em suas dependências um Centro de Cultura Afro-brasileira Esta ideia chega impulsionada, pela instalação, em 2006, de um Ponto de Cultura, por meio de um Convênio com a Universidade Católica de Pelotas, proporcionando a digitalização dos arquivos do Clube. Neste mesmo ano, o Clube passou a sediar também a Biblioteca Negra de Pelotas (BINEPEL), fundada pelo Grupo Sangoma (Grupo de Estudos Negros), sob coordenação de Uruguay Cortazzo, então professor da Universidade Católica de Pelotas (atualmente, da UFPEL). Coincide com a instalação do Ponto de Cultura e da Biblioteca a criação dos Ciclos de Conversa, que se constitui em encontros para debates sobre a cultura afro, previamente planejado e divulgado nos meios de comunicação da cidade.

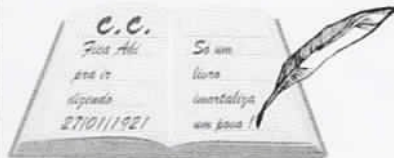
Visando assessorar esta criação do Centro de Cultura Afro-brasileira, o Clube protocolou solicitação de convênio de cooperação técnica junto a Universidade Federal de Pelotas, e já conta com um Projeto de Extensão desta instituição, o qual coloca tem colocado à disposição da entidade bolsistas voluntários das áreas de Antropologia, História e Ciências Sociais. Dentre os vários objetivos deste projeto, sobressai o que pretende disponibilizar ao público o acervo da biblioteca, constituído por aproximadamente 500 obras das áreas de história, etnologia e cultura africana e afro-americana; filosofia africana; pensadores negros, dentre outros.

Além disso, nota-se nos últimos anos, um importante esforço por parte do poder público, municipal, estadual e federal, para que as formas associativas e expressivas dos afros descendentes sejam retiradas da invisibilidade, tal é o caso da Lei 10.639/2003, que institui a obrigatoriedade de serem contemplados nas grades curriculares de vários níveis de ensino conteúdos relativos à cultura e história africana e afro-brasileira.

A idéia de poder contribuir para que um amplo segmento da sociedade pelotense, que não se restringe somente aos associados do Clube e seus dependentes, usufrua de um espaço qualificado de

difusão do conhecimento, contribuindo, desta forma, para a consolidação de valores democráticos e de respeito à diversidade cultural.

O espaço físico do Clube desenvolve ciclo de conversas planejado e executado pela Biblioteca Negra de Pelotas com a temática Negra contemplando também oficinas Coral, Capoeira e Dança Afro, realiza desde 2004 a sua semana da Consciência Negros onde associados do Clube, sociedade pelotense com ênfase na comunidade Escolar evento que tem seu ápice na noite em que o Clube presta homenagem a Negros e Negras que destacam em prol ações que elevam a Raça Negra. O Clube Cultural Fica Ahí Prá Ir Dizendo definitivamente assume o papel de ser referencia na Cultura Negra através de projetos que fundamentem esta ideia discutida e aprovada em seminário.



# Clube Cultural Fica Ahí Pra Ir Dizendo

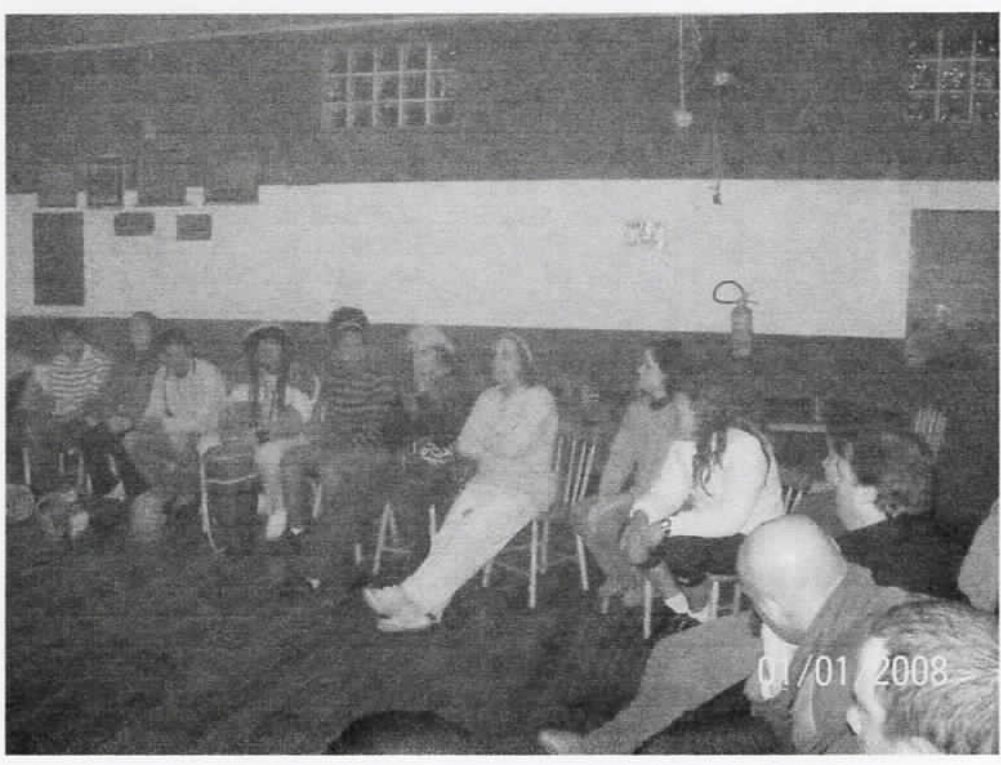
Fundado Em 27 de Janeiro de 1921 – Sede Própria  
Rua Marechal Deodoro, 368 – Fone: 33057874  
CEP: 96.020-220 – Pelotas - RS

Secretaria da Cultura  
Pelotas, 29 de novembro de 2010  
Fls. 12 Rub. *[Handwritten signature]*

## CORDÃO CARNAVALESCO DA DÉCADA DE 20 TRANSFORMA- SE EM CLUBE SOCIAL NEGRO “CLUBE CULTURAL FICA AHÍ”

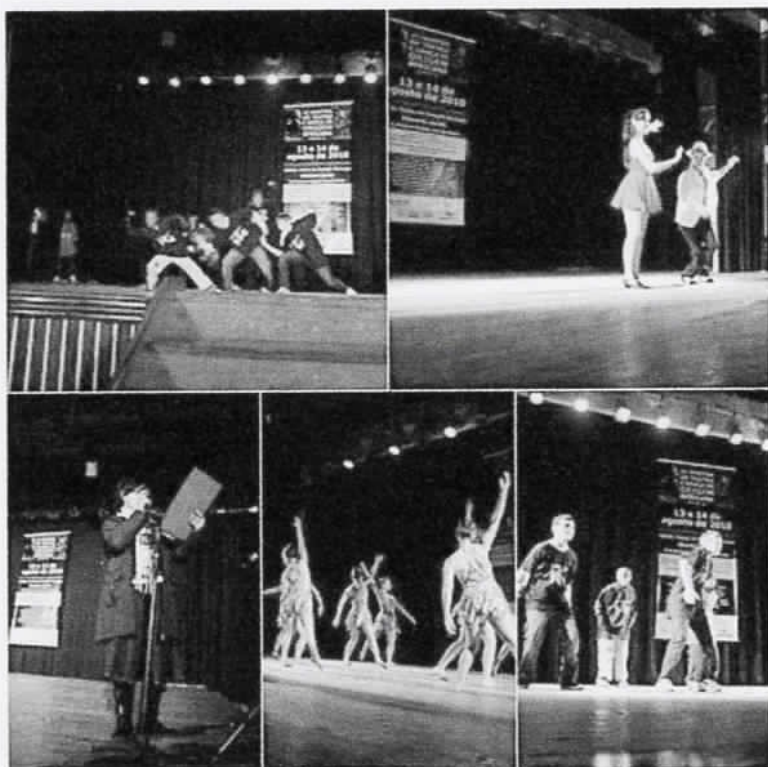
Atividades desenvolvidas em 2010.

Oficina de Capoeira com Mestre Moa e Mestre Ratinho



Mostra Teatro e Dança Origem Africana.

Secretaria da Cultura  
Proc. nº 980-11.00/42-0  
Fls. 13 Rub. ~~1~~



Visita do Frances Hugues ao Fica Ahí



Festas dos Eres





Biblioteca Negra

Ciclo de Conversas Filosofia Africana

Professor da UCPEL Jandir Zanateli

Secretaria da Cultura  
Proc. n.º 280-11.00/42-0  
Fls. 45 Rub. *[Signature]*



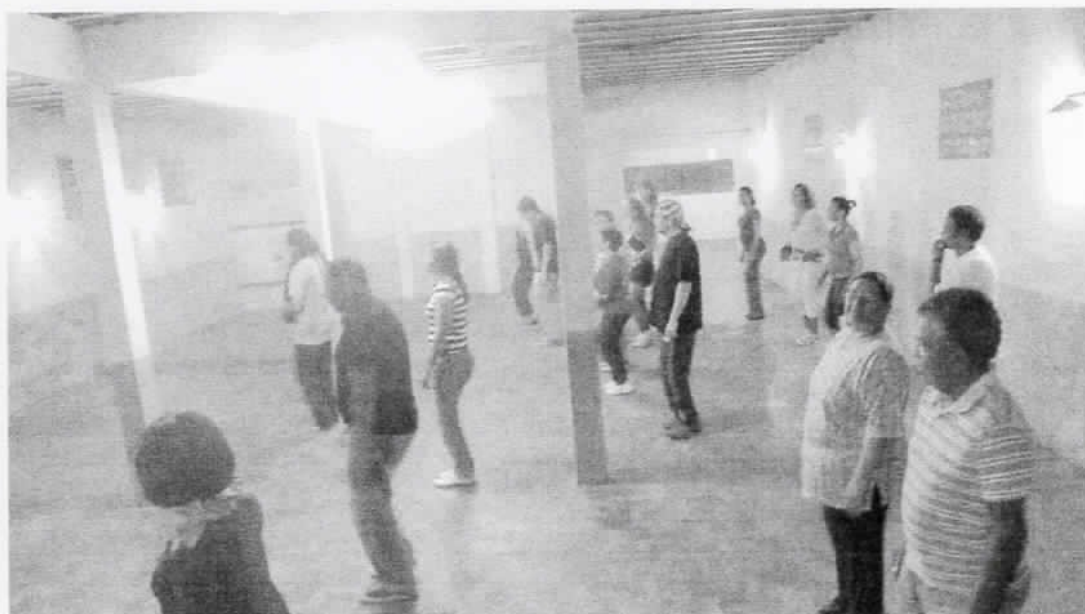
Visita do Professor Angolano Alain a Biblioteca Negra



Acervo Biblioteca



Oficinas de dança Afro



Evento de lançamento do PROJETO FICA AHÍ 500



Evento VIIª Edição da Consciência Negra e entrega de troféu de destaque as personalidades Negras de Pelotas.

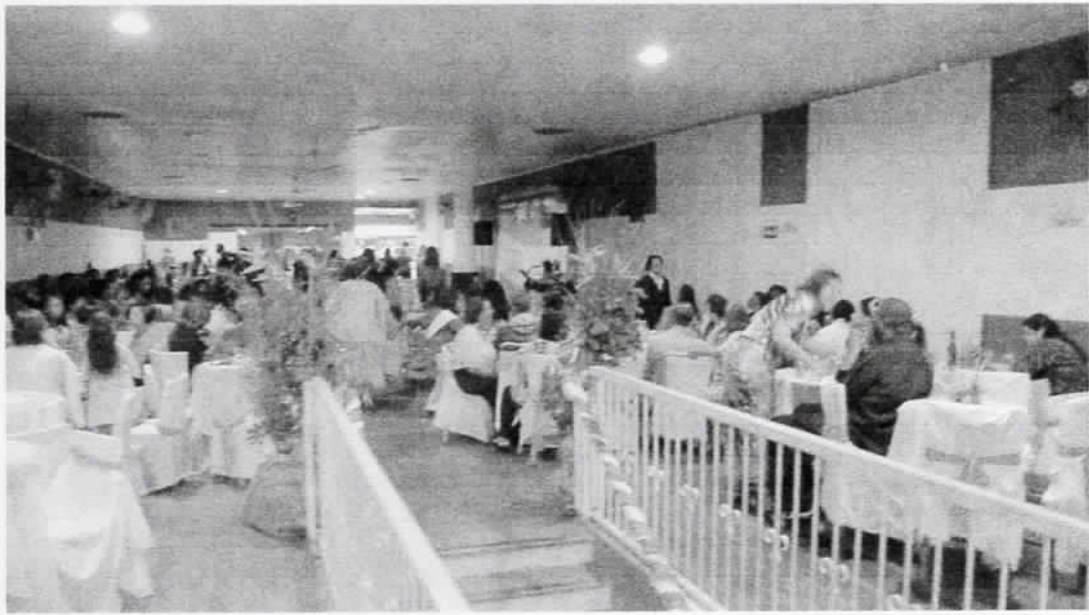
Ciclo de Conversas com Professor Amauri da Universidade estadual da Zona Oeste do Rio de Janeiro



Exposições dos Artistas Negros de Pelotas



Evento entrega de TROFEU as destaques Negros de Pelotas

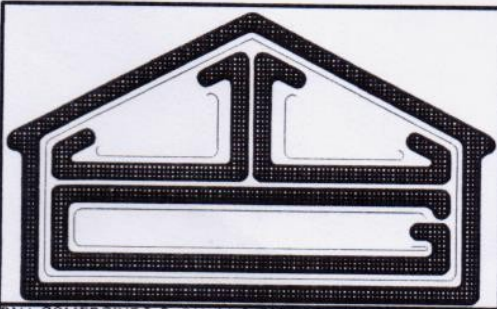


**APROVADO**  
 SEURB / PMPel  
 CAEP / SAE

PREFEITURA MUNICIPAL DE PELOTAS SEURB - CAEP - SAE		
Regularização de	ALVARÁ	834
CONSTRUÇÃO	PRAZO	-
153/04	PLANTA	545
do Sr. <i>do Sr. [assinatura]</i>	DATA	22.11.04
RESPONSÁVEL		

*[assinatura]*  
 A. Nonato de Marques  
 Coordenador SAE/CAURB/SEURB  
 Matr. 16101-2

**COPAC**  
 Coordenadoria do Patrimônio Cultural



RUA GOMERCINDO CARVALHO, 798 - OBELISCO - PELOTAS - RS  
 FONES (053) 2287701 e (053) 9828620

RESP. TÉCNICO:

*[assinatura]*  
**JOSÉ CARLOS GOULART**  
 ENG. CIVIL - CREA/RS 63.352-D

PROPRIETÁRIO:

*[assinatura]*  
**JULIO CÉSAR DA S. FURTADO**  
 PRESIDENTE

TIPO DE PROJETO:

**PROJETO CLUBE SOCIAL**

(REGULARIZAÇÃO E REFORMA)  
 (SEM AUMENTO DE ÁREA)

DESCRIÇÃO:

**ARQUITETÔNICO**

Rua Marechal Deodoro, 368  
 Bairro Centro - Pelotas - RS - CEP 96075-230

ZONA: ZRM I

ESCALA: INDICADAS

I.A.: 1,684

DATA: AGO/2003

Area Terreno: 522,8370 m<sup>2</sup>  
 Area construída Total: 880,5148 m<sup>2</sup>

Area Pavimento Superior: 440,9778 m<sup>2</sup> (existente a regularizar)  
 Area Pavimento Térreo: 439,5370 m<sup>2</sup> (Existente a regularizar)

Área Projeção da Cobertura: 440,9778 m<sup>2</sup>

T.O.: 86,17 %

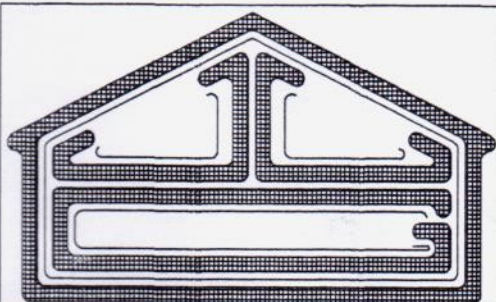
PRANCHA: 01/02

IPHAE - RS  
 Proc. n° 0980-11.00/12-0  
 Fls. 21 Rub. 02

Proc: 0980-11.00/12-0



ERGS - SJS - BM - CRBS  
 CORPO DE BOMBEIROS DE PELOTAS  
 PREVENÇÃO DE ACORDO COM A  
 LEGISLAÇÃO VIGENTE  
**CONFORME**  
 PPCI nº 4285  
 Pelotas, RS 419104  
 EXAMINADOR



RUA GOMERCINDO CARVALHO, 798 - OBELISCO - PELOTAS - RS  
 FONES (053) 2287701 e (053) 9828620

RESP. TÉCNICO:

*Jose Carlos Goulart*  
**JOSE CARLOS GOULART**  
 ENG. CIVIL - CREA/RS 63.352-D

PROPRIETÁRIO:

*Julio Cesar da S. Furtado*  
**JULIO CESAR DA S. FURTADO**  
 PRESIDENTE

TIPO DE PROJETO:

**PROJETO DE CLUBE SOCIAL**

(REGULARIZAÇÃO E REFORMA)  
 (SEM AUMENTO DE ÁREA)

DESCRIÇÃO:

**PPCI**

Rua Marechal Deodoro, 368  
 Bairro Centro - Pelotas - RS - CEP 96075-230

ZONA: ZRM I

ESCALA: INDICADAS

I.A.: 1,684

DATA: AGO/2003

T.O.: 86,17 %

PRANCHA: 01/02

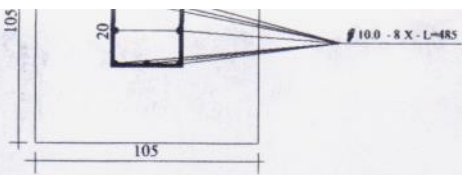
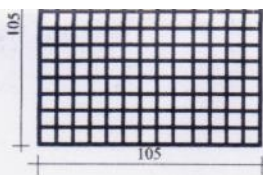
Area Terreno: 522.8370 m<sup>2</sup>

Area Pavimento Superior 440,9778 m<sup>2</sup> (existente a regularizar)

Area Projecção da Cobertura 440,9778 m<sup>2</sup>

Area construída Total 880,5148 m<sup>2</sup>

Area Pavimento Térreo 439,5370 m<sup>2</sup> (Existente a regularizar)



**APROVADO**  
SEURB/PMPel  
CAEP/SAE

PREFEITURA MUNICIPAL DE PELOTAS SEURB - CAEP - SAE		
Regularização de	ALVARÁ	834
CONSTRUÇÃO	PRAZO	-
153/04	PLANTA	545
Responsável	DATA	22.11.04

A. Raul Valente Marques  
Coordenador SAE/CAURB/SEURB  
Matr. 16101-2

IPHAE - RS  
Proc. nº 0980.11.00/12-0  
Fls. 22 Rub. 06

Proc: 0980 - 11.00 / 12 - 0

CORFO  
Coordenadoria do Patrimônio Cultural



RESP. TÉCNICO:  
*Jose Carlos Goulart*  
JOSÉ CARLOS GOULART  
ENG. CIVIL - CREA/RS 63.352-D

PROPRIETÁRIO:  
*Julio Cesar da S. Furtado*  
JULIO CESAR DA S. FURTADO  
PRESIDENTE

TIPO DE PROJETO:  
**PROJETO DE CLUBE SOCIAL** (REGULARIZAÇÃO E REFORMA)  
(SEM AUMENTO DE ÁREA)

DESCRIÇÃO:  
**ESTRUTURAL**

Rua Marechal Deodoro, 368 Bairro Centro - Pelotas - RS - CEP 96075-230			ZONA: ZRM I	ESCALA: INDICADAS
Area Terreno: 522,8370 m <sup>2</sup>	Area Pavimento Superior 440,9778 m <sup>2</sup> (existente a regularizar)	Area Projecção da Cobertura 440,9778 m <sup>2</sup>	I.A.: 1,684	DATA: AGO/2003
Area construída Total 880,5148 m <sup>2</sup>	Area Pvimento Térreo 439,5370 m <sup>2</sup> (Existente a regularizar)		T.O.: 86,17 %	PRANCHA: 01/02



# CLUBE CULTURAL FICA AÍ

Fundado em 27 de janeiro de 1921.



**Memorial Clube Cultural Fica Ahí Pra Ir Dizendo**

*FUNDADO EM 27 DE JANEIRO DE 1921*



**Fernanda Oliveira da Silva**

Pelotas, 2012

## INDICE<sup>1</sup>

HISTÓRICO DO CLUBE CULTURAL FICA AHÍ PRA IR DIZENDO.....	3
A RESISTÊNCIA NEGRA NA HISTÓRIA DO BRASIL.....	4
CONTEXTO HISTÓRICO-SOCIAL: A CIDADE DE PELOTAS.....	8
ASSOCIAÇÕES NEGRAS NO INÍCIO DO SÉCULO XX.....	11
O <i>DOCUMENTO</i> E ALGUMAS REFLEXÕES METODOLÓGICAS E HISTORIOGRÁFICAS.....	13
CORDÃO, BLOCO E/OU CLUBE NA PELOTAS DO PÓS-ABOLIÇÃO.....	19
O CORDÃO FICA AHÍ P'RA IR DIZENDO.....	25
BRANQUEAMENTO E IDENTIDADE NO INTERIOR DO CORDÃO.....	27
DO SONHO A CONCRETIZAÇÃO: A SEDE ATUAL.....	40
DO CORDÃO CARNAVALESCO NASCE A ACADEMIA DE SAMBA DO FICA AHÍ.....	41
CONSCIÊNCIA RACIAL.....	41
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	43
FONTES E BIBLIOGRAFIA.....	47

---

<sup>1</sup> Parte desse memorial é parte integrante da Monografia apresentado ao Curso de Licenciatura em História da Universidade Federal de Pelotas como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciado em História, intitulada: Raça, sociabilidade e identidade num clube pelotense: Clube carnavalesco negro Fica Ahí Pra Ir Dizendo (1938-1943). Sob a orientação de Orientadora: Beatriz Ana Loner, em 2008, a qual alcançou grau 10. Apresenta ainda fragmentos de depoimentos cedidos por sócios e ex associados do clube ao projeto "Memorial do Clube Fica Ahí", sob a coordenação da professora Rosane Rubert, no qual atuei como historiadora responsável.

## HISTÓRICO DO CLUBE CULTURAL FICA AHÍ PRA IR DIZENDO

Aos 27 dias do mês de fevereiro de 1921, os amigos Osvaldo Guimarães da Silva, Renato Monteiro de Souza e João Francisco Ferreira reunidos na praça central da cidade, Coronel Pedro Osório, visando aproveitar os festejos do carnaval local criaram um cordão carnavalesco, o qual denominaram Fica Ahí P'ra Ir Dizendo, por iniciativa de Osvaldo, o qual indicou também as cores que identificariam o grupo – azul e branco. Logo se somaram a iniciativa outros homens, os quais levaram para o desfile daquele ano o referido cordão. A partir desta primeira demonstração pública, outras pessoas se interessaram pelo grupo, os quais seguiram mantendo atividades que visavam o encontro de pessoas negras da cidade. No momento, vigorava a prática de impedirem os negros de frequentarem alguns locais, como por exemplo, os dedicados à sociabilidade. Seguindo o exemplo dos outros clubes voltados aos negros na cidade, surgia um novo clube, o qual teve na sua primeira diretoria os seguintes cargos e respectivos associados:

Presidente: Lino Ribeiro  
Vice-presidente: Renato Souza  
Primeiro-secretário: Osvaldo Guimarães da Silva  
Segundo-secretário: Edgar Silva  
Primeiro orador: Antenor Vieira  
Segundo orador: Joaquim Rollo  
Primeiro porta-estandarte: João Brizolara  
Diretor Musical: Antonio Ramos  
Diretores: Felisberto Cuica, Mário Porto, Antero Rodrigues,  
Jorge Barcelos e José da Silva. (Histórico oficial do Clube  
Cultural Fica Ahí P'ra Ir Dizendo redigido por Giselda Marques)

O clube ocupou três sedes antes de erigir a sede atual, as quais eram alugadas, todas localizadas nos limites do centro da cidade. A primeira situava-se na Rua Félix da Cunha, 815, na década de 1920 o clube transferiu-se para uma Rua próxima, Cassiano do Nascimento próximo à Rua Gonçalves Chaves e na década de 1930, mais precisamente em 1935, o clube voltou a se localizar na Rua Félix da Cunha, 774. Desde 1954 o clube localiza-se na rua Marechal Deodoro, número 368.

## A RESISTÊNCIA NEGRA NA HISTÓRIA DO BRASIL

Ao cruzar fontes textuais contemporâneas com fontes documentais do período abarcado pela pesquisa, que acusarão a visão atual e recuada sobre os reflexos da conjuntura histórica nas ações pretendidas pelos sujeitos abordados, a problematização citada acima pretende ser dissecada.

Os negros, tidos aqui enquanto principais sujeitos, dão corpo ao objeto exatamente quando se colocam como atores do processo desencadeado no pós-abolição. Na busca de convencionar originalidade com relevância da pesquisa o que irá realmente dar relevância ao trabalho são as fontes. E é aí que tenho a possibilidade de aparar as arestas de meu imenso cubo de idéias. O cordão e o período a ser abarcado nessa pesquisa trazem fontes documentais inéditas, disponibilizadas junto ao clube além de questões complexas e de importante compreensão ainda atualmente, mas que não se encontram respondidas pelos estudos que trazem a temática no tocante ao espaço do Rio Grande do Sul.

A época a ser abrangida estava imbuída pelo mito da democracia racial, segundo o qual as raças viveriam em plena harmonia no Brasil e com igualdade de oportunidades a todos (GUIMARÃES, 2005), na qual está inserida a construção do ideário de branqueamento. Constituiu um ideal e um valor social não somente aos negros, mas a população brasileira em geral. Torna-se então interessante perceber a visão internalizada pelo grupo negro, a partir das formas de exteriorização por nós interpretadas, tendo-se como ponto de referência as fronteiras que auxiliam na concepção das identidades fechadas ou negociadas.

Porém, o estudo insere-se também no objetivo de tornar evidente que o grupo em questão não apresenta fronteiras fixas e é percebendo o rompimento de fronteiras que nos é permitido absorver, ao menos em parte, a diversidade e complexidade desse imenso cubo (NEGRO & GOMES, 2006) residindo ainda nesse fato a possibilidade de construir uma interpretação da complexa questão da identidade.

O trabalho busca ainda abordar o estudo atual de discussão da discriminação no Brasil, no qual o Cordão está inserido enquanto fonte de resistência ou reprodutor de uma ordem vigente na época histórica trabalhada,

não deixando de se constituir como local de engrandecimento e valorização da "raça" negra. Percebe-se então que o agente reconstrói a história a partir do "senso comum", readaptando-a à sua maneira de viver e pensar. Com o objetivo de evidenciar isto trabalharemos com o ideal de branqueamento e como transparece a partir dos comentários realizados a respeito do jornal *A Alvorada* e, principalmente, em relação às mulheres do *Fica Ahí*, evidenciando sempre que possível a moral buscada sobre a mulher negra visto que ela aparece na documentação pesquisada somente na medida em que é alvo de regras que visam implementar o referido ideal, dando assim continuidade a bifurcação e/ou complemento oriundos da "raça" negra e branqueamento.

Percebemos uma carência de estudos acadêmicos referentes às organizações sociais entre os negros no período subsequente à escravidão no Brasil. Mesmo sendo uma constante em diferentes cidades o estabelecimento dessas organizações, principalmente na segunda década da República e permanecendo até as décadas de 30 e 40 do século XX, em algumas cedendo lugar ao surgimento das Escolas de Samba, são poucas ainda as pesquisas que se detêm ao surgimento dessas organizações, principalmente no pós-abolição<sup>2</sup>.

Nacionalmente, a maior parte dos estudos que se referem à situação do negro na república se limita ao período imediatamente pós-abolição e têm sido produzidos com foco nos agentes que atuam sobre os negros nessa nova realidade social e econômica. Exemplo disso está em "*Trabalho, Lar e Botequim: o cotidiano dos trabalhadores no Rio de Janeiro da belle époque*", de Sidney Challoub (2001), no qual o autor aborda as necessidades da classe dominante no Brasil, acerca da formação de uma ideologia do trabalho, em um contexto de transição do uso da mão-de-obra escrava para a mão-de-obra livre (assalariada).

Em Pelotas, o negro foi o trabalhador por excelência no período do pós-abolição, conforme é destacado na análise de Loner (2001) sobre a construção da classe operária na cidade. A autora busca essa construção, através das entidades, não somente classistas, mas também as que evidenciavam o caráter operário e é então que se comprova a grande participação de negros,

<sup>2</sup> Ver Germano (1999); GILL & LONER (2007); Lazzari (1998); Leite (1996); Loner (1999, 2001, 2008); LONER & GILL (2007); Müller (1999).

não somente entre os membros, mas também nos cargos diretivos. Ao tratar das duas primeiras décadas do século XX, seu estudo alerta para uma modificação e reestruturação das mesmas, sendo que principalmente as entidades de cunho beneficente darão lugar às de cunho recreativo e carnavalesco. Em relação às agremiações bailantes, das quais o cordão em questão faz parte, o estudo de Loner relata que provavelmente fosse nessas que a divisão racial se dava de forma mais marcante, mostrando casos em que negros não poderiam entrar em bailes de brancos e vice-versa. Destacando-se nesse ponto então o objetivo de buscar, através desse estudo, a forma como os integrantes de um cordão negro vivenciaram o período do pós-abolição e reflexos específicos, possíveis de serem apreendidos.

Grande parte dos estudos sobre os negros, conforme pode ser percebido a partir dos dois exemplos acima, estão centrados na classe trabalhadora no Brasil, ou seja, na *formação da classe operária*. Mas, principalmente nos estudos anteriores a década de 1970, tendia-se a não buscar as organizações e associações recreativas dos trabalhadores em geral, então não percebidas ou até mesmo não procuradas enquanto locais que proporcionavam espaços de sociabilidade que escapavam ao domínio patronal ou sindical.

Na pesquisa que ora inicia a expressar seus resultados, tendemos a concordar que não pelo fato de se colocarem inicialmente enquanto espaços de sociabilidade, esses deixassem de evidenciar influências importantes da classe dominante, conforme pode ser absorvido dos escritos proporcionados pelos historiadores acima citados, além de alguns outros<sup>3</sup>. Observamos ainda uma lacuna, nos escritos anteriores a 1970, em não abordar uma quase exclusão dos negros da história do trabalho, que havia sido o trabalhador por

---

<sup>3</sup> Alguns trabalhos históricos produzidos principalmente a partir de 1990, utilizando-se da história social com o aparato metodológico do materialismo histórico, demonstram a construção da classe operária brasileira a partir da análise não somente de entidades classistas, mas também e, principalmente, étnicas destinadas inicialmente à sociabilidade. Acreditamos que esta divisão pode ser uma evidência das possíveis diferenças de interesses dentro dos grupos formadores da classe operária brasileira, antecipando os interesses do grupo étnico à questão classista. Alguns desses trabalhos buscam ainda deterem-se na consciência de classe e na luta de classes "sem" classes. Esse não será um tema aqui abordado devido ao espaço que tal complexidade exigiria. Para análises aprofundadas centradas nas questões aqui superficialmente levantadas ver: Chalhoub (1990); Domingues (2004); Loner (1999, 2001); Negro & Gomes (2006); Santos (2003).

três séculos no país, e, por conseguinte, da participação desses nas organizações classistas ou culturais (NEGRO & GOMES, 2006, pp. 222 e 224).

As fontes sugeridas aqui e que se assemelham na temática de pesquisa, deixam em aberto, portanto, a necessidade de investigação do lugar do negro na sociedade por ele mesmo, ou seja, como ele se percebe naquele momento e em que suas entidades auxiliam nessa percepção, principalmente no período após a transição para o trabalho livre. Assim, nós reiteramos como objetivo a percepção da relação identidade/branqueamento dentro do cordão *Fica Ahí*, visto que assim buscamos, dentro da perspectiva da história social, no Brasil fortemente influenciada pelas conexões sugeridas por Thompson entre a História e a Antropologia Social<sup>4</sup>, perceber as experiências do grupo negro que freqüentava o cordão enquanto suas relações de influência e emaranhados de cultura e poder.

Pelotas, por ter se caracterizado como pólo charqueador durante o período escravista, manteve os negros em ocupações diversas no momento subsequente, porém não temos conhecimento de trabalhos, além dos aqui relacionados, referentes ao período cronológico que pretendemos abarcar nessa pesquisa. Também não temos conhecimento de trabalhos referentes ao estudo centrado em clubes carnavalescos negros que tivessem como objetivo perceber a relação identidade/branqueamento.

Comprovado o interesse e a possibilidade de fontes para o desenvolvimento do tema selaremos aqui as intenções, não significando que estas tenham que ser fechadas sem que as fontes nos mostrem interferências que possam interceder nas previsões. No entanto, para o desenrolar, é preciso que se apresente o parâmetro inicial. Abordar a relação entre o Cordão carnavalesco negro *Fica Ahí*<sup>5</sup> e o jornal negro *A Alvorada*, no tocante a constituição de uma identidade negra e o ideário de branqueamento, presentes na comunidade negra<sup>6</sup> no entorno do Cordão é, então, a inspiração geral desse trabalho.

<sup>4</sup> A respeito da relação entre História e Antropologia ver o texto de E. P. Thompson em "As peculiaridades dos ingleses e outros artigos" (2001, pp. 227-28). Ver NEGRO & GOMES (2006, p.221).

<sup>5</sup> O cordão era denominado no senso comum apenas por *Fica Ahí*, sendo que o nome oficial é *Fica Ahí P'rá Ir Dizendo* e, mesmo ao adotar a denominação oficial em 1952 de "clube", o mesmo perpetuou-se na memória como clube *Fica Ahí*.

<sup>6</sup> Este será um conceito (comunidade negra) abordado com especificidade no capítulo 2.

Juntamente à documentação do *Fica Ahí*, por ser um trabalho em que o registro histórico é o objetivo principal, foi indispensável o cruzamento das fontes documentais com livros. No caso dos documentos primários, trabalhou-se com o Livro de Atas de Diretoria e de Assembléia do Cordão Carnavalesco *Fica Ahí*, referente aos anos de 1938-1943 e o Livro de Presenças, referente aos anos de 1939-1943. Essa documentação encontra-se sob responsabilidade do clube, na cidade de Pelotas.

A cidade de Pelotas foi sede de uma ampla rede associativa negra, que congregou desde associações esportivas, mútuas, religiosas, recreativas e carnavalescas. As primeiras décadas do século XX caracterizaram-se por uma nova orientação nos objetivos das organizações dos negros em Pelotas. Formam-se então, organizações que, aliadas às lutas contra a discriminação, contam com caráter maior de sociabilidade. Será tratado aqui o contexto histórico no qual surge e se estabelece o cordão *Fica Ahí P'ra Ir Dizendo* (27/01/1921) e o hebdomadário negro *A Alvorada* (1907-1965). O jornal, conforme análise de José Antonio dos Santos, em "*Raiou a Alvorada: Intelectuais negros e imprensa*" (2003), configurou-se provavelmente no mais longevo da imprensa negra de circulação no país. Pretendemos focar o início da organização negra no período e as influências em nível nacional que começavam a ser percebidas, já que o Cordão, a ser tratado adiante, se configurou como espaço de organização negra a partir de associações negras anteriores ou concomitantes.

O objetivo global deste trabalho é demonstrar a importância histórica principalmente para o segmento negro da cidade e para a comunidade pelotense como um todo no sentido de manter organizações próprias da cultura negra e preservá-las através de tombamento municipal.

### **Contexto histórico-social: a cidade de Pelotas**

Pelotas é uma cidade localizada no estado do Rio Grande do Sul, no extremo sul do Brasil, a qual ganhou importância em função das charqueadas que começaram a se instalar ali a partir de 1779 (Magalhães, 1993). As charqueadas foram se instalando ao longo do Canal de São Gonçalo e logo se estabeleceu um importante pólo charqueador na cidade, e conseqüentemente, houve grande presença da mão de obra negra que foi utilizada em tais

estabelecimentos e naqueles derivados, subsidiários dos produtos da charqueada como curtumes, fábricas de sabão, de velas, etc. A quantidade expressiva de estabelecimentos saladeiris acarretou um importante desenvolvimento econômico, político e cultural na então Vila de São Francisco de Paula, a qual foi elevada à categoria de cidade em 1835.

O foco charqueador desenvolvido na cidade de Pelotas utilizava-se da mão de obra escrava, fazendo com que a população de cativos fosse consideravelmente expressiva, principalmente ao longo das margens do canal de São Gonçalo, local onde preferencialmente se estabeleceram as charqueadas. Segundo Bakos (1982, apud LONER, 2008, p. 246):

Na região de Pelotas e Rio Grande, a introdução do negro se deu precocemente, juntamente com o povoamento da região, intensificando-se a partir do final do século XVIII, com o desenvolvimento das charqueadas, o que resultou numa das maiores concentrações regionais do elemento afro-descendente. Pelotas teria 1.226 escravos em 1814 e 4.788 em 1859, alcançando o ápice de 6.526 em 1884, mas decrescendo para 2.831 no ano seguinte, devido à estratégia empregada de transformação dos escravos em contratados. [...] No cômputo geral, isso significava que este município, sozinho, era responsável pela utilização de quase 10% do total de escravos do estado.

A expansão e o auge da produção charqueadora deram-se entre as décadas de 60 e 90 do século XIX, conforme é destacado por Magalhães (1993), essa expansão por sua vez fica evidenciada na passagem acima, percebendo-se o aumento significativo de escravos na região no dito período. Como a safra do charque dava-se apenas no período de verão, na entressafra esses escravos mantinham-se ocupados principalmente no espaço urbano, em construção de casas para seus senhores e em olarias. Segundo Loner (2001), nos anos 80 do século XIX existiam cerca de 6 mil negros na região e cerca de 2 mil encontravam-se nas charqueadas enquanto os demais se encontravam, livres ou cativos, no espaço urbano.

Em outro estudo, essa autora em conjunto com Gill (2007) se detém na organização negra encontrada na cidade entre finais do Império e a Era Vargas, na qual se evidenciam a formação de sociedades, principalmente mutualistas, as quais contavam seus membros de maioria ou totalidade negra, principalmente na década de 1870, tendo-se tanto voltadas para o grupo negro em geral, como a Feliz Esperança, que aceitava em seu quadro associativo

escravos, e as por categorias profissionais, como a Fraternidade Artística, fundada por artesãos negros em 28/10/1880.

As entidades de caráter misto também existiam, como por exemplo, a Harmonia dos Artistas, criada em 1881, a qual objetivava reunir os artesãos. Nessa entidade, conforme destacado em Loner (2008), o primeiro presidente tinha a "tez escura". Entre as associações de caráter recreativo, as quais costumavam se agrupar por etnia ou cor da pele, também existiam as que congregavam negros, destacando-se o bloco Netos d'África, o qual apresentou presença marcante nas festas pela comemoração da emancipação de escravos que ocorreu na cidade, em 1884. Dentre as recreativas teve-se ainda o Recreio dos Operários, fundada em 1888, congregando artesãos, que de certa forma contrapunha-se a Recreio dos Artistas, freqüentada apenas por brancos.

A perda de mercados para seu produto, o charque, fez com que a cidade entrasse em uma crise econômica forte na última década do século XIX e primeiras décadas do século XX. A crise de 1929 intensificou ainda mais essa crise, culminando com o fechamento do principal banco da cidade, o Banco Pelotense (1906-1930). Porém, mesmo em meio às turbulências econômicas o pólo cultural continuou a se desenvolver na cidade. Com a abolição da escravidão, muitos dos elementos afro-descendentes mantiveram-se na cidade e, intensificaram sua associabilidade, diversificando-a. A cidade foi sede de uma ampla rede associativa negra, que congregou desde associações esportivas, mutuais, religiosas, recreativas e carnavalescas. Essa rede, que conforme Loner (1999), teve início ainda nos últimos anos da escravidão, serviu como importante fator de integração social e cultural da raça negra, visto que a discriminação se manteve forte e extremamente presente na sociedade pelotense.

Nesse sentido, o trabalho busca abordar o estudo atual de discussão da discriminação racial no Brasil, no qual o Cordão está inserido enquanto reprodutor de uma ordem vigente na época histórica trabalhada, porém, não deixando de constituir-se como local de engrandecimento para a parcela negra congregada em torno do mesmo, a partir das especificidades que iremos abordar no próximo capítulo. Para tal, o trabalho insere-se no uso e discussão do conceito "raça", uma vez que segundo Guimarães:

[...] aparece a necessidade de teorizar as 'raças' como elas são, ou seja, construtos sociais, formas de identidade baseadas numa idéia biológica errônea, mas **socialmente eficaz para construir, manter e reproduzir diferenças e privilégios**. Se as raças não existem num sentido estrito e realista de ciência, ou seja, se não são um fato do mundo físico, elas existem, contudo, de modo pleno, no mundo social, produtos de formas de classificar e de identificar que orientam as ações humanas (GUIMARÃES, 2005, p.67, grifo nosso).

Referendamos, assim, a posição de que a raça deve ser vista como constructo social e não biológico. Raça tem existência nominal, efetiva e eficaz no mundo social e é de extrema importância abordar tal conceito a fim de compreender diferentes meandros da história do racismo, na qual se faz necessário buscar a ação da elite relacionada com a ação popular, estudando as condições econômicas e sociais. Pretendemos abordar um pequeno recorte do debate teórico em questão, a partir do Cordão Fica Ahí, que se encontra inserido em um contexto político, econômico e social, o qual se reflete em suas ações internas.

### ASSOCIAÇÕES NEGRAS NO INÍCIO DO SÉCULO XX

As primeiras décadas do século XX caracterizaram-se por uma nova orientação nos objetivos das organizações dos negros em Pelotas (LONER & GILL, 2007). Formaram-se então, organizações que, aliadas às lutas contra a discriminação, contaram com caráter maior de sociabilidade. Algumas dessas associações surgiram de forma independente enquanto outras partiram de estruturas encontradas anteriormente. Entre essas se destacaram os Cordões Negros – *Depois da Chuva* (19/2/1916), *Chove Não Molha* (26/2/1919), *Fica Ahí P'ra Ir Dizendo* (27/01/1921), *Quem Ri de Nós têm Paixão* (1921) e *Está Tudo Certo* (1931) – e a Liga de Futebol Independente José do Patrocínio. Dessas organizações, apenas os clubes Fica Ahí e Chove Não Molha mantêm-se em funcionamento atualmente.

O Cordão Fica Ahí foi fundado com intento de aproveitar as comemorações de momo, sob a forma de Cordão carnavalesco. Destacou-se frente aos demais pela contínua participação em todos os carnavais, seja em cortejos pelas ruas da cidade ou através de seus bailes. Os seus Estatutos eram muito rígidos e o controle da moral, principalmente sobre as mulheres,

era rigoroso. Logo ele passou a ser considerado um clube da elite negra pelotense, em virtude de tais padrões, os quais exigiam que as pessoas possuíssem certa estabilidade profissional e moral para pertencerem aos quadros da entidade (GILL & LONER, 2007).

Os Cordões serviam como reduto da raça negra, fruto da discriminação vigente na cidade que impedia a participação de negros nos demais clubes sociais, tidos como clubes de branco. Assim, os Cordões passaram a agir como importantes idealizadores da união da raça negra, traçando metas de ação que ora assemelham-se à consolidação de uma identidade negra, ora a uma assimilação dos valores vigentes na sociedade dominante, composta predominantemente por brancos, e ora mesclam esses elementos em busca de uma via alternativa de sobrevivência e inserção na sociedade brasileira.

A rede social negra, que continuava então a desenvolver-se na cidade, constituiu, além dos clubes e da Liga, um hebdomadário negro, *A Alvorada* (1907-1965). O jornal constituiu-se, provavelmente, no mais longo da imprensa negra de circulação no país (SANTOS, 2003). No jornal é possível encontrar as expectativas dos negros brasileiros em torno da ascensão social, mesmo que demonstrando, por vezes, colocações dúbias quanto às formas de alcançar esse objetivo. Por vezes, elencavam valores da raça em torno de uma identidade negra fechada, exemplificados através das páginas do *A Alvorada*, em que alguns articulistas colocavam os negros como parte de uma "raça etiópica", referenciando a Etiópia simbolizada como "resistência e liberdade para os negros e africanos espalhados pelo mundo, desde 1896, quando resistiu à invasão italiana sob o comando de Menelik II" (SANTOS, 2003, p.167), em outros, valores impostos pela noção de "democracia racial", ou do que a historiografia convencionou denominar de "ideologia do branqueamento".

"O homem nasceu livre, mas em toda parte está acorrentado."

J.J. Rousseau, 1762.

## O DOCUMENTO E ALGUMAS REFLEXÕES METODOLÓGICAS E HISTORIOGRÁFICAS

A frase de Rousseau citada acima é de grande valia para o estudo em questão, visto que nesse capítulo, buscamos perceber a situação de parcela dos negros pelotenses, a partir de um pequeno prisma, o Cordão Carnavalesco Fica Ahí P'ra Ir Dizendo. A percepção sobre o mesmo apontará nossa visão a respeito das amarras das quais se desvencilharam, conviveram ou tiveram de conviver, assim como a forma como lidaram e refletiram sobre as mesmas.

A intenção que se faz presente aqui é a de desenvolver uma investigação minuciosa em História Social sobre a cultura dos trabalhadores negros de Pelotas, em meados do século XX. Tentando observar as manifestações culturais através do Cordão carnavalesco como indícios da ação de influência cultural própria do clube, assim como os reflexos das determinações e exigências da ideologia dominante na constituição das identidades negras que se formaram. A cultura aqui é compreendida como algo dinâmico e revelador das identidades que esses negros produziram na busca ou na concretização dos momentos de sociabilidade. .

Porém, antes de adentrarmos no fragmento da história desse Cordão, gostaríamos de evidenciar os documentos que nos permitiram compor o texto que ora se apresenta, o qual pretendemos que se transforme em uma *fonte histórica*. Chalhoub (1990), referindo-se ao papel do historiador e suas peripécias com os documentos, principia sua análise relatando o que ele denominou de "método de Zadig", a partir da obra de 1747, *Zadig ou o destino*, de autoria de Voltaire. Esse método vem sendo desenvolvido por alguns historiadores, como Ginzburg, o qual abordou o "paradigma conjectural", configurando-se este em um modelo interpretativo. O método oferece importância essencial aos detalhes, tidos, inicialmente, como marginais e irrelevantes.

Nesse sentido é de grande valia o que nos colocou Lara<sup>7</sup> em referência às fontes escritas. Ao diferenciar fontes de documentos, para tal autora, os historiadores buscam transformar os textos escritos em *fontes históricas*, visto que os documentos utilizados nessa construção não foram concebidos para serem *fontes históricas*, eles são transformados pelos historiadores, que os concebem enquanto informação sobre o passado. Nesse sentido, a mesma coloca ser necessário nos questionarmos sobre o seguinte: O que foi escrito é importante? O que o documento descreve? E como descreve? É a partir das respostas oriundas desses questionamentos, que o historiador então produzirá as informações que está buscando.

No caso em questão, os documentos que nos permitiram descrever os pormenores empíricos foram as Atas da reunião, de Diretoria e de Conselho e, de Assembléia do Clube Fica Ahí de 1938-1943. As Atas encontram-se juntas, ou seja, não existe uma separação entre atas de Diretoria e de Assembléia, o discernimento é feito ao lado da data, no qual consta "Diretoria" ou "Assembléia", contou-se ainda com atas de Sessões extraordinárias, porém, algumas não trazem a especificidade. Nesse sentido, o Livro de Presenças de 1939-1943 foi de grande valia, a fim de sabermos o objetivo pretendido pelo documento, visto que, no mesmo, além de constar os membros presentes traz a que se destinava a reunião sendo assim possível comparar a forma, e estabelecer se as anteriores eram atas de Diretoria e de Conselho ou de Assembléia.

Os documentos utilizados têm início em 23 de março de 1938, com a Ata de número 100 e findam em 12 de julho de 1943, com a Ata de número 279. Contamos com a descrição de 188 Atas, sendo que destas 178 são de diretoria, duas de Sessões Extraordinárias e oito de Assembléia Geral. As atas de diretoria trazem os assuntos do Cordão, seus sócios, pretendentes a sócios, problemas na sede e com associados, assim como estabelecem as atividades, trazem balanços financeiros e assuntos afins. Esses são os documentos que maiores detalhes trazem sobre o grupo que circulava em torno desse Cordão e que aqui procuraremos esmiuçar. Já as de sessões extraordinárias, envolvem

---

<sup>7</sup> Curso de extensão: A fala da referida autora, foi ministrada no Encontro Estadual de História, realizado pela ANPUH-RS de 14 a 18 de julho de 2008, em uma mesa intitulada "O Historiador e as Fontes Escritas", realizada em 15 de julho de 2008.

somente a nominata dos cargos diretivos do referido Cordão, seja em função de novas eleições ou devido a afastamento ou demissão. As de assembléia geral envolvem as eleições, apuração dos votos e posse das novas diretorias. Pode perceber-se que as reuniões para eleição de nova diretoria são as que reúnem mais sócios nas dependências da entidade, como a sessão do dia 21 de agosto de 1939, a qual reuniu 112 associados (Livro de Presenças de 1938 a 1943).

Os relatos observados nesse estudo trazem as discussões suscitadas em função das festividades desenvolvidas pelo Cordão. Essas eram decididas mediante reuniões, as quais se desenvolviam uma vez por semana, normalmente nas segundas-feiras, no período da noite. Nas atas se encontram muitas discussões a respeito do comportamento feminino. Evidencia assim, a preocupação constante com os valores morais pretendidos pela sociedade em geral e em consequência pelos membros diretivos do clube. Esses, assim como os demais membros da associação, buscavam serem aceitos pela sociedade branca, demonstrando que o caráter não se encontraria na cor da pele, mas, no comportamento, o qual segundo os mesmos deveria então ser o mais límpido possível.

Nesse sentido, tomamos como *ritual* as discussões percebidas nas atas em relação ao comportamento pretendido, não apenas o feminino, embora para este se encontre um destaque, mas para as demais pessoas que circulavam pelo clube e com as quais o as associadas mantinham contato. Corroboramos então com o proposto por Thompson (2001) ao analisar os rituais de compra de esposas para o seu estudo, e que no caso em questão, oferece subsídios para a interpretação das atas: "Portanto, a importância desses rituais reside no fato de que, identificados quais os tipos de conduta (sexual, marital, pública) ofendem a comunidade, revelam-se também as normas dessa comunidade" (THOMPSON, 2001, p. 249).

É justamente nos momentos de embate com a 'ordem' em questão que se encontram os subsídios com o qual se constrói esse estudo, como por exemplo, num debate em torno da filha de uma sócia do Cordão, dona Georgetta Barbosa. Em 18 de abril de 1939 tem-se a primeira aparição escrita do referido caso nas atas, encontrando-se envolvidas pessoas de presença marcante no clube e também na comunidade negra pelotense, conforme

analisado por Santos (2003), como os membros diretivos Rubens Lima e Carlos Torres. O primeiro foi presidente do Cordão durante o ano de 1938 e futuro proprietário do jornal negro pelotense *A Alvorada*, enquanto que o segundo fez parte do conselho consultivo da Frente Negra Pelotense e esteve presente em todos os anos abarcados por essa pesquisa nas atas referentes à diretoria. O caso tem início em 18 de abril de 1939, quando "Rubens Lima põe em discussão a acusação que fizera na sessão passada [não constou na ata anterior a esta] o segundo secretário contra uma das filhas de dona Georgetta Barbosa, que andava em más companhias". Carlos Torres então ficou incumbido de redigir um ofício e encaminhá-lo à mãe da moça relatando o ocorrido (Ata 118), quase um mês após, em 10 de maio de 1939, o documento analisado traz a seguinte colocação:

Lê-se o ofício do sr. Orfelino Barbosa em que este fala do problema havido com a sua irmã, filha de Georgetta Barbosa, que a menina andava em más companhias. Ele responde dizendo que, com a pessoa com a qual ele convivia maritalmente, a moça sua irmã andou apenas duas ou três vezes e que com a outra pessoa era engano. E que ele, Orfelino havia-se retirado de sua casa, para evitar que se repitam esses casos. Em vista disso, resolveu-se expedir o permanente da referida família (Ata nº. 121).

Essa colocação evidencia *os tipos de conduta que ofendem a comunidade*, nesse caso, a comunidade negra circulante em torno do Cordão, assim como as regras seguidas e aceitas para fazer parte desse clube. O ofício do sr. Orfelino nos oferece ainda a interpretação da importância dada pelos membros e pretendentes a tal, às normas estipuladas pelo Cordão, visto deixar claro que o mesmo havia se retirado de casa a fim de que a irmã não mais enfrentasse esse tipo de problema. Nesse caso não temos subsídios para saber se o irmão também era pretendente a sócio, mas mesmo que não fosse, é interessante o fato de que o ofício foi encaminhado à mãe, provável chefe dessa família, em referência à filha, o que evidencia a moral pretendida pelos membros principalmente em relação às mulheres.

Os registros aqui utilizados foram construídos principalmente em função de festividades desenvolvidas pelo Cordão, sejam as que estavam em preparação, sejam as que já haviam ocorrido. No entanto, é necessário compreender um pouco do motivo que deu origem ao clube. O Cordão carnavalesco negro Fica Ahí foi fundado principalmente em função da discriminação vigente na sociedade pelotense, essa associação surgiu então

para congregar uma parcela dos negros pelotenses que queriam pular o carnaval de acordo como o que o grupo de pessoas que o fundou achava que deveria ser feito e segundo as suas regras. Percebendo-se nesse aspecto a idéia de mostrar que os negros também sabem ser dignos, encontrando-se uma perpetuação de valores, uma identidade própria ao grupo. Em alguns momentos é possível perceber a perpetuação de certos valores, mas em outros há uma crítica a ordem social, aspectos esses os quais serão evidenciados ao longo do texto.

Uma das questões principais que pode ser abordada com o auxílio da História social é a reflexão sobre a função social desenvolvida pelos trabalhadores negros na sociedade pelotense na primeira metade do século XX, configurando-se nesse aspecto uma ponte possível de ser traçada em nosso objeto de estudo, ao observar o mundo do trabalho e as atividades desenvolvidas pelo Cordão. É possível destacar um aspecto concernente a essa ligação, através do horário das reuniões de diretoria realizadas na sede da entidade. As mesmas se realizavam uma vez por semana, normalmente às segundas-feiras, e por tratar-se de um dia de trabalho, tanto no dia da mesma como no próximo, convencionou-se que as reuniões deveriam realizar-se entre às 21h e 23h. Talvez houvesse também uma preocupação com o estigma de desordeiros que perseguia os negros de então, devendo-se a isso a preocupação em não estender noite a dentro as reuniões para que os mesmos não fossem tidos como vagabundos e desordeiros, embora a leitura das atas evidencie que em muitos casos as reuniões prolongavam-se, somando-se ainda a obviedade de terem de acordar cedo no dia seguinte para mais um dia de trabalho.

A principal questão aqui recai sobre os sujeitos e atores desse meio social. Seguindo essa perspectiva de análise, podemos observar o Cordão carnavalesco Fica Ahí como um dos meios de expressão das camadas menos abastadas financeiramente que almejavam inserir-se na vida social pelotense e propor um novo costume. Entendam-se aqui os Cordões, como novo costume, conforme é colocado por Barreto (2003), em estudo centrado no carnaval pelotense de que os blocos, cordões ou ranchos começaram a proliferar nos primeiros anos da década de 1920. Abrangendo homens e mulheres, com suas

respectivas funções, ou, com diferentes tonalidades de cor da pele e trabalhadores dos mais diferentes setores.

É nesse emaranhado de documentos, leituras e vestígios por nós observados que buscamos então constituir a história de uma parcela da comunidade negra pelotense. Tomamos nesse estudo como parâmetro para compreender o que vem a constituir-se enquanto *comunidade*, a colaboração de Domingues (2004) em estudo centrado no pós-abolição em São Paulo, de que:

Comunidade é um agregado de pessoas que tece laços de afinidades culturais, partilha de um passado comum e revela consciência de sua singularidade como "grupo específico", quando se insere em determinada estrutura social (DOMINGUES, 2004, P. 311).

Continuando amparadas nas reflexões desse autor concordamos que:

É a oposição à sociedade global (ou dominante) que gera a auto-afirmação existencial de qualquer grupo específico. Destarte, a identidade da comunidade negra foi construída de maneira contrastante à sociedade branca. Mas insistimos: **a unidade na ação dos negros não anulava a diversidade que marcava a dinâmica interna**, tanto desse grupo étnico quanto a de qualquer outro grupo. As contradições no interior da coletividade negra eram reflexos de ajustamentos, desajustamentos e reajustamentos presentes no processo socioeconômico e ideológico de adaptação à sociedade competitiva na conjuntura de transição do trabalho escravo para o livre (DOMINGUES, 2004, p. 312, grifo nosso).

Neste estudo, coloca-se de fundamental importância perceber essa *comunidade negra* a partir de seus *limites*, suas fronteiras. É necessário ainda, enfatizar a acuidade às colocações trazidas por esse autor, em referência à diversidade que marcava a dinâmica interna do clube. Assim, é possível começarmos a descrever e interpretar as atitudes tomadas pelos membros diretos, que se assemelham ao tido como "embranquecimento", evidenciado principalmente nas interfaces entre o Cordão e o jornal, mas que a nosso ver encaminham-se para a constituição de uma identidade negra positiva para os membros do Cordão.

Nesse ponto é necessário enfatizar que a identidade negra é, por nós percebida, justamente em decorrência da percepção *da dinâmica interna* do citado grupo, visto que o conjunto aqui abordado é apenas uma parcela de um todo. Acreditamos que esse seja um ponto, em parte deixado de lado pelas visões que tendem a ver as atitudes dos negros como reflexos puros e simples de branqueamento. Pretendemos assim fornecer uma contribuição às

pesquisas que procuram perceber as relações raciais da etnia afro-descendente a partir do ponto de vista dos próprios negros.

É necessário enfatizar ainda a contribuição de Santos (2003) ao buscar os *intelectuais orgânicos* envolvidos com o jornal *A Alvorada* que buscavam a sua maneira, evidenciar e contrapor o preconceito de cor no país:

Existiam limites bem demarcados no interior da sociedade pelotense que definiam os espaços de convivência e circulação dos indivíduos que formavam a comunidade negra. Estes limites diziam respeito principalmente aos operários negros, na grande maioria sujeitos à discriminação racial e social mesmo entre seus colegas de condição social operária (SANTOS, 2003, pp. 185-186).

### **CORDÃO, BLOCO E/OU CLUBE NA PELOTAS DO PÓS-ABOLIÇÃO**

O Cordão Carnavalesco Fica Ahí P'ra Ir Dizendo foi fundado em 27 de janeiro de 1921, pelos jovens Osvaldo Guimarães da Silva, Renato Monteiro de Souza e João Francisco Ferreira. Os jornais da época apresentavam diferentes "definições" para as formações em busca de realizar os festejos de momo, entre elas principalmente grupos, cordões, ranchos e clubes. Barreto (2003) abordando o Carnaval pelotense entre 1890 e 1937, com base principalmente em notícias de jornais da época destaca o seguinte:

Logo após o desaparecimento dos préstitos, o Carnaval pelotense é tomado por inúmeros blocos, chamados indistintamente pela imprensa de cordões, embora também recebam a denominação usual de blocos ou ranchos. Boa parte dessas entidades teve vida curta (o tempo exato de um Carnaval ou, no máximo, de alguns carnavais, o período necessário para que seus componentes cansassem da folia, casassem ou deixassem a cidade) (BARRETO, 2003, p. 84).

A partir da constatação de Barreto, é possível evidenciar a importância que os denominados Clubes Carnavalescos Negros irão adquirir na comunidade negra pelotense. Não obstante, o Cordão Fica Ahí se destaca ainda hoje, visto que continua em funcionamento<sup>8</sup>, em conjunto com o Clube Cultural Chove Não Molha (26/2/1919). Cinco cordões negros destacaram-se na cidade em função do grande número de notícias encontradas, em conjunto com a memória de depoentes, sendo estes, além dos dois clubes já citados: *Depois da Chuva* (19/2/1916), *Está Tudo Certo* (1931) e *Quem Ri de Nós têm*

<sup>8</sup> Hoje é denominado de Clube Cultural Fica Ahí P'ra Ir Dizendo.

Paixão (1921)<sup>9</sup>. Esses cordões apresentaram grande inter-relacionamento social, não somente entre eles próprios, mas também com associações classistas ou esportivas, com destaque para a Liga de Futebol Independente José do Patrocínio, fundada em 10 de junho de 1919<sup>10</sup>, e políticas, como a Frente Negra Pelotense, fundada em 10 de maio de 1933<sup>11</sup>.

A partir das atas do cordão Fica Ahí foi possível identificar o contato, no período abrangido por essa pesquisa, com as seguintes associações da cidade: Quem Ri de Nós tem Paixão; *A Alvorada*; Corpo Cênico dos Homens da Catedral; S. R. Futurista; S. R. C. Depois da Chuva; Está Tudo Certo, Pelotas; Chove Não Molha. Encontramos ainda referência a alguns blocos, que se formaram dentro do Cordão, como o das Tendeiras, ou dentro dos Cordões co-irmãos como, por exemplo, o das Sevilhanas, que segundo Loner (2008) surgiu dentro do Chove Não Molha, adquirindo independência posteriormente. Tem-se alusão ainda ao Bloco dos Caipiras e dos Confeiteiros, além de manterem ligações com associações de cidades próximas.

<sup>9</sup> Dados coletados através da pesquisa "Clubes Carnavalescos Negros de Pelotas".

<sup>10</sup> A referida Liga, conforme destaca Loner (2001), congregava negros e mulatos e manteve intenso fluxo com a Liga Rio Branco de Rio Grande, fundada em 4 de agosto de 1926, a qual também congregava os times de futebol negros e mistos. Loner (2008) destaca em relação à manutenção da rede associativa negra nas cidades de Pelotas e Rio Grande uma preocupação que em conjunto com a luta contra o preconceito de cor, encontrava-se necessidade de oferecer locais de sociabilidade e lazer aos negros, em relação ao futebol a autora destaca o seguinte: "[...], houve um período em que quase não houve times mistos [...], com o que, no estado, se formaram três ligas de futebol negras: a Liga José do Patrocínio, em Pelotas, a Liga Rio Branco, em Rio Grande e a Liga Nacional Football Porto Alegrense, em Porto Alegre. Essas ligas vigoraram durante a segunda e terceira década do século XX, desaparecendo durante conforme diminui a segregação racial no futebol (LONER, 2008, p. 248)."

<sup>11</sup> Surgiu, já nos anos da década de 30 do século XX, grande preocupação em combater o analfabetismo entre os negros de Pelotas, consolidada com a criação da Frente Negra Pelotense tendo como fundadores José Aduato Ferreira da Silva, Carlos Torres, José Penny, Miguel Barros e Humberto de Freitas. A Frente tinha como órgão divulgador de suas idéias o jornal *A Alvorada*. Loner (1999, p.401) destaca dentre os objetivos da Frente: "congregação da etnia, 'ministrando-lhes idéias, ensinamentos nobres e altruísticos'; realizar palestras, conferências e ações tendentes a elevar o homem negro; organizar bibliotecas e cursos de alfabetização, além de 'pleitear a admissão de elementos de cor aproveitável nos ginásios'. Os sócios deveriam ter mais de 16 anos e só seriam aceitos 10% de elementos de outras raças, sendo a diretoria composta só de negros". A mesma autora evidenciou uma característica pertinente a Frente pelotense que a distanciava da Frente Negra Brasileira, fundada em 1931, a pelotense embora também lutasse contra o racismo e em favor da educação, não tentou transformar-se em partido político, embora fosse mais avançada politicamente que a Brasileira, (a qual tentou se transformar num partido político, sendo xenofóbica e varguista) visto que alguns de seus militantes eram socialistas ou comunistas.

Foi possível ainda, identificar uma circularidade acentuada, destacando-se as associações da cidade vizinha, Rio Grande. Nessa cidade identificamos as seguintes associações com o auxílio das informações presentes em Loner (1999, 2008): Centro Cultural Marcílio Dias, fundado em 1936, altamente voltado à alfabetização dos negros, o qual teve entre seus sócios o deputado classista Carlos Santos, muito respeitado pela comunidade negra pelotense (Santos, 2003); Estrela do Oriente, clube carnavalesco existente entre 1923-1948; Sociedade União Operária, entidade ligada ao proletariado organizado ou não, a qual manteve o jornal *A Evolução*; *O Tagarela*, jornal negro; Braço é Braço, importante organização, a qual surgiu como rancho em 1º de janeiro de 1920 e permanece em funcionamento até hoje, como clube cultural; Sociedade Recreativa Recreio Operário, clube carnavalesco em funcionamento de 1885 à 1937; S. R. Aliança; C. C. Paquetá e Floresta Recreativa Rio Grandina, entidade carnavalesca em funcionamento de 1941 à 1955.

Além disso, encontrou-se nas atas a proposição de manterem-se representantes em cidades próximas. Esses deveriam orientar os sócios em mudança, os quais poderiam então procurar aquelas pessoas que os conduziram, indicando as associações a serem freqüentadas assim como a conduta nas demais esferas da vida social e pessoal na nova cidade. Ao representante caberia também representar o clube nas entidades co-irmãs da cidade. Isso demonstra o alcance do clube e até mesmo a importância adquirida. Com essa prática percebe-se uma ampliação nas redes de relações. Nas atas encontramos um representante em Rio Grande, Pinheiro Machado e, a passagem abaixo citada, deixa transparecer que a capital do Estado também gozava de um representante ficaiano<sup>12</sup>.

Encontramos ainda um fato que nos chamou atenção, duas associações de nome homônimo ao Cordão, sendo uma em Uruguaiana, Recreativa Fica Ai, e outra em Porto Alegre, Fica Ai, Porto Alegre. Nesse sentido, é plausível perceber o destacado em ata do dia 22 de janeiro de 1940, na qual consta a seguinte passagem:

[...] O sr. Bugre Machado, através do sr. Waldemar Machado, comunica que, mesmo sem ter recebido a carta de apresentação do

<sup>12</sup> Nas entrevistas concedidas ao projeto *Clubes Carnavalescos Negros de Pelotas*, assim como nas notícias de jornais das décadas de 1910 a 1950, consta a expressão "ficaianos", em alusão aos membros do cordão do Fica Ahí.

clube, se fez presente na inauguração do Fica Ai, da capital, que tem muitos associados vindos de Pelotas ou antigos ficaianos que agora residem lá. (Ata nº. 153, grifo nosso)

Os Cordões da cidade informavam suas atividades a seus co-irmãos e sócios, principalmente com o auxílio da imprensa, mas não a imprensa da elite, embora essa proporcione indícios, mas sim a dita imprensa negra. A imprensa negra, seguindo as considerações de Santos (2003), teria se constituído no final do século XIX, com circulação mais restrita à comunidade negra. Entre seu conteúdo encontram-se a divulgação de festas em entidades sociais onde se concentravam principalmente negros e outros anúncios (reuniões operárias aparecem muito, mostrando que não estavam isolados num "gueto") assim como a veiculação de artigos relacionados ao discurso de inferioridade racial, ora opondo-se, mas ora reproduzindo. Encontrando-se nesse aspecto o que marcadamente a caracteriza enquanto imprensa negra, sendo assim, *defende* a comunidade negra.

Em Pelotas o principal órgão divulgador das idéias centrais aos negros de então, foi o hebdomadário de maior circulação no Estado e talvez do próprio país em relação aos jornais da imprensa negra, *A Alvorada* (1907-1965). Santos, que o estudou detalhadamente (2003) informa que foi fundado por trabalhadores, predominantemente negros. Dentre seus redatores e articulistas encontravam-se os irmãos Juvenal e Durval Penny, Rodolfo Xavier e Antonio Baobad, Armando Vargas, Carlos Torres, Dario Nunes, Humberto de Freitas, Ivo Porto e Miguel Barros. O objetivo central do mesmo era, além de servir como veículo de informação, também e principalmente, agir em prol da defesa de seus irmãos de cor, colocando-se assim como protesto da comunidade negra e da classe operária pelotense. Juvenal Penny, um dos membros fundadores do jornal teria colocado como "programa" do semanário "a reivindicação pela '... igualdade de raça, o bem estar do operário e a instrução obrigatória'" (*A Alvorada*, 5 de maio de 1957 apud Santos, 2003, pp. 83). Por meio de suas páginas, podemos perceber as trajetórias de vida de alguns dos principais intelectuais negros pelotenses e líderes operários, bem como

acompanhar as discussões e demandas dos trabalhadores brasileiros daquele período<sup>13</sup>.

Em Pelotas o trânsito dos membros entre o jornal, cordões e associações operárias não foi diferente. Muitos membros do Cordão estavam presentes na redação da *Alvorada* e também no movimento operário da região, definindo-se assim um paralelo desses cordões, também exercendo e demonstrando necessidades e idéias vigorantes em ambos. Esse trânsito entre entidades classistas, congregadoras da raça e de sociabilidade em geral, foi proposto por Loner (2001) da seguinte forma:

Essa dupla representação era uma necessidade para os elementos mais conscientes da comunidade negra, pois sua luta era também dupla. Assim, ao mesmo tempo, eles tinham que participar de sindicatos ou associações de classe e de associações representativas da raça, recreativas ou esportivas. [...] Essa ligação entre a militância operária e a militância negra estará presente em várias ocasiões e em numerosas associações, contribuindo para manter um tom mais proletário mesmo nesses clubes recreativos e, provavelmente, pode estar na base de várias tentativas de reorganização de entidades sindicais, nos duros anos da República Velha (LONER, 2001, pp. 241-242).

Ao buscarmos o cruzamento de nossas fontes primárias com as secundárias, foi possível identificar este trânsito entre as associações. Na ata de número 100, a Diretoria e Conselho presumível teria a seguinte composição:

Presidente: Rubens Lima  
Outros integrantes: Waldemar Rodrigues, tesoureiro Francisco Braga, Dario Nunes, Carlos Torres, Amando Souza, Miguel Caldeira, Francisco Abreu, Lupicinio Ribeiro, Joaquim Dias.

O então presidente do Cordão será o proprietário do jornal *A Alvorada* a partir de 1946, sendo funcionário do porto de Pelotas (Santos, 2003). Dario Nunes, por sua vez, era tipógrafo e esteve na direção do *A Alvorada* nas décadas de 1930 e 1940, mantendo-se nas constituições da diretoria do clube por todo o período aqui abarcado. Carlos Torres era alfaiate e quando da compra do *A Alvorada* por Rubens Lima forneceu para sede sua alfaiataria (Alfaiataria Torres). Antes, Carlos havia feito parte do conselho consultivo da Frente Negra Pelotense.

<sup>13</sup> Para uma abordagem específica sobre os intelectuais orgânicos que circulavam no entorno do *A Alvorada* ver análise de Santos (2003).

Embora não constem nessa diretoria, encontramos presença marcante dos seguintes membros, corroborando com o trânsito entre as associações: Armando Vargas, Ivo Porto e Humberto de Freitas. Armando esteve no conselho consultivo da Frente Negra Pelotense, em conjunto com Carlos Torres e Ivo Porto, entre outros. Esteve à frente da diretoria do *A Alvorada* nas décadas de 1930 e 1940, e era tipógrafo, mesma profissão de Dario Nunes. A ata de 23 de março de 1938 demonstra o que, a nosso ver, já coloca a importância, ou reconhecimento, do mesmo perante a diretoria do cordão, visto que se tirou comissão para visitar filhas doentes de sócios, sendo que uma dessas, era a filha de Armando, a qual veio a falecer. Ivo, por sua vez, era membro fundador do cordão, e é encontrado em todo o período abarcado pela pesquisa, em conjunto com Humberto Freitas, aceitaram os cargos de diretor e subdiretor, respectivamente, funções essas desenvolvidas apenas no período de Carnaval, porém, as atas deixam ver que Ivo participava com frequência das reuniões durante todo o ano, sendo suas opiniões muito respeitadas pelos demais membros do clube. Foi ele o primeiro a levantar a idéia de realizar-se uma campanha pela sede própria, em 7 de setembro de 1939.

Humberto de Freitas, o qual segundo Santos (2003), foi líder do Sindicato dos Carpinteiros de Pelotas e candidato às eleições para deputado federal e constituintes estaduais pelo Partido Socialista Proletário do Brasil em 1934, articulista do *A Alvorada*, no qual escrevia provavelmente sob o pseudônimo de *Zumbi dos Palmares* e secretário geral da Frente Negra. Teve uma participação relativamente curta no clube, visto que em ata de 15 de novembro de 1939 é comunicado seu falecimento, referenciando-o como:

[...] benfeitor ficaiano, primeiro orador do clube e no seu féretro lhe foram prestadas várias homenagens, como o caixão veio até sua sede [do clube], saiu daqui em carro fúnebre e no enterro houve discurso do orador do clube (Ata n.º. 145).

É provável que o mesmo estivesse enfermo, pois em ata de 12 de julho de 1939 havia o informe de uma festa artística promovida por Dalva Vizeu em prol de Humberto.

Observando a forma de organização e, principalmente, o controle sobre as diferentes esferas da vida dos sócios do Cordão carnavalesco Fica Ahí, percebe-se como aqueles negros conceberam o espaço existente para

ajustarem-se, em uma sociedade altamente preconceituosa e que buscava enquadrar os negros a todo o momento e negar-lhe uma vida social ativa. O Cordão colocava-se, à primeira vista, como mero espaço de sociabilidade, mas a organização e as práticas de controle deixam entrever a necessidade constante de colocarem-se como iguais à sociedade branca, vista enquanto modelo a ser seguido, a fim de ascenderem socialmente e barrarem o preconceito, o que em muitos aspectos contribui para que suas ações sejam tidas como sinal de branqueamento. Porém, nesse ínterim há uma gama de acontecimentos possíveis de serem interpretados a partir das ações desses sujeitos. Esses, embora calcados na sociedade branca, buscaram a sua maneira, se ajustarem a fim de serem aceitos pela mesma, assim como modificar os enquadramentos possíveis de serem modificados. Daremos então voz e corpo aos nossos sujeitos!

### O CORDÃO FICA AHÍ P'RA IR DIZENDO

O Cordão carnavalesco se constituía enquanto local destinado aos negros, no qual se realizavam festas, praticavam-se alguns esportes, como pingue-pongue e futebol, reuniões e pulava-se o Carnaval. Porém, a intenção aqui é perceber-se o que fazia as pessoas buscarem fazer parte do Fica Ahí, acreditamos nesse ponto, que ser integrante conferia uma identidade, proporcionando um convívio com pessoas do mesmo grupo o que possibilitava ainda um modo de ser e agir que do ponto de vista dos membros os outros cordões da cidade não ofereciam. E de que maneira a opção por este cordão (Fica Ahí) influencia na introjeção de hábitos, tidos como manifestadores do branqueamento, ou na construção de uma identidade negra?

Buscamos, a partir de então, os meandros desse cordão para captar o objetivo do mesmo, sua organização, seus sócios e o controle exercido sobre eles. Abordaremos ainda a questão racial, e levantaremos hipóteses possíveis na interiorização do branqueamento e/ou construção da identidade negra. Demos início, anteriormente, a percepção do fluxo cultural no qual o Cordão está inserido, a fim de compreender-se que as decisões aqui relatadas não eram tomadas num "vácuo", mas estavam sob influências externas. Esses vieses serão percebidos sob o pano de fundo do clube em relação ao jornal A

*Alvorada*, com destaque para a influência percebida através dos registros disponíveis.

O Cordão apresentava uma organização bem rígida e definida mediante assembléia geral, na 1ª diretoria estavam presentes os seguintes cargos: Presidente, vice-presidente, primeiro-secretário, segundo secretário, tesoureiro, Primeiro Orador, Segundo Orador, Porta Estandarte, diretor musical e diretores<sup>14</sup>. Em 1938, de acordo com a ata de diretoria nº. 100, de 23 de agosto de 1938 o presidente era Rubens Lima e além desse constam apenas as designações de tesoureiro e secretário, embora para estas pareça não haver um membro específico. Joaquim Dias, tesoureiro na 1ª diretoria, consta como exercendo a mesma função na 2ª diretoria analisada pelo período abrangido nessa pesquisa, a qual teve início em dezembro de 1938, presidida por Oswaldo Lopes. Algumas funções diretivas acrescentaram-se àquelas já destacadas, como o diretor de mês, o qual passou a constar nas atas a partir de 14 de junho de 1939, com a função de ser responsável pelo baile de cada mês (Ata nº. 126). Na ata de número 133, exatamente dois meses após a idéia inicial, tem-se a nominata dos diretores do mês para o ano de 1940:

- Diretores do mês:
- 1- Pedro Marques dos Santos
  - 2- Francisco Santos Costa
  - 3- Alcibíades Moreira
  - 4- Rubens Alves
  - 5- José Moura
  - 6- Alfredo Silva
  - 7- José Luis Borges
  - 8 -Waldemar Mira
  - 9- Luis Lima
  - 10- Carlos Brigido
  - 11- Walfredo costa
  - 12- Edemar Ribeiro (Ata nº. 133).

A nominata constava ainda dos seguintes nomes com as respectivas funções:

- Rubens Lima - presidente  
 Carlos Torres - vice-presidente  
 1º secretário: Joaquim Dias  
 2º secretário: Waldemar Rodrigues  
 1º tesoureiro: Paulo Moraes  
 2º tesoureiro: José Silveira  
 Conselho Consultivo: João Vasconcellos, Cantílio Aguiar, Álvaro Farias, Otacílio José dos Santos e José Teodoro da Silva.  
 Comissão de Contas: Valentim dos Santos, Amaro Rezende.

<sup>14</sup> De acordo com histórico do Clube, 1999.

Oswaldo Lopes da Silva (relator)  
1º orador: Dário Nunes  
2º orador: Joaquim Rollo Sobrinho  
Procurador: Mario Amaro  
Zelador: José Maria Gouveia (Ata nº. 133)

A citação evidencia a organização do Cordão e a permanência de alguns membros nas funções de diretoria, assim como demonstra a diretoria como tendo sua totalidade masculina. Agora, daremos seqüência à interpretação das atitudes cobradas pelos membros dessa e das demais diretorias do clube no período cronológico aqui trabalhado.

### BRANQUEAMENTO E IDENTIDADE NO INTERIOR DO CORDÃO

A busca pelo branqueamento era uma característica muito presente na sociedade brasileira de então, e nesse ponto concordamos e seguimos a análise de Hofbauer (2006), ao tratar da história desse ideário. Inicialmente é preciso estabelecer o porquê de nossa identificação com a temática do branqueamento. Essa justificativa encontra-se no compartilhamento da crença de que os processos de constituição cultural e de identidade resultam de representações culturais racistas e de ligações com um todo maior, que de acordo com Sérgio Costa, apresenta "conexões com uma história que não começa nem termina nas fronteiras do Brasil" (SÉRGIO COSTA, In: HOFBAUER, 2006, p. 10). Tal justificativa leva a uma segunda, a qual é importante a fim de evidenciar nossa perspectiva de análise sobre o Cordão, ao utilizarmos o aparato do termo "raça". Corroboramos, dessa forma, com a noção de que as palavras, assim como "os conceitos são produtos histórico-culturais que expressam intencionalidades individuais e coletivas, e, conseqüentemente, podem e devem ser vistos como intimamente ligados à 'construção da realidade social'" (HOFBAUER, 2006, p.16).

Tomando como nosso objeto empírico os negros do Cordão Fica Ahí em diferentes momentos foi possível identificar a imposição de padrões de comportamento ligados ao branqueamento. Dentre esses, inicialmente chamamos atenção para o que denominamos a "questão beijo". Tal questão poderia até mesmo ser denominada de *novela*, envolvendo alguns *personagens* e repercussões no mínimo interessantes tanto no interior quanto

fora do Cordão. Essa *novela* teve início em 10 de janeiro de 1940, tendo-se como membros da trama a Sra. Maria Alexandrina Corrêa e sua filha, Luiza Corrêa, Marcellino Maciel, sua namorada Vicentina e a tia desta, Sra. Gregória Silveira, sendo mediada pelos membros da direção do Cordão: Carlos Torres, Dario Nunes, Francisco Costa, sob o pano de fundo do jornal *A Alvorada*.

Em reunião de 10 de janeiro de 1940 Carlos Torres, membro da chapa eleita em 7 de setembro de 1939, no cargo de vice-presidente, levantou a hipótese de irem falar com os redatores do *A Alvorada* em comissão, referente às críticas envolvendo uma senhorita membro do Cordão, críticas essas atribuídas "a indivíduos inescrupulosos, vingativos e invejosos, que não podendo nos ferir de frente, lançam mão deste meio para fugir a responsabilidade" (Ata nº. 152). É necessário ratificar a análise de Santos (2003) sobre o referido jornal, em referência as colunas de *fofocas*:

[...] o jornal *A Alvorada* estava recheado de críticas moralistas ao comportamento do seu público leitor. As colunas do jornal sobre *fofocas* do cotidiano que envolviam homens e mulheres da comunidade negra, pareciam ser as mais procuradas do semanário. Tudo indica que as colunas *Espia Só...*, *Pesquei*, *Os Dois Linguarudos*, *Eudóxia e Micaela*, *Gosto e não Gosto Mas do que?!*, *Eu vi...*, *Raio X* e *os Espiões* eram as mais comentadas nos circuitos [...] por onde circulavam os negros. Estas colunas sociais estavam diretamente relacionadas com o dia-a-dia daquela comunidade, comentavam as atitudes "imorais" das pessoas e situações que lhes eram próximas no cotidiano (SANTOS, 2003, pp. 101-101).

A crítica a qual Carlos Torres referia-se, envolvia Luiza Correa, filha de Dona Maria Correa, e muito provavelmente foi publicada em uma das colunas de *fofoca* do referido jornal. Infelizmente, as atas não trazem o conteúdo da crítica, mas seguramente era algo que atingia a reputação do Cordão, tanto que, em ata de quase um mês depois, decidem enviar um ofício à mãe da jovem, Dona Maria, solicitando que a mesma tome medidas a fim de terminar com o falatório, pois do contrário, o Clube teria de agir "*energicamente*". Porém, esse caso já havia repercutido dentro do Cordão e chegado aos ouvidos da família Correa, que teria comentado sobre denúncia grave a ser feita a respeito do comportamento de certos membros da entidade, na última festa realizada na sede do mesmo, sendo assim optou-se por tirar uma comissão e ir falar com a dita família.

Em reunião realizada uma semana após, os diretores foram comunicados pela comissão que o consócio Marcellino Maciel, teria beijado

sua namorada, Vicentina, na sacada da sede, sendo visto por diversos outros membros. Essa era uma atitude que ia contra o comportamento pretendido pelo Cordão a ser mantido dentro do clube. Dario Nunes, então 1º orador, "pugnando pelos foros de moralidade e respeito do Fica Ahi, e Carlos Torres martelando na tecla de que não havia provas disso e que Marcellino não poderia ser punido sem provas", decidiram em acordo com os demais membros da diretoria nomear uma comissão para falar com a dona Crescência Rodrigues, a qual teria sido indicada por dona Maria como testemunha (Ata nº. 155). Enquanto isso, *A Alvorada* seguia *enxovalhando* o Cordão. Inquirida, a dita testemunha afirmou já saber do que se tratava a comissão, e disse não ter percebido nada que ofendesse os membros, disse ainda que uma outra senhora teria proferido a seguinte frase: "Estas cousas a gente vê e faz que não vê" (Ata nº. 157). A direção do Cordão, então, decidiu indagar, através de uma comissão composta por seis membros, a testemunha e a acusadora em conjunto.

Os membros da diretoria passam a interpretar as críticas do jornal como uma campanha contra o Cordão e cogitou-se em reunião, sobre qual atitude deveriam tomar a fim de barrar a dita campanha. Carlos Torres, lembrando que conforme destaca Santos (2003), era membro da direção do jornal durante as décadas de 1930 e 1940, então informou que teria sido chamado à redação do *A Alvorada* em virtude de outro motivo, mas que aproveitaria a oportunidade para conversar a respeito com o diretor do jornal. Marcellino, no intuito de defender-se solicitou informações das filhas da senhora Maria. Porém a diretoria procurando evitar que o mesmo tivesse alguma comprovação escrita que pudesse ir a público no jornal – e aqui a relutância fica explícita em função de terem receio que o *A Alvorada* tivesse algo para dar continuidade à campanha de difamação do Cordão – decidiu ir pessoalmente conversar com o envolvido nas acusações de dona Maria. As comissões encarregadas de conversar com dona Maria e dona Crescência ficaram com apenas dois membros. Os diretores então, perante a falta de provas de dona Maria decidiram "oficiar a dona Gregória, para dizer-lhe que sua sobrinha Vicentina continua a gozar de confiança e consideração da diretoria" (Ata nº. 159).

Em 12 de abril de 1940, teve-se o possível desfecho dessa história, na qual:

Foi lido ofício de Marcellino, depois disso, leu-se os ofícios a serem mandados para dona Gregória Silveira, Carlos Torres disse que devia ser mais incisivo evidenciando a honorabilidade de Vicentina. Depois, foi lido ofício para Maria Correa [...] o ofício será enviado para dona Maria, com cópia para dona Gregória (Ata nº. 159).

Nas atas o nosso "caso beijo" termina aqui, mas é provável que tenha tido desfecho também no jornal que estimulou a desavença. Porém, não nos é possível afirmar, primeiro por não termos acesso aos números do jornal referentes ao período, assim como na reunião do dia 14 de fevereiro de 1940, Carlos Torres havia proposto que se assinasse o jornal a fim de *evitar certas críticas* e essa proposta foi aceita. Essa proposição evidencia que o dito jornal seria mais "condescendente" com seus assinantes.

Esse é só um dos casos envolvendo membros do Cordão e o hebdomadário *A Alvorada*, porém é bastante complexo e oferece indícios interessantes para se perceber não apenas a conduta pretendida pelos membros como os meandros que ela alcançava. Inicialmente é uma evidência da influência do jornal junto à comunidade negra, em nenhum momento transparece a idéia de deixarem-se as críticas de lado e apenas seguir as evidências, era necessário barrar a *campanha contra o Cordão* e manter sua conduta ilibada. Chamou nossa atenção ainda o fato de que o motivo que desencadeou toda a *questão beijo*, a crítica sobre Luiza Correa, fora deixada de lado e enfocou-se apenas a denúncia feita pela sua família. O que nos leva a pensar que esta foi uma estratégia da família Correa para tirar o foco de si e criar um outro fato, e além do mais, a família não sofreu, pelo que se pode perceber, nenhuma referência à punição pela denúncia não comprovada.

Esta conduta nos leva a uma especificidade do branqueamento, a busca pelo "branqueamento social", diretamente ligado à "aquisição pelos negros de atitudes e comportamentos 'positivos' do branco" (DOMINGUES, 2003, p. 282). A sociedade brasileira da época estava altamente vinculada à idéia de que o negro era incapaz de estruturar-se, fosse em família, nas entidades sociais ou políticas. Acrescenta-se a isso, o fato que a época abrangida por esse estudo contempla as modificações pretendidas pelo Estado Novo. O qual, pela ideologia que veiculava, estava ligado à valorização do trabalhador nacional, tendo-se entre os nacionais principalmente os negros, esses então queriam ser

vistos como iguais, e assim pretendiam manter seu comportamento, igual aos brancos, a fim de serem aceitos pela sociedade brasileira.

O caso citado anteriormente referia-se aos acontecimentos dentro da sede do Cordão, porém, as atas evidenciam que o controle extrapolava os limites da sede. Em ata de diretoria de 27 de setembro de 1939, por exemplo, teve-se a discussão envolvendo o fato da filha de um consócio estar freqüentando outros bailes, o que ia de encontro às deliberações do Cordão, optando-se então por vigiar a família da jovem a fim de verificar a veracidade da denúncia. Nessa mesma reunião os membros discutiram ainda sobre a acusação de que uma *freqüentadora das festas*, Maria Nobre, estaria conversando seguidamente sozinha com um homem em uma garagem. Nessa reunião vários associados confirmaram o comportamento de Maria, optando-se então por oficiar a mãe da mesma, senhora Basileia Nobre, e informá-la que o Cordão estava abrindo uma sindicância referente ao comportamento da jovem e enquanto não se apurasse a conduta ilibada da acusada, a mesma encontrava-se suspensa das festas promovidas pelo clube. Corroborando com as passagens aqui registradas, tem-se o seguinte fato:

A seguir, tratou-se de diversas senhoras, que por motivo de estarem separadas de seus maridos, alguns membros eram de opinião suspender-se os respectivos convites, sendo deliberado por **unanimidade** assim proceder (Ata nº. 161, grifo nosso).

A moral pretendida pelos membros responsáveis pela direção do cordão, estava altamente vinculada aos valores sociais da sociedade branca, e era sentida principalmente pelas mulheres, sendo que sobre as mesmas deveriam recair os cuidados com a família e, por conseguinte com o futuro dos filhos. Pretendendo-se assim um modelo de família bem estruturado, aos moldes da família cristã, sendo formada pelo casal, abençoado pela igreja católica, e os filhos dessa união, benquista aos olhos da sociedade. Essa visão está altamente vinculada ao poder exercido pelos homens, sendo que, por exemplo, na ata de nº. 162, é comunicado que, ao falar com um dos ex-maridos de uma das senhoras separadas, este teria concordado com a suspensão dos convites da ex-esposa.

Nesse sentido é pertinente a colocação presente em Tavares (2007) ao buscar as especificidades de uma das ditas colunas de fofocas que traziam

informações da comunidade negra pelotense circundante ao jornal *A Alvorada*. Nela, a autora destaca a moral pretendida sobre a mulher negra:

Havia um controle muito grande por parte da sociedade sobre o comportamento da mulher em geral. A ela era natural o espaço do lar, e fora dele sua postura deveria ser impecável. No entanto, ao verificar a situação das mulheres negras, nota-se uma conduta de comportamento muito mais rígida, pois além da moralização da família, que já cabia ao sexo feminino, a elas também se somava a responsabilidade pela moralização do seu grupo étnico, tendo aí uma tarefa tripla, a de superar um problema de gênero, de classe e etnia (TAVARES, 2007, p. 11).

A recriminação atingia também os jogos e os vícios, nesse sentido a ata de 13 de abril de 1939, por exemplo, traz a denúncia de Carlos Torres de que estariam sendo praticados jogos a dinheiro na sede do Cordão, o que a diretoria, imediatamente proibiu. Já a ata de 5 de julho de 1943, informou que: "na última festa, os sócios Ivo Porto [o qual era membro fundador do clube e participante assíduo das reuniões], Waldemar Borba e Juvenal Amorim foram encontrados escondidos dentro da sala de chapéus, ingerindo aguardente, de uma garrafa que eles tinham trazido escondido". Nesse sentido Domingues (2003) afirma que havia um puritanismo recomendado aos sócios, entre os clubes que ele afirma serem de classe média branca.

Para se afirmar nos valores considerados nobres pela sociedade inclusiva, o negro não devia ingerir bebida alcoólica, assim como não devia jogar, drogar-se, freqüentar o ambiente da malandragem. Pelo contrário, devia defender sem tréguas a moral e os bons costumes da classe dominante; ser religiosamente católico, honrado, regrado e cumpridor de seus deveres. Condenava-se a boemia, a prostituição, as religiões de matriz africana, a prática da capoeira, o samba, afinal, o negro devia ter um comportamento puritano (DOMINGUES, 2003, p. 286).

Porém, ao percebermos este puritanismo recomendado em nosso objeto é necessário enfatizar que recaíam sobre as mulheres, estas deveriam ter o comportamento totalmente correto de acordo com os ditames da sociedade, enquanto que sobre o homem o que acontece são avisos solicitando que o procedimento não mais se repita. As mulheres imediatamente passavam por sindicância, enquanto que os casos envolvendo os homens são colocados em assembléia e resolvidos no mesmo momento.

O cordão Fica Ahí, além de moralizar seus sócios realizava uma seleção exigente dos pretendentes a tal, exigindo-se indicação por parte dos associados, averiguação de conduta ilibada, além de serem aceitos como

membros da comunidade negra, fator que trataremos logo após com maior particularidade. Acreditamos que a essência de sua fundação estivesse no ideal de constituir um local de engrandecimento, de elevação social, onde seus sócios não pudessem ser chamados de negro na condição pejorativa do termo. Podendo encontrar-se nessa busca a pretensão de mostrarem-se, não apenas a comunidade negra, mas a comunidade pelotense em geral, como local de "homens de cor" elevados.

A preocupação então com os acontecimentos dentro e fora da sede, a busca pela sede própria, a preocupação com a alfabetização, visto que o Cordão abrigou em sua sede uma escola estadual, de nome Francisco Simões, são pequenos indícios da vontade dos membros desse clube de serem vistos enquanto qualificados, portadores de uma auto-estima elevada proporcionada pelo *status* de fazer parte de referida organização, encontrando-se nesse ponto a semelhança entre os objetivos de algumas organizações negras no pós-abolição conforme destaca Gomes (2008).

Destacamos a proposta para dar-se início a "campanha por sede própria, com lista de contribuintes, desdobrada em masculino e feminino" (Ata nº. 139), o que, nosso ver evidencia o crescimento do Cordão. Essa foi uma proposição de Ivo Porto, em 7 de setembro de 1939, então diretor de canto, atividade essa desenvolvida somente no Carnaval. Ivo, porém é encontrado com assiduidade nas reuniões do Cordão, assim como em outras entidades do período, destacando-se a presença atuante na Frente Negra Pelotense. Em 1940, uma passagem destacou-se como bem interessante, como se pode ver abaixo:

Ata 174, de assembléia geral extraordinária, do dia 16 de setembro de 1940.

[...] O presidente abriu a sessão, censurando acremente os organizadores da chapa de oposição que a compuseram a revelia de vários membros eleitos, com o que eles demissionaram-se e isso ocasionou vários problemas, tendo que suspender-se a posse a última hora, com prejuízo para o clube. Para conduzir os trabalhos, chamou-se Ivo Porto. Também ele criticou asperamente os organizadores da chapa de oposição, pela forma como procederam, dizendo que eles só queriam contrapor-se a uma diretoria que tanto fez pelo clube, que **o elevou a níveis jamais alcançados entre a raça etiópica neste estado.** [...] decidiu-se fazer nova eleição, com uma chapa de conciliação. Rubens Lima disse que definitivamente a diretoria desinteressava-se da organização da chapa, e Ivo Porto respondeu que não deviam abandonar os destinos do Fica Ai por mero capricho. (Ata nº. 174, grifo nosso)

Como a leitura acima deixa transparecer, ocorreu um problema na composição da chapa de oposição para direção do Cordão, a constituição tida como "a revelia", deu-se no dia 26 de agosto do ano corrente, porém, a mesma, conforme apreendido do *Livro de presenças*, contou com 68 presentes, enquanto a reunião acima relatada contou com apenas 42 membros votantes. Ora, é de se acreditar que os membros presentes nessa nominata e nessa reunião deveriam possuir maior influência junto aos membros, e também, deixa claro uma posição predominante junto ao Cordão, visto que no período estudado esta é a única eleição que apresentou duas chapas. Porém, o que nos chamou maior atenção foi a seqüência dessa discussão, desde seu início em 7 de agosto de 1940 e encerrando-se em 16 de setembro do mesmo ano, em que se deixou transparecer uma mudança nos esforços das diretorias pós 1936 para *colocar o clube em novas linhas*.

Outro ponto na fala de Ivo Porto que nos chamou atenção foi a referência à Etiópia, com a qual damos entrada no último tópico a ser aqui mais propriamente esmiuçado, a construção da identidade negra através do Cordão. Fato que nos leva a atenção justamente para o contexto em que esses folguedos aconteciam e sua relação com a conjuntura política do momento. O período por nós abarcado nessa pesquisa evidencia o denominado por Domingues (curso de extensão)<sup>15</sup> em relação às fases do *protesto negro*, a organização aqui estudada encontra-se entre a dita *primeira fase*, abrangendo de 1889-1937, e a *segunda fase*, a qual abrangeria os anos de 1945 à 1964. A *primeira fase* caracterizar-se-ia pela ideologia nacionalista, alinhados às forças de direita, enquanto posição política; auto-identificando-se enquanto homens de cor, pretos, patricios e/ou Etiópicos. Pregando o afastamento da cultura de origem em relação com a cultura negra, em direção à mestiçagem, e tendo como data de comemoração o Treze de Maio. Já a *segunda fase* manteria a ideologia nacionalista, encarando o problema enfrentado pelos negros como parte de um problema nacional; auto-identificando-se enquanto homens de cor, negros ou pretos; em relação com a cultura negra existiria uma ambigüidade latente, pregando por vezes o afastamento da cultura de origem, em direção à

<sup>15</sup> Informações obtidas no mini-curso ministrado por Petrônio Domingues e José Antonio dos Santos, intitulado "O negro no pós-abolição: organização e luta", entre os dias 15 e 20 de julho de 2007 no XXIV Simpósio Nacional de História.

mestiçagem, mas, também reverenciando alguns termos como samba/capoeira/religião afro e teriam como data de comemoração o Treze de Maio <sup>16</sup>.

A questão nacionalista, advinda principalmente do Estado Novo de Vargas, é facilmente percebida nas leituras das atas. Essa é uma questão que as atas deixam transparecer como sendo comum à sociedade em geral, visto que, em 8 de março, por exemplo, o Cordão recebe um convite do Sindicato dos restaurantes, cafés e similares para a inauguração do retrato do presidente Getúlio Vargas (Ata nº. 112). Já na ata número 148, de 5 de dezembro de 1939, consta um comunicado do clube Quem Ri de Nós Tem Paixão de mesmo teor. A importância dada aos símbolos nacionais também ganham destaque, como por exemplo, a resolução de comprar o pavilhão nacional que consta na ata de 2 de outubro de 1940, o qual é apresentado em 6 de novembro do mesmo ano, decidindo-se então comprar o mastro.

No Cordão, porém, o auge da questão nacionalista é apercebido em decorrência dos contatos com a Liga de Defesa Nacional (LDN). Sendo importante destacar que o clube vinha mantendo relações cordiais com a mesma, e auxiliando na medida do possível, visto que esse era um período de crise, como é possível perceber na colocação do presidente João Vasconcelos de que:

Agora, estão em estado de guerra e todos estão enviando esforços para amar-se contra a barbárie do eixo. Então ele propôs e já está em andamento, uma festa para o dia 20 de setembro, que será a tarde para respeitar o escurecimento da cidade, e que seu lucro será doado a "Campanha dos mil (sic) contos", proposta pela Liga de Defesa Nacional. Além disso, o presidente da República determinou que se hasteasse a bandeira. Então conseguiram o mastro e outras coisas para tanto, o escudo também e vão dispô-los com o V da vitória pintado em verde e amarelo no mastro (Ata nº. 246).

Porém, o clube recusou-se a participar de um festival da LDN<sup>17</sup>, o qual seria promovido em 14 de outubro de 1942. Em ata de 30 de setembro os membros da diretoria discutiram sobre o mesmo destacando que:

<sup>16</sup> A terceira fase (1976-2000) seria internacionalista, o problema do negro seria diaspórico, busca-se então estabelecer uma conexão entre o problema do negro nos EUA e na África (afrocentrismo); auto-identificando-se enquanto negro e/ou afro-brasileiro. Posicionavam-se contra a mestiçagem e em defesa da cultura negra, surgindo nesse contexto o 20 de novembro como data de comemoração no qual Zumbi aparece como herói nacional, tendo-se ainda a explosão da imprensa negra.

No início do espetáculo será feita uma apoteose com todos os cordões locais, que ostentarão seu estandarte. Quem promove o espetáculo é Balduino de Oliveira, que veio falar com o presidente junto com Carlos Torres. Na discussão, **o secretário diz que Balduino, em seus espetáculos, "põe, com suas representações africanas, as pessoas que tem a mesma cor de sua pele, em uma fragante demonstração de inferioridade perante as pessoas imbuídas na confraternização racial brasileira, que desconhecem preconceito de cor, que reconhecem somente o nível intelectual e moral dos homens"**. Por isso acha inconveniente que o Fica Ai coopere nessa demonstração de solidariedade, ou melhor, de inferioridade, ao sr. Presidente da República. Se implica isso em demonstração de solidariedade, já a fizemos cooperando com a campanha dos 10 contos. Essa proposta venceu, por 3 votos contra 2 (Ata nº. 248, grifos nossos).

A passagem acima vem ao encontro do que procuramos enfatizar ao longo deste trabalho. O clube Fica Ahí colocou-se como um local no qual se proporcionava a sociabilidade para uma parcela do grupo negro local impondo limites e valores, porém em alguns casos, essa busca pela formação de identidade positiva de grupo chocou-se com elementos tidos atualmente como de branqueamento. A condição pejorativa do termo "negro" pode ser uma das responsáveis pela recusa do cordão em desfilar representando a África, além de perceber-se a interiorização do discurso pertinente ao mito da democracia racial brasileira.

Nesse momento é necessário enfatizar a contribuição de Barth (1998) quando este autor busca perceber as diferenças dos grupos étnicos<sup>17</sup>, enfatizando a auto-atribuição e o contraste de um grupo perante outros como momentos em que se evidenciam as fronteiras e consolidam-se as identidades de grupo. Visto que nesta perspectiva de análise, com a qual corroboramos, as fronteiras interétnicas só existem em contraste com o outro, a etnicidade assim, só é relevante em contraste com o outro.

O clube se colocava enquanto local que "elevou a níveis jamais alcançados entre a raça etiópica neste estado" (ata nº. 174), referência

<sup>17</sup> A Liga de Defesa Nacional concentrava esforços em arrecadar verbas para o bloco dos aliados contra o III Reich na II Guerra Mundial, além de promover manifestações públicas de apoio

<sup>18</sup> Embora tenhamos evidenciado nossa aproximação com o termo "raça", em alguns momentos, de acordo com nosso aporte bibliográfico, utilizamos a expressão "etnia" visto que dentro dessa perspectiva, advinda principalmente dos estudos sociológicos e antropológicos, raça seria uma das formas pela qual se expressa a etnia de um grupo.

bastante encontrada entre os grupos negros<sup>19</sup>, e nos permite apreender a visão que tinham de si mesmos. No entanto, isso não obrigava os sócios a igualarem-se ao grupo negro, fosse dos demais Cordões co-irmãos, ou ao grupo negro em geral, destacando-se nesse ponto, a necessidade que os *ficaianos* tinham de afastarem-se da plebe negra local ou talvez até mesmo nacional<sup>20</sup>. Concordamos que isso não era demonstração de busca pelo branqueamento e sim de construção de uma identidade particular, diferenciada dos demais negros locais, o que não invalida a constituição de uma identidade negra. Este afastamento é tratado por Domingues (2004) em referência aos negros paulistanos:

[...], esse setor da comunidade negra [elite negra], em alguns momentos, negava quase tudo que fizesse referência o *éthos* cultural de seus ancestrais: formas típicas de andar, falar, dançar, gingar, forma de se vestir, estilo de cabelo, tradições culturais e religiosas. O repúdio a tais valores era um recurso de diferenciação social da plebe negra (DOMINGUES, 2004, p. 285).

A passagem acima deixa transparecer, e aqui a corroboramos, nossa percepção do clube como explicitando algo que se aproximaria ou colocar-se-ia como uma elite negra local, evidenciada através da diferenciação social pretendida pelos membros. Não poderíamos afirmar que isso acontecia em sua totalidade, mas em relação à diretoria temos elementos suficientes para acreditar que sim. Loner (2008) traz a seguinte contribuição em relação ao clube aqui abordado:

De forma geral, sabe-se que o Fica Ai para Ir Dizendo era um clube que se poderia chamar a elite negra pelotense, não tanto pela profissão de seus integrantes, mas porque era necessário ter um melhor nível financeiro para poder atender a todas as exigências, especialmente de vestuário e participação social (LONER, 2008, p. 254).

A preocupação em distinguirem-se dos *outros*, é bem captada através das atas. O seguinte exemplo elucida bem essa preocupação. Em 12 de novembro de 1940 teve-se a idéia de expandir as diversões proporcionadas

<sup>19</sup> Germano (1999) realizou um estudo enfatizando esta referência, abordando o Carnaval da capital gaúcha, o qual foi uma contribuição importante para percebermos esta referência no grupo negro local.

<sup>20</sup> O nacional, aqui é justificado, pois alguns dos articulistas do *A Alvorada* que participavam do clube, demonstram um conhecimento das discussões e da situação dos negros não apenas no Estado como no país como um todo, encontrando-se ainda alguns artigos referenciando a situação dos negros na Etiópia e nos Estados Unidos, como pode ser apercebido na análise de Santos (2003). Assim, então é provável que esta visão fosse compartilhada com os demais membros da direção do clube.

pelo clube, com organização de um time de futebol composto pelos sócios, o qual manteria as cores azul e branca, as mesmas do clube. Dentre as vantagens dessa proposta, feita por Dario Nunes, estavam: “dar desporto físico, projetar jogadores, propiciar outra chance de diversão e deixar claro que o clube não se interessa só por carnaval e bailes” (Ata nº. 183). Porém, o mesmo seria uma associação à parte, seria independente, mas as reuniões foram permitidas na sede do clube, assim como no episódio de suspensão de um membro do time, teve-se a suspensão do mesmo também do clube.

No geral, a estrutura do Cordão manteve-se inalterada após a expansão das atividades, apenas acrescentando-se algumas funções diretivas. Porém, encontramos algumas novidades, dentre essas se tem a proposição do orador, em ata do dia 23 de outubro de 1940, de uma comissão de senhoras para fiscalizar as dependências do clube. Essa comissão já existia e encarregava-se, em conjunto com a diretoria, da realização dos bailes, porém então há uma nova incumbência, conforme pode ser apercebido na passagem abaixo:

Joaquim Rollo Sobrinho [...] sugeriu que se nomeie comissão de senhoras para fiscalizar o toailete, o comportamento das senhorinhas nas diversas dependências do clube, no café, etc., o que todo mundo achou que seria de grande utilidade para o clube (Ata nº. 180).

O clube buscava afastar-se completamente de uma característica pertinente ao branqueamento: o branqueamento biológico. Aceitava apenas e tão somente membros *de cor*, sendo que em alguns momentos teve-se de “comprovar” a pertença de alguns pretendentes a sócios. Embora se coloque como o único caso que tomamos ciência, é importante destacar que dentre a primeira constituição, o Cordão tinha um presidente de cor branca, mas por um motivo especial: “o *Fica Ai* teve como seu primeiro presidente, um homem branco, que, entretanto, era considerado da comunidade porque havia se casado com uma mulher negra (GILL & LONER, 2007, pp. 5-6)”. Porém, os exemplos obtidos através das atas evidenciam um distanciamento dessa prática, o que nos leva a crer numa maior identificação entre os membros de mesma cor de pele em busca de “elevação moral” para estes através do clube, distanciando-se assim do branqueamento biológico.

A leitura das atas e dos exemplos aqui citados pode deixar transparecer as atitudes dos membros diretivos como simples atos em busca do

branqueamento. Porém, conforme enfatizamos o Cordão era contra a presença de brancos e até mesmo de membros muito claros, sendo necessário comprovar pertença aos homens de cor, como por exemplo, em reunião de diretoria em 28 de dezembro, solicitou-se explicações sobre um membro "que parece branco, sendo-lhe respondido que pertence a raça" (ata nº. 111). Em 10 de dezembro de 1941, acontece episódio semelhante quando da solicitação de Edy Rota para aceitação no quadro do clube, o mesmo só foi aceito, porque pessoas interessadas em sua aceitação reafirmaram que ele era "filho de pessoas de cor". Então decidem que isto é verdadeiro, vão aceitá-lo (ata nº. 217).

Nesse sentido, a importância das fronteiras é mais uma vez levantada e percebida como sendo importante para a construção de uma identidade positiva e manutenção desta, visto que os negros locais sabiam onde deveriam encontrar os seus e então sentiram-se acolhidos. Os ficaianos tinham no seu clube um local, que em muitos momentos aproximava-se de uma extensão da família desses membros, numa sociedade extremamente preconceituosa em relação à cor das pessoas.

A busca pela diferenciação social, evidenciada através da distinção material, através das vestimentas exigidas nas festas, e moral auxiliou, conforme procuramos evidenciar ao longo deste capítulo na constituição de uma identidade positiva do grupo. Identidade essa, que embora refletisse algumas prédicas pertencentes às ideologias, constituídas pela elite intelectual do país, foram adaptadas pelos negros do clube. Estes estavam em busca de colocarem-se enquanto negros, sim, mas capazes de organizarem-se tanto quanto os demais grupos étnicos constituintes da sociedade brasileira e também, colocar um local de conagração para os seus, o que evidencia a vontade de manterem seus laços de identidade.

Não obstante, é importante destacar que algumas das prédicas morais pretendidas pelos membros do Fica Ahí era comum às pretendidas em outros grupos étnicos ou entre os membros das classes baixa e média. Isto então é percebido como um fator importante, para os membros, a fim de enquadrarem-se e colocarem como *iguais* aos outros. E os outros aqui são percebidos no sentido de classe dominante. Era em relação a estes que não somente os negros, mas também alemães, italianos, trabalhadores em geral procuravam a

todo o momento equipararem-se, porém sem deixar de lado suas origens étnicas, as quais negociavam, procurando reverter estigmas, para então, num segundo momento, buscar a valorização delas.

Pretendemos aqui, com este estudo, evidenciar uma parte da história dos grupos negros locais pautando nossa interpretação a partir do ponto de vista *deles*. Acreditamos que as questões políticas suscitadas atualmente em relação aos negros brasileiros, como o pacote de ações afirmativas pretendido por membros do poder político nacional, colocam-se como políticas de reparação com parcela da população brasileira. Parcela essa que encontrou diferentes meios de organizar-se e lidar com ideologias impostas ou estimuladas por boa parte do poder político nacional de outras épocas, acreditamos que aí encontra-se o território do historiador. Esperamos ter conseguido esclarecer e ocupar um pouco desse *território* através do estudo aqui desenvolvido.

#### DO SONHO A CONCRETIZAÇÃO: A SEDE ATUAL

O crescimento do clube somado ao desejo de seus associados, fez com que na década de 1950 se concretizasse um sonho gestado desde 1939 - a construção e inauguração de uma sede própria.

"E ai eles idealizaram a sede nova. 'Como é que vamos fazer e tudo. Como é que vamos organizar... como que vamos... e o dinheiro? Nós temos que fazer isso, fazer aquilo'. Eu sempre fui muito metida. Então a gente fazia nos domingos agora chama domingueira, mas nós fazíamos as quermesses. Todos os domingos a gente se entregava ao Fica Ahí. Já sabia que não podia pegar compromisso naquele dia. Era eu, a Maria Helena, a Loloça". (Depoimento da Sra. Celestina Pinto)

Sobre a construção da sede, Sra. Celestina Pinto complementa que:

"Os sócios que iam trabalhar nos sábados e domingos. A Dona Lenita esposa de Seu Rubens. Ficava encarregada de fazer a comida. Um domingo era massa outro domingo. Juntava aquele monte de associados pra ajudar a fazer a sede. Então cada domingo era uma atividade ou era o alicerce. Foi construída a primeira sede toda com a boa vontade, é claro, tinha uma pessoa com conhecimento para dar as coordenadas, né?! Mais o trabalho, a mão-de-obra mesmo foram os associados. Foi uma fase muito boa do Fica Ahí foi quando eles começaram a construir a sede na Deodoro, isto foi iniciativa do Rubens Lima".

## DO CORDÃO CARNAVALESCO NASCE A ACADEMIA DE SAMBA DO FICA AHÍ

Academia de Samba do Fica Ahí foi criada em 1949 como parte do clube vindo a separar-se desse entre as décadas de 1960 e 1970, porém mantendo sempre os vínculos de colaboração.

"A Academia ela foi fundada só por sócios, desfilavam só sócios. Numa época que a Academia não era uma escola de uma dimensão assim pra desfilarem em passarela. Era um pequeno grupo desfilando em cima da calçada. Era só composto de associados, era uma burocracia pra gente se integrar no desfile da Academia, um monte de exigência tinha quer ser sócio ou filho de sócio, né?! Depois se tornou popular... Abriu..." (Depoimento de Sr. Valdir Ferreira).

"Vou-te dizer como é que é o carnaval da rua XV: nós passamos por diversas entidades, escolas que já não existem mais. Na época era Ritmo Choviano, Academia, Telles, General Osório. A Academia subia aqui pela Rua Deodoro entrava na Rua Tiradentes como se dizia no termo de antigamente: concentrava nas 'patentes do mercado' entre as Ruas XV e Andrade Neves. A Telles vinha pela Rua Tiradentes lá debaixo então dependo da ordem do desfile, por exemplo, paravam Academia e Telles, uma de frente pra outra. Quem é que ia primeiro? A Telles por primeiro. Então a Telles entrava e já entravamos na cola deles. Tanto que quando a bateria tava muito forte, os caras vinham de lá: vem cá o pessoal está atrapalhando. Não tudo bem! Às vezes era sacanagem também tem que ter uma sacanagemzinha... (Risos). Mas era um atrás do outro, atrás da Academia já vem a Osório ou o Ritmo Choviano e vamos embora..." (Depoimento do Sr. Gilberto Gomes)

Tinha respeito. Era uma idéia totalmente diferente que vocês possam ter de carnaval. As pessoas ficavam no sobrado, se fantasiavam, decoravam as sacadas e havia guerra de serpentina. [...] quando os cordões passavam assim com os carros altos, vinha um baterador na frente cortando [as serpentinas] pra não se enredar nos carros. Coisa linda, até o aroma do lança perfume, o ruído que tinha o carnaval de guiso e apito digamos não se podia definir o ruído de batida de tamborim, de reco-reco, pandeiro. E o curso que passava todo tempo entrando pela rua XV e fazia a volta vinha pela Félix da Cunha fazia a volta na Praça Coronel Pedro Osório os carros com o toldo arriado e com fantasias de columbinas, alecrins e marinheiros. (Depoimento do Sr. Valdir Ferreira)

## CONSCIÊNCIA RACIAL

A partir da década de 1980 começou a ser exteriorizada uma nova forma de identidade negra através das festas do clube, tendo o continente africano como referência.

"Então quando quiseram fazer eu lembro a festa do vinho e do queijo, por que nós vamos fazer festa do vinho e do queijo? Não tem nada

que ver com a nossa cultura. Então começamos a fazer as festas afro-brasileiras (Depoimento de Sra. Nizah Sebaje)."

"Nós fazíamos [década de 1980]... inclusive o Clube todo decorado a moda Afro, eu só pedia por que tem gente que tem maravilhas de habilidades que eu não tenho, eu só tenho a ideia, diziam as minhas amigas, mas faziam a decoração, e nós nunca pagamos nada com aquelas coisas bem afro com aqueles vasos de pau pelos cantos, aquelas velas todas acesas, e um dia eu consegui [...] uma celebração da igreja católica e da umbanda, convidamos a tia Mariazinha, que até hoje tem centro de umbanda, e consegui com os padres, porque eu sou amiga dos padres [...] Cristo foi pobre defendeu sempre os pobres as mulheres naquela época né, e não tem nada a ver, uma coisa é uma coisa outra coisa é outra coisa!" (Depoimento da Sra. Nizah Sebaje)

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo da exposição dos resultados dessa pesquisa buscamos enfatizar alguns pontos em especial, os quais se sintetizam em visões teóricas e historiográficas e seus reflexos no objeto empírico aqui abordado. A pesquisa buscou inserir-se na abordagem metodológica amparada pela História Social e a interpretação dos negros a partir da percepção deles próprios. Embora acreditemos ser impossível redigir um texto completamente objetivo e imparcial, procuramos encontrar um meio termo, algo que embora esteja imbuído de nossas convicções, possa também ser uma visão muito próxima do realmente pretendido pelo grupo abordado.

O branqueamento enquanto idéia dominante entrou no cenário brasileiro a partir dos discursos em favor da mão-de-obra imigrante, ainda durante a vigência do sistema escravocrata. Esses discursos foram proferidos inicialmente por intelectuais e encontravam-se restritos às elites nacionais, porém, logo acabam por relacionar-se com o popular e as pesquisas, sugerem com perspicácia a atuação desses dentro do próprio meio negro. O grupo étnico em questão passou então a incorporá-lo e reproduzi-lo.

Porém, acreditamos e procuramos, a partir dos membros do clube Fica Ahí, demonstrar que o grupo negro não pode ser visto como um bloco monolítico. Apresenta nuances e expectativas que podem conduzir a identidades diversas.

E, nesse sentido, podendo colocar-se enquanto identidades negras coletivas e particulares, de acordo com a absorção ou não, de ideologias propaladas pelas elites intelectuais.

As abordagens referentes à etnia negra tendem a ver ações semelhantes às aqui aprofundadas, com destaque para a preocupação com a moral e reprodução dos padrões impostos pela elite dominante enquanto reflexos do branqueamento. Posição a qual não concordamos e buscamos evidenciar através de uma interpretação a qual acreditamos conduzir a construção de uma identidade negra positiva do grupo negro ficaiano.

Os negros na cidade de Pelotas constituíram a grande massa de trabalhadores. Porém, embora a presença dos mesmos fosse marcante, em contraposição as regiões serranas do Estado, marcadas pela grande presença

imigrante, principalmente de alemães e italianos, a discriminação também se fez marcante. Ocasionalmente algumas organizações voltadas aos negros constituíram-se na cidade já a partir das últimas décadas do século XIX.

As organizações de então possuíam caráter principalmente de auxílio mútuo, tendo como uma das causas o regime escravocrata. Nessas associações buscavam-se então, principalmente, o acúmulo de capital suficiente para a libertação de membros cativos. Dentre essas se destaca a Sociedade Benfícete Feliz Esperança, fundada nos últimos anos da década de 80 do século XIX e vindo a configurar-se na principal delas, dando origem a outras, dentre as quais muito possivelmente um clube que coexistiu com o Fica Ahí, o Depois da Chuva.

As primeiras décadas do século XX viram o surgimento de uma diversificação no objetivo das sociedades negras, constituindo uma rede de relações e interesses concernentes à comunidade negra local em seus diferentes aspectos. Talvez em função do fim do sistema escravista, principal motivação que unia os negros no século anterior, as sociedades passaram então a apresentar caráter diverso. Entre esses se destacou o cunho recreativo, no qual se teve o surgimento do objeto proposto nesta pesquisa.

A rede então desenvolvida possibilitou o surgimento de um jornal negro, *A Alvorada*, da Frente Negra Pelotense e de outras entidades tratadas anteriormente. Embora a intenção deste estudo não tenha se focado sobre toda a rede, até mesmo em função do espaço necessário para tal, buscamos evidenciar o contexto histórico local, visto que percebemos nela as raízes que proporcionaram o surgimento e manutenção do Cordão Fica Ahí.

O clube Fica Ahí surgiu em 1921 sob a forma de Cordão carnavalesco, com o intuito inicial de aproveitar as diversões de momo. Porém, o período aqui utilizado enquanto recorte cronológico (1938-1943) presenciou um crescimento na sociedade, que veio a contar com maior número de membros, e também em relação à diversificação das atividades propostas por ela. Dentre essas, o surgimento do clube de Futebol Fica Aí.

O Cordão não se encontrava isolado, destacamos isso em função da rede aqui desenvolvida, mas também perante a conjuntura histórica nacional. Para tal destacamos o papel da ideologia nacionalista proposta e imposta pelo Estado Novo varguista e seus reflexos na comunidade ficaiana. Nessa

ideologia os negros encontravam-se quase que totalmente atingidos, visto voltarem-se para a constituição da identidade do trabalhador nacional, basicamente os nacionais eram os negros.

É a partir de uma necessidade de enquadramento que começamos a perceber os reflexos tidos por outras pesquisas, embora para espaços diferentes, mas com características semelhantes, o intuito de construir-se uma identidade negra positiva para o grupo. Porém, procuramos evidenciar que o grupo afro-brasileiro não pode ser visto como um bloco monolítico, apresentando características próprias a cada um dos diferentes grupos e membros do grande grupo. Encontra-se nesse aspecto nosso intuito em buscar os meandros de um clube específico e o que o diferenciava dos demais clubes negros da cidade.

A partir das orientações disponíveis nas atas, e de nossa interpretação sobre elas, buscando destacar exemplos que acreditamos poder repassar ao leitor um fragmento da história vivenciada pelo grupo chegamos à concepção de identidade negra positiva. Conforme buscamos evidenciar, os negros passaram por diversos problemas, de ordem social e estrutural, e tiveram de encontrar maneiras de lidar com eles e serem aceitos pela sociedade, da qual afinal, também eram membros.

Participar do clube negro Fica Ahí conferia certo status aos seus membros. Os quais percebiam ali a possibilidade de manterem relações com seus iguais, destacando-se nesse ponto a noção de que não era apenas a cor da pele que unificaria os negros, mas também as condições sociais e materiais advindas dessa. Era a busca por este status que conduzia a formação de uma identidade negra específica entre os seus membros, e encontrando-se nisso o aspecto responsável pela aceitação de prédicas morais severas, principalmente sobre as mulheres, tidas na sociedade em geral como responsáveis pela manutenção da família.

Os ficaianos buscavam um diferencial para serem aceitos pela sociedade em geral, mas isto não se justifica como um simples reflexo do branqueamento. O afastamento de outros grupos negros colabora com uma identidade específica, mas que não deixa de ser negra em sua origem, talvez em função disso, a busca pelo branqueamento biológico, através dos casamentos inter-raciais, não fosse uma prática aceita pelos ficaianos,

colocando-se nesse aspecto nossos exemplos de controle sobre os possíveis inícios de relacionamentos entre membros do clube e brancos. Os membros deveriam preferencialmente relacionar-se com os seus, no caso, os também membros do cordão, e sob hipótese alguma com os brancos. Os negros deveriam colocar aos demais a possibilidade de serem tão dignos quanto qualquer outro grupo étnico. Esperamos que esta tenha sido a principal característica enfatizada ao longo da pesquisa que por ora finda e que pretende contribuir para a preservação dessa história.

**FONTES****PRIMÁRIAS**

Todos os documentos abaixo estão preservados no Acervo do Cordão Carnavalesco Fica Ahí:  
Livro de Atas de Diretoria e de Assembléia (1938-1943)  
Livro de Presenças (1939-1943).  
MARQUES, Giselda. Histórico do Clube, 1999.  
Depoimento da Sra. Celestina Pinto  
Depoimento de Sr. Valdir Ferreira  
Depoimento do Sr. Gilberto Gomes  
Depoimento de Sra. Nizah Sebaje

**BIBLIOGRAFIA**

- ANDREWS, George Reid. *América Afro-Latina - 1800-2000*. São Carlos: EDUFscar, 2007.
- BARRETO, Alvaro. *Dias de folia*. O carnaval pelotense de 1890 a 1937. Pelotas: Educat, 2003.
- BARTH, Frederik. Grupos étnicos e suas fronteiras. In: POUTIGNAT & STREIFF-FENART. São Paulo: Editora da Unesp, 1998.
- BOURDIEU, Pierre & WACQUANT, Loïc. Sobre as Artimanhas da Razão Imperialista. *Estudos Afro-Asiáticos*, Ano 24, nº. 1, 2002, pp. 15-33.
- CASTRO, Hebe. História social. In: CARDOSO, Ciro e VAINFAS, Ronaldo. *Domínios da História*. Rio de Janeiro: Campus, 1997.
- CHALHOUB, Sidney. *Trabalho, Lar e Botequim: o cotidiano dos trabalhadores no Rio de Janeiro da belle époque*. Campinas: Editora UNICAMP, 2001.
- \_\_\_\_\_. *Visões da Liberdade: Uma história da escravidão na corte*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- COOPER, Frederick; HOLT, Thomas C.; SCOTT, Rebecca J. *Além da Escravidão: Investigações sobre raça, trabalho e cidadania em sociedades pós-emancipação*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.
- COUCHE, Denys. *A noção de cultura das Ciências Sociais*. Bauru, EDUSC, 1999.
- DESAN, Suzanne. Massas, comunidades e ritual na obra de E.P. Thompson e Natalie Davis. In: HUNT, Lynn. *A nova história cultural*. São Paulo: Martins Fontes, 1992, pp: 63-96.

DOMINGUES, Petrônio José. *A Insurgência de Ébano: A História da Frente Negra Brasileira (1931-1937)*. São Paulo: USP, 2005. Tese (Doutorado em História).

\_\_\_\_\_. *Uma história não contada: Negro, Racismo e Branqueamento em São Paulo*. São Paulo: Senac São Paulo, 2004.

GERMANO, Íris Graciela. *Rio Grande do Sul, Brasil e Etiópia: os negros e o carnaval de Porto Alegre nas décadas de 1930 e 40*. Porto Alegre: UFRGS, 1999. Dissertação (Mestrado em História).

GILL, Lorena & LONER, Beatriz Ana. Clubes Carnavalescos Negros de Pelotas. In: III Encontro de Escravidão e Liberdade no Brasil Meridional, 2007, Florianópolis. *Anais...* Florianópolis: UFSC, 2007.

GUIMARÃES, Antonio Sérgio Alfredo. *Classes, raças e democracia*. São Paulo: Editora 34, 2002.

\_\_\_\_\_. *Racismo e Anti-Racismo no Brasil*. São Paulo: Editora 34, 2005.

HALL, Stuart. *Da Diáspora: identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2006.

HOBSBAWM, Eric. A história vista de baixo para cima. In: *Sobre História*. São Paulo, 2ª edição: Companhia das Letras, 1998.

HOFBAUER, Andreas. *Uma história de branqueamento ou o negro em questão*. São Paulo: Editora UNESP, 2006.

LAZZARI, Alexandre. "Certas coisas não são para que o povo as faça": Carnaval em Porto Alegre 1870-1915. Campinas: UNICAMP, 1998. Dissertação (Mestrado em História).

LEITE, Ilka B. (org.) *Negros no Sul do Brasil: Invisibilidade e territorialidade*. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 1996.

LONER, Beatriz Ana. *Classe operária: mobilização e organização em Pelotas e Rio Grande, 1888-1937*. Porto Alegre, UFRGS, 2. vols., 1999. Tese (Doutorado em Sociologia).

\_\_\_\_\_. *Construção de classe: operários de Pelotas e Rio Grande, 1888-1930*. Pelotas: Editora e Gráfica Universitária-UFPeI/Rede Unitrabalho, 2001.

\_\_\_\_\_ & GILL, Lorena. Organização negra em Pelotas: Características e evolução (1870-1950). In: III Encontro de Escravidão e Liberdade no Brasil Meridional, 2007, Florianópolis. *Anais...* Florianópolis: UFSC, 2007.

MAGALHÃES, Mario Osorio. *Opulência e cultura na província de São Pedro do Rio Grande do Sul: um estudo sobre a história de Pelotas (1860-1890)*. Pelotas: Editora da UFPel/Livraria Mundial, 1993.

MATTOS, Hebe Maria & RIOS, A. M. L. *O pós-abolição como problema histórico: balanços e perspectivas*. *TOPOI*, v.5, n. 8, jan-jun. 2004, pp. 170-198.

\_\_\_\_\_ & RIOS, Ana Lugão. *Memórias do cativo: família, trabalho, e cidadania no pós-abolição*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

MOREIRA, Paulo Roberto Staudt. *Faces da Liberdade, Máscaras do Cativo - Experiências de liberdade e escravidão, percebidas através das Cartas de Alforria - Porto Alegre (1858-1888)*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1996.

MÜLLER, Liane S. *As contas do meu rosário são balas de artilharia: irmandade, jornal e associações negras em Porto Alegre*. Porto Alegre: PUCRS, 1999. Dissertação (mestrado em História).

MUNANGA, Kabengele. *Negritude: Usos e Sentidos*. São Paulo: Editora Ática, 1988.

NEGRO, Antonio Luigi & GOMES, Flávio. Além das senzalas e fábricas: uma história social do trabalho. *Tempo Social*, v. 18, nº. 1, pp. 217-240.

OLIVEN, Ruben George. A invisibilidade social e simbólica do Negro no Rio Grande do Sul. In: LEITE, Ilka B. (org.) *Negros no Sul do Brasil: Invisibilidade e territorialidade*. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 1996, pp. 13-32.

SANTOS, José Antônio dos. *Raiou a Alvorada: Intelectuais negros e imprensa*. Pelotas: Editora e Gráfica Universitária-UFPel, 2003.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. *O Espetáculo das Raças - Cientistas, Instituições e questão racial no Brasil 1870-1930*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

SEYFERTH, Giralda. "Construindo a Nação: hierarquias raciais e o papel do racismo na política de imigração e colonização". In: *Raça, ciência e sociedade*. Rio de Janeiro: FIOCRUZ/CCBB, 1996, pp. 41-58.

SKIDMORE, Thomas E. *Preto no Branco: raça e nacionalidade no pensamento brasileiro*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

TAVARES, Viviane dos Santos. *Dr. Pescadinha em cena*. Pelotas: UFPel, 2007. Artigo (Especialização em História do Brasil).

THOMPSON, E.P. *As peculiaridades dos ingleses e outros artigos*. Campinas: Editora da UNICAMP, 2001.

Proc: 0980-11.00/12-0

IPHA E - R S	
Proc. n°	
Fis. 73	Rub. Ck

VON SINSON, Olga. *Camaval em Branco e Negro*. Carnaval popular paulistano 1914-1988. Campinas: Editora Unicamp; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo; Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2007.

XAVIER, REGINA C. L. (Org.). *História da escravidão e da liberdade no Brasil meridional: guia bibliográfico*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2007.

# Histórico do Clube Fica Ahi P'ra Ir Dizendo

Aos 27 dias do mês de fevereiro de 1921, os amigos Osvaldo Guimarães da Silva, Renato Monteiro de Souza e João Francisco Ferreira reuniram na praça central da cidade, Coronel Pedro Osório, visando aproveitar os festejos do carnaval local criando um cordão carnavalesco, o qual denominaram Fica Ahi P'ra Ir Dizendo, por iniciativa de Osvaldo, o qual indicou também as cores que identificariam o grupo - azul e branco. Logo se somaram a iniciativa outros homens, os quais levaram para o desfile daquele ano o referido cordão. A partir desta primeira demonstração pública, outras pessoas se interessaram pelo grupo, os quais seguiram mantendo atividades que visavam o encontro de pessoas negras da cidade. No momento, vigorava a prática de impedirem os negros de frequentarem alguns locais, como por exemplo, os dedicados à sociabilidade. Seguindo o exemplo dos outros clubes voltados aos negros na cidade, surgiu um novo clube, o qual teve na sua primeira diretoria os seguintes cargos e respectivos associados:



Cordão Carnavalesco de 1930

Presidente: Lino Ribeiro  
Vice-presidente: Renato Souza

- Primeiro-secretário: Osvaldo Guimarães da Silva
- Segundo-secretário: Edgar Silva
- Primeiro orador: Antenor Vieira
- Segundo orador: Joaquim Rollo
- Primeiro porta-estandarte: João Brizolara
- Diretor Musical: Antonio Ramos
- Diretores: Felisberto Cuiça, Mário Porto, Antero Rodrigues, Jorge Barcelos e José da Silva. (Histórico oficial do Clube Cultural Fica Ahi P'ra Ir Dizendo)

O clube ocupou três sedes antes de erigir a sede atual, as quais eram alugadas, todas localizadas nos limites do centro de cidade. A primeira situou-se na Rua Félix da Cunha, 815, na década de 1920 o clube transferiu-se para uma Rua próxima, Cassiano do Nascimento próximo Rua Gonçalves Chaves e na década de 1930, mais precisamente em 1935, o clube voltou a se localizar na Rua Félix da Cunha, 774. Desde 1956 o clube localiza-se na rua Marechal Deodoro, número 368.



Antigo estandarte do Clube

# Clube Fica Ahi e sua relação com demais Associações Negras da Cidade e Região

Quando o Fica Ahi foi criado em 1921, já existiam dois cordões carnavalescos negros. Depois da Ciguia (1917) e Cheve Não Molha (1919). Estes cordões também se consolidaram como clubes negros, e mantinham atividades em que o Fica Ahi era convidado a participar e vice-versa. Em função da especificidade racial que identificava os três clubes, se autodenominavam "co-irmãos".

Os Cordões da cidade informavam suas atividades e seus co-irmãos e sócios, principalmente com o auxílio da imprensa. E nesse sentido, destaca-se a dita imprensa negra, representada na cidade pelo jornal A Alvorada. Esses cordões apresentaram grande inter-relacionamento social, não somente entre eles próprios, mas também com associações clássicas ou esportivas, com destaque para a Liga de Futebol Independente José do Patrocínio, fundada em 10 de junho de 1919, e políticas, como a Frente Negra Pelotense, fundada em 10 de maio de 1933.



Sobre o jornal A Alvorada, Senhor Gilberto destaca que:

"O jornal que tinha aqui ao lado do clube. Também era dos crioulos [...] Então assim, as melhores posições que tinha negros na cidade eram do Fica Ahi, o A Alvorada era do Fica Ahi praticamente por que os caras que trabalhavam no A Alvorada, que mantavam o jornal eram daqui".

Sobre a circularidade de pessoas entre a Frente Negra Pelotense, jornal A Alvorada e o Fica Ahi,

Senhor Tio afirma que:

"É, era mesclado, gente do cor ali, toda a sociedade, teve até jornais da raça teve Alvorada, era do Juvenal Penny, que era irmão do doutor Penny, então o Alvorada era assim já crítico, tu estava na esquina conversando com uma menina passando e passando ia colocar uma nota quando era domingo: 'pesquei (aluno de tal) esquina (aluno com Jurema)', era um jornal crítico".



# Consciência Racial

A partir da década de 1980 começou a ser exteriorizada uma nova forma de identidade negra através das festas do clube, tendo o continente africano como referência.



"Então quando quiserem fazer eu lembro a festa do vinho e do queijo, por quê nós vamos fazer festa do vinho e do queijo? não tem nada que ver com a nossa cultura. Então começamos a fazer as festas afro-brasileiras (Depoimento de Sra. Nizah Seboje)."

"Nós fazíamos [década de 1980]... inclusive o Clube todo decorado a moda Afro, eu só pedia por que tem gente que tem macetilhas de habilidades que eu não tenho, eu só tenho a ideia, dizem as minhas amigas, mas faziam a decoração, e nós nunca pagamos nada com aquelas coisas bem afro com aqueles vasos de pau pelos cantos, aquelas véias tolas acensas, e um dia eu consegui [...] uma celebração da igreja católica e da umbanda, convidamos a tia Mariacinka, que até hoje tem centro de umbanda, e consegui com os padres, porque eu sou amiga dos padres [...] Cristo foi pobre defendeu sempre os pobres as mulheres naquela época né, e não tem nada a ver, uma coisa é uma coisa outra coisa é outra coisa" (Depoimento da Sra. Nizah Seboje):



# Do Sonho a Concretização:

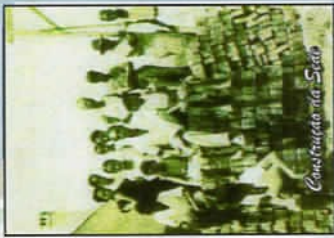
## A Sede Atual

O crescimento do clube somado ao desejo de seus associados, fez com que na década de 1950 se concretizasse um sonho gestado desde 1939 - a construção e inauguração de uma sede própria.



"E aí eles idealizaram a sede nova. 'Como é que vamos fazer e tudo. Como é que vamos organizar... como que vamos... e o dinheiro? Nós temos que fazer isso, fazer aquilo'. Eu sempre fui muito metida. Então a gente fazia nos domingos agora chama domingoite, mas nós fazíamos as quermesses. Todos os domingos a gente se entregava no Fica Ahí. Já sabia que não podia pegar compromisso naquele dia. Era eu, a Maria Helena, a Loleça".

(Depoimento da Sra. Celestina Pinto)



Sobre a construção da sede, Sra. Celestina Pinto complementa que:

"Os sócios que iam trabalhar nos sábados e domingos. A Dona Lenita esposa de Seu Rubens. Ficava encarregada de fazer a comida. Um domingo era massa outro domingo ...

Juntava aquele monte de associados pra ajudar a fazer a sede. Então cada domingo era uma atividade ou era o alícece. Foi construída a primeira sede toda com a bon vontade, é claro, tinha uma pessoa com conhecimento para dar as coordenadas, né?! Mais o trabalho, a mão-de-

obra mesmo foram os associados. Foi uma fase muito boa do Fica Ahí foi quando eles começaram a construir a sede no Deodoro, isto foi iniciativa do Rubens Lima".



PHAE - R S  
Rub. Ce

# O Fica Ahi e o estímulo à Educação

A educação sempre esteve dentro as grandes bandeiras levantadas pelos associados do Clube. Na atual sede o clube disponibilizou suas dependências para o Grupo Escolar Francisco Simões. A "Festa dos formandos" ficou registrada na memória dos ficantes como um expoente desse estímulo e educação.



Esplanada

"Mas uma coisa que era do bom no Fica Ahi que a tendência dos pais era encaminhar os filhos para educação. Eles tinham aquele orgulho da festa, dos formandos, da Festa dos Formandos. Até tinha o prazer, eu tenho dois filhos arquitetos, uma filha e um filho. Eu tive até o prazer de meu filho ser homenageado numa festa no Fica Ahi, os formandos. Isto é uma coisa muito boa, isso era um estímulo. [...] Isto é uma coisa muito boa, isso era um estímulo. [...] estímulo intencional, eles estimulavam a tendência pra educação. Isto muito bom, isto uma fase muito boa. O doutor Mário Vargas e outros que saíram de lá, outros doutores foi devido a este incentivo" (Depoimento do Sr. Valdir Ferreira).



Oficina de dança Afro

"Então cada pessoa, moço ou rapaz que se formavam ou terminavam algum curso, no Fica Ahi tinha aquela homenagem... então era aquele baile que a gente ia, nessa A Alvorada que eu tenho lá...até tem o nosso retrato de toga e beca, e as pessoas que se formavam, as companheiras e tudo, então tinha aquela festa todos os anos para homenagear os estudantes que se formavam. Muitos, e muitos anos foi feito isto" (Depoimento da Sra. Celestina Pinto).



Grupos de discussão em sala de aula



Reunião do Grupo de Estudos do Fica Ahi

A Biblioteca Negra de Pelotas foi uma ideia que nasceu dentro da comunidade universitária em 2006, impulsionada pelo Grupo de Estudos Negros SANGOMA, orientado pelo Prof. Uruguay Cortazzo. Posteriormente o Clube entrou em parceria, oferecendo um local dentro de sua sede para poder disponibilizar os livros para o público em geral. Este grupo organiza e promove Ciclos de Conversas com o propósito de discussão e debate entre a comunidade. O Clube FICA AHI está em tratativas para poder adquirir o acervo e transformá-lo em patrimônio da instituição.



Biblioteca Negra no Fica Ahi

A valorização da educação como meio de melhores condições de vida continua sendo uma premissa do Clube, dentre as atividades desenvolvidas na atualidade destacam-se as Oficinas de Capoeira, ministrada pelo Mestre Jarrão, e de Dança afro, coordenada por Daniel Amaro, e o Grupo Vocai, regido por Luis Wagner Simões. Em função de seu comprometimento com a comunidade, o Clube foi escolhido para abrigar um Ponto de Cultura, por iniciativa da UCPel.

# Programação social



O clube Fica Ahi desde sua primeira criação tem uma extensa programação social voltada aos seus associados. Destacam-se as bailes; quermesses; componentes esportivos; assembleias; almoços e jantares comemorativos; câbs dançantes, etc.

"O tipo de atividades até algumas experiências... Até participamos de exposições da Fica Ahi. [...] Até mandamos algumas vezes pintando o símbolo do Fica Ahi que é o Pícaro" (Depoimento do Sr. Valdir Ferreira).

Sobre a participação dos associados na organização do clube, uma constante em todas as depoimentos, e as atividades sociais Sr. Gilberto Gomes afirma que:

"Era entre eles, mas com o mesmo objetivo: trabalhar pelo clube. Aqui neste salão daqui de clima aqui muita vez nos passamos a noite inteira lutando e assanhado espalhado com aquelas escovas que tinha bailes no outro dia, aquela era uma loucura, e gente tinha no clube diariamente, e um horário tinhamos todos as noites jogando pingue pongue entre jogando carta, entre jogando dama. O clube abriu todas as noites. Era entre época que não tinha muita coisa, não tinha tabuletas. [...] No clube teve de tudo... Tivemos futebol, sala no fim de semana pra jogar futebol. Pingue e pingue tinhamos durante a semana, tinhamos equipe... à entre futebol e a quadra de ginástica tudo".

Alguns bailes ficaram immortalizados na memória dos associados, dentre estes estava o "Baile do Suíte", como destacou Sr. Nizak Sobral:

"Eu me lembro muito bem da festa do suíte no intervalo que os meus irmãos e irmãos iam, [...] como no intervalo de um mês [...] fizemos um baile bem cedo. Assim das sete as onze as dez horas que era festa do suíte, o baile do suíte entre eles tem todas de blusa de lá, [...] botavam o que a sua mãe, sua tia e sua madrinha feita de mais bonito".

"O clube na época era dividido em três partes vamos dizer assim. A parte da diretoria. Ali Jovem, que era ali da época de Mário Vargas, do Gilberto Vargas, ali eles eram mais antigos que ainda está voltando por ali... Eles tinham uma ala, eles faziam festa. Então em 1958 quando eu vim pra cá o Rubicinho me convidou pra ir formarmos a ala do Azul e Branco que aquela foto que tá lá na secretaria que está eu, Mário Gomes, Manoel, Luis Fernando, Luizinho, Vinícius que está hoje em Porto Alegre lá no Ministério do Trabalho. Ali nós formamos a ala Azul e Branco e essa ala criou um estilo bonito dentro do clube porque cada qual queria fazer melhor a sua festa. [...] Foi pra passar eu chego a conclusão que o baile do Suíte no Fica Ahi foi até que ficamos o primeiro... o baile das férias acho que nunca mais fizeram com estilo que até ficamos uma noite italiana, um camarão em cima de cada mesa, aquela noite da gente jovem. E abrimos e baile tocando aquelas músicas, apagam as luzes e acendamos e vela" (Depoimento do Sr. Gilberto Gomes).

A reunião dos associados do clube acontecia em toda, como percebemos na coleção de Sombra Valdir Ferreira:

"É a primeira pela oportunidade, estavam? Isso era uma oportunidade, né? Até o próprio convênio assim na rua, eles tinham um local no centro para se reunir, e gente sabia que ali no ano XV pra região da Fica Ahi ali cada festa os grupos do Fica Ahi."



Reunião dos associados do clube

## O CLUBE FICA AÍ E O RECONHECIMENTO EXTERIOR



Algumas personalidades negras, reconhecidas nacional e internacionalmente estiveram nas dependências do Fica Aí, alegrando festas e em atividades em conjunto com o clube. Dentre estes, os cantores Angela Maria e Jamelão.

"A primeira vinda da Ângela Maria como cantora em Pelotas trazida pelo Fica Aí, primeira vinda do Jamelão subindo esta escada, que tu passa por ela, cantando *Solidão* a peito o clube lotadinho, e ele subiu as escadas..." (Depoimento de Gilberto Gomes - Banca.)

"A Ângela Maria, e Jamelão... Esses astros da música popular vieram no Fica Aí... Até eu me lembro muito bem desta festa da Ângela Maria, aquilo me causou até uma suspensão no serviço do Diário, eu estava trabalhando no Diário, mas 'porei aquilo lá deve estar bom lá no Fica Aí', eu simplesmente me vesti e abandonei o serviço, sabe?! Aquilo me causou uma suspensão. Depois de bater o ponto abandonar o serviço é muita coisa, né?!" (Depoimento do Sr. Valdir Ferreira)



## CLUBES NEGROS DE PELOTAS E REGIÃO

### Choverão Molha

Fundado em 26 de fevereiro de 1919, em uma alfaiataria, dentre os fundadores estava o dono da loja, Otacilio Borges Pereira, também, os alfaiates, Antonio Silveira Falcato, Henrique Câncio de Paula, Pedro Vargas e Antenor Vieira. De início o objetivo era aproveitar o



carneval de 1919, se intitularam **Grupo Carnavalesco Choverão Molha**. A primeira sede do clube localizou-se na Rua

Andrade Neves, 676. Atualmente a sede, própria, localiza-se na Rua Benjamin Constant, 2118.

### Depois da Chuva

A Sociedade Recreativa Depois da Chuva foi fundada em 19 de fevereiro de 1917, por jovens negros com o intuito de aproveitar o carnaval daquele ano. A sua sede, localizava-se na, atual, Rua Cassiano do Nascimento.



Além do contato com as associações negras da cidade de Pelotas, o clube mantinha relações com associações de caráter semelhante localizadas na região sul e em capital.



Clube Remus Aguiar Esp. - fundada em 1926

Clube Zigueiros de Daga em 1949

Clube Remus Aguiar Esp. fundada em 1926

# Do Cordão Carnavalesco nasceu a Academia de Samba do Fica Ali

Academia de Samba do Fica Ali foi criada em 1969 como parte do clube vindo a separar-se desse entre as décadas de 1960 e 1970, porém mantendo sempre os vínculos de colaboração.



"A Academia ela foi fundada só por sócios, desfilavam só sócios. Num época que a Academia não era uma escola de uma dimensão assim pra desfilar em passerela. Era um pequeno grupo desfilando em cima da calçada. Era só composto de associados, era uma burocracia pra gente se integrar no desfile da Academia, um monte de exigência tinha quer ser sócio ou filho de sócio, né?! Depois se tornou popular... Abriu..." (Depoimento de Sr. Valdir Ferreira).

"Vou te dizer como é que é o carnaval da rua XV: nós passamos por diversas entidades, escolas que já não existem mais. Na época era Ritmo Choviano, Academia, Telles, General Osório. A Academia sabia aqui pela Rua Desodoro entrava na Rua Tiradentes como se dizia no termo de antigamente: concentrava nas "patentes do mercado" entre as Ruas XV e Andrade Neves. A Telles vinha pela Rua Tiradentes lá debaixo então dependo da ordem do desfile, por exemplo, passavam Academia e Telles, uma de frente pra outra. Quem é que ia primeiro? A Telles por primeiro. Então a Telles entrava e já entrávamos na cola delas. Tanto que quando a bateria tava muito forte, os caras vinham de lá: vem cá o pessoal está atrapalhando. Não tudo bem! Às vezes era sacanagem também tem que ter uma sacanagemzinha... (Risos). Mas era um atrás do outro, atrás da Academia já vem a Osório ou o Ritmo Choviano e vamos embora..." (Depoimento de Sr. Gilberto Gomes)

"Tinha respeito. Era uma ideia totalmente diferente que vocês possam ter de carnaval. As pessoas ficavam no sobrado, se fantasiavam, decoravam as sacadas e havia guerra de serpentina. [...] quando os cordões passavam assim com os carros altos, vinha um batador na frente cortando [as serpentinhas] pra não se enredar nos carros. Coisa linda, até o aroma do lança perfume, o ruído que tinha o carnaval de guiso e apito digamos não se podia definir o ruído de batida de tamborim, de reco-reco, pandeiro. E o curso que passava todo tempo entrando pela rua XV e fazia a volta vinha pela Félix da Cunha [fazia a volta na Praça Coronel Pedro Osório os carros com o toldo arriado e com fantasias de columbinas, alacris e marinheiros". (Depoimento de Sr. Valdir Ferreira)



# As Cortes e suas festividades

Dentre as principais atividades do clube estavam os bailes de debutantes e em homenagem aos estudantes, dentre outros que ficaram registrados na memória dos ficantes. Porém, destacavam-se a escolha das Rainhas, e Duques e Duquesas infantis seguidos de sua corte. Muitas dessas atividades eram realizadas em teatros locais, como por exemplo, no Teatro Avenida.



"As meninas viviam a vida inteira esperando o baile de debutante" (Depoimento de Sr. Gilberto Gomes).

"A atividade principal delas era a rainha, escolha da rainha. Baile de gala. Os negão chegavam lá todos de gravatinha de topê e coisas e tal. Até tinha uma prima minha que [foi rainha do Fica Ali, [Lacei Ferreira.] era uma coisa muito..." (Depoimento de Sr. Valdir Ferreira).



"No quadro social do clube nesta época dos bailes... En acho que se tivesse... Vamos coloca assim engrandado, cinco famílias que tinha carro... [...] então eles encostavam aqui na frente. Em compensação em dia de baile de debutante do Fica Ali no outro lado da calçada ficava travado de carro dali [frente da sede] até lá em cima na Rua Desodoro, as famílias vinham pra se aglomerar aqui na frente e ver as debutantes do Fica Ali. Havia e pena ser a chegada das garotas nós estávamos um tapete vermelho lá fora... Elas já vinham subindo até chegar à ponta da escada... E a sociedade pelotense vinha pra cá pra assistir... Os bailes de debutantes do Fica Ali [...] se um te convidava tu te enchia de orgulho". (Depoimento de Sr. Gilberto Gomes)



"A escolha da corte de dana, por exemplo, eu era presidente do clube, quem é que vai ser a rainha de 2011 a 2012? Bem eu digo, eu vou convidar a filha do Rubine! 'Não tudo bem'. Então já era a filha do Rubine!" (Depoimento de Sr. Gilberto Gomes).



**LEI N° 852**

Declara de utilidade pública o Clube Cultural Fica  
Aí Prá Ir Dizendo.

O SENHOR ADOLFO FETTER, Prefeito de Pelotas,  
Faço saber que a Câmara Municipal decretou e eu sanciono e promulgo a seguinte  
lei:

Art. 1º - É declara de utilidade pública o Clube Cultural Fica Aí Prá Ir Dizendo, que  
ao lado de realizações sociais promove atividades culturais, tendo por principal objetivo,  
colaborar com os Poderes Públicos, na elevação cultural e moral do "Homem do Povo".

Art. 2º - Esta lei entra em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições  
em contrário.

GABINETE DO PREFEITO MUNICIPAL DE PELOTAS, EM 6 DE ABRIL DE 1959.

ADOLFO FETTER  
Prefeito

Registre-se e Publique-se

Diretor Geral

Confere com o original

Chefe de Seção



GOVERNO DO ESTADO  
**RIO GRANDE DO SUL**  
SECRETARIA DA CULTURA

PARE. Iphae N.º 13/2012

Porto Alegre, 01 de agosto de 2012.

Senhor Diretor:

A pedido do diretor do Iphae – Eduardo Hahn –, realizou-se parecer técnico sobre a solicitação de tombamento do Clube Cultural Fica Ahí P'ra Ir Dizendo - Clube Social Negro de Pelotas. O parecer justificará a inclusão do clube como Patrimônio Cultural do Rio Grande do Sul.

Os Clubes Sociais Negros têm suas origens na segunda metade do século XIX, buscando construir um local de sociabilidade para a comunidade negra, que era tolhida nos espaços sociais frequentados pela elite branca. Além disso, no momento de formação dessas entidades o objetivo era, também, a arrecadação de fundos que visava a compra da liberdade dos trabalhadores escravizados, conforme as atividades da Sociedade Beneficente e Cultural Floresta Aurora de Porto Alegre, que foi fundado em 1872, e outros clubes do mesmo período.

Deve-se ressaltar que as associações também foram fundadas com o objetivo de prestar assistências às famílias negras, principalmente no caso de morte dos seus provedores. Destarte, a situação evoluiu para algo maior já que o número de associados rapidamente cresceu, possibilitando a diversificação de suas atividades. Dessa forma, as agremiações passaram a organizar bailes, atos públicos, protestos e homenagens a cidadãos notoriamente respeitados pela sua contribuição à comunidade.

Com o término da escravatura e do Império, os negros tiveram que ingressar como cidadãos na sociedade. Contudo, o processo de fortalecimento do Estado com adoção de políticas públicas que visavam a "higienização" e a "moralização" da sociedade brasileira, fez com que, no período da República Velha, esta inserção social não se efetivasse, mantendo os excluídos da sociedade.

Nesse contexto, o preconceito étnico fez da negritude sinônimo de vadiagem e as associações tiveram um papel importante no sentido de

questionar a ordem social vigente, promovendo encontros culturais e se transformando em locais de resistência.

No Rio Grande do Sul as associações de negros tiveram muita importância para o fortalecimento e articulação da comunidade negra local. Segundo levantamento do Museu Treze de Maio, localizado na cidade de Santa Maria, existem, nos dias de hoje, cinquenta e três clubes sociais negros cadastrados e mapeados no estado. Contudo, a lista não está fechada e as associações estão saindo do anonimato, acreditando-se que esse número possa ser alterado ao longo dos próximos anos.

Na cidade de Pelotas essas associações se revestem de características particulares que devem ser consideradas frente à importância da cidade no período para a economia do Estado. Na época em que surgiram os clubes negros em Pelotas, a cidade detinha o maior poder econômico do Estado e sua população era superior à capital, Porto Alegre.

Em função das atividades nas charqueadas, que começaram a ser realizadas ao longo do canal São Gonçalo desde 1779, o número de negros libertos e escravos era muito alto e, por isso, no final do Império, a cidade possuía praticamente 10% da população negra da Província. E foi justamente em razão do alto número de negros que, por volta dos anos 1870, a comunidade negra começou a se organizar por meio de entidades beneficentes – entidades mutualistas.

Nas primeiras décadas do século XX essas entidades foram sucedidas por entidades de cunho recreativos e carnavalescos. Dos quais se destacam a formação dos cordões carnavalescos *Depois da Chuva* (1916), *Chove Não Molha* (1919), *Fica Ahí P'ra Ir Dizendo* (1921), *Quem Ri de Nós Têm Paixão* (1921), *Está Tudo Certo* (1931), além de outros cordões fundados ao longo do período. Contudo, dos elencados somente os clubes *Chove Não Molha* e o *Fica Ahí P'ra Ir Dizendo* mantêm suas atividades nos dias atuais, mesmo que com muitas dificuldades financeiras.

Porém, qual foi o motivo que proporcionou a alteração das associações beneficentes – final do século XIX – para associações recreativas e carnavalescas – início do século XX? Certo é que ambas as agremiações foram importantes em seus respectivos períodos. No final do século XIX as associações mutualistas visavam garantir as necessidades primárias da comunidade negra que na época diziam respeito, basicamente, à sobrevivência das famílias. Essas ações se traduziam em assistência aos familiares e na luta contra a escravidão. Já com o término da escravidão e, conseqüentemente, do Império, os “novos tempos” trouxeram novas necessidades e novos paradigmas à sociedade. O que levou a

comunidade negra a buscar outras formas de sobrevivência e de inserção social, conforme nos explica Fernanda Oliveira da Silva<sup>1</sup>.

“Os cordões passaram a agir como importantes idealizadores da união da raça negra, traçando metas de ação que ora assemelham-se à consolidação de uma identidade negra, ora a uma assimilação dos valores vigentes na sociedade dominante, composta predominantemente por brancos, e ora mesclam esses elementos em busca de uma via alternativa de sobrevivência e inserção na sociedade brasileira.”

Neste contexto, é notório que as associações tinham uma grande importância no processo de integração social dos negros à sociedade e, para isso, é pertinente ressaltar que os clubes discutiam a postura de seus membros, conforme confirmamos nas atas das reuniões das diretorias, haja vista que a conduta, “fora dos padrões” socialmente aceitos pela sociedade branca, poderia provocar um retrocesso. Para isso, as diretorias - refiro especialmente ao Fica Ahí - realizavam reuniões para discutir as condutas de seus membros.

A prática de vigiar a conduta, impondo limites e valores a seus membros, era uma maneira de branqueamento social, conforme nos afirma Hofbauer, 2006. Ao mesmo tempo em que o preconceito étnico arrastava os membros das associações ao branqueamento social, os negros visavam afirmar sua identidade negra por meios das mesmas associações. Atualmente, os Clubes Negros, embora com grandes dificuldades econômicas, mantém suas atividades visando à preservação da identidade da comunidade negra.

Desde 1954, o clube associativo Fica Ahí P'ra Ir Dizendo ocupa uma sede própria, a quarta e última sede do clube, localizada na Rua Marechal Deodoro, 368. Certamente, após mais de meio século, o prédio é parte da memória da agremiação. O local é um espaço de memória da cultura afro-brasileira, conforme é identificado no histórico do clube. O tombamento do prédio é o reconhecimento, por parte do Estado, de uma instituição representativa de um segmento social que foi marginalizado por muitas décadas, mas que lutou e resistiu ao preconceito e à exclusão social e que se tornou um dos grupos étnicos a qual contribuíram com a formação cultural da sociedade brasileira e, conseqüentemente, a sociedade sul-riograndense.

Por esses motivos, entendo que o Clube Cultural Fica Ahí P'ra Ir Dizendo deve ser visto como Patrimônio Histórico do Rio Grande do Sul e, por

<sup>1</sup> SILVA, Fernanda Oliveira da. Monografia. Raça, Sociabilidade e Identidade num Clube Pelotense: Clube Carnavalesco Negro Fica Ahí P'ra Ir Dizendo (1938-1943). Orientado por Beatriz Ana Loner em 2008. Univesidade Federal de Pelotas.

Proc: 0980-11.00/12-0

IPHAE - R S	
Proc. nº	
Fls. 33	Rub. 06

consequente, ser inscrito no Livro Tombo Histórico, já que é de importância histórica para sociedade sul-riograndense.

*R. da Silva*  
Robson da Silva Dutra Lima  
Historiador

Ciente,  
Em 01/08/2012  
*Eduardo Hahn*  
Eduardo Hahn - Diretor do Iphae

**F02**

**LEVANTAMENTO FOTOGRAFICO**

FL.084

Nome do local Clube Cultural Fica Ahí Prá Ir Dizendo	Município Pelotas
---	----------------------

Processo de Tombamento n° 980-1100/12-0
--

Endereço Rua Marechal Deodoro, 368	Produtor/ Fonte
Responsável Arq. Marília de Lavra Pinto	Data outubro/2012
Observações: 1 - Fachada frontal; 2 - Detalhe: alvenaria; 3 - Detalhe: soleira/degrau; 4 - Detalhe: placa indicativa/ nome do Clube e data de fundação	



1



2



3



4

F02

LEVANTAMENTO FOTOGRAFICO

FL.85

Nome do local Clube Cultural Fica Ahí Prá Ir Dizendo	Município Pelotas
---	----------------------

Processo de Tombamento nº 980-1100/12-0
--

Endereço Rua Marechal Deodoro, 368	Produtor/ Fonte
Responsável Arq. Marília de Lavra Pintol	Data outubro/2012
Observações: 1 - Salão de eventos; 2 - Salão/Palco; 3 - Acesso interno ao 2º pavimento; 4 - Corredor lateral/Acesso externo ao 2º pavimento	



1



2



3



4

2

PARE. IPHAÉ N.º 15 /2012

Porto Alegre, 02 de outubro de 2012.

Ref.: Proc. SPI 980-1100/12-0 ←

**Assunto: Tombamento da sede do Clube Cultural Fica Ahí Prá Ir Dizendo  
na cidade de Pelotas**

Este parecer tem por finalidade avaliar a proposta de tombamento do Clube Cultural Fica Ahí Prá Ir Dizendo, na cidade de Pelotas. O processo administrativo foi aberto através do MEMO IPHAÉ nº 099/2012 do diretor do IPHAÉ, por solicitação do presidente do Clube Cultural Fica Ahí Prá Ir Dizendo.

**IDENTIFICAÇÃO DO BEM**

O prédio que abriga o Clube referido está situado na Rua Marechal Deodoro, nº. 368, com matrícula nº. 49.186, conforme cópia do registro de Imóveis da 2ª Zona em Pelotas.

**DOCUMENTAÇÃO INTEGRANTE DO PROCESSO**

Fazem parte desse processo, documentos que atestam a importância histórica e cultural do Clube Cultural Fica Ahí Prá Ir Dizendo no contexto da sociedade pelotense. A inauguração da sede própria, no prédio onde até hoje funciona, ocorreu em fevereiro de 1954.

- MEMO IPHAÉ nº 099/2012, de 15/04/2012, do Diretor do IPHAÉ ao Protocolo SEDAC, solicitando abertura de processo administrativo visando análise da proposta de tombamento do Clube Ahí Prá Ir Dizendo (fls.02);

- Of. 003/2012, de 14/05/2012, do Presidente do CC Fica Ahí ao diretor do IPHAÉ solicitando abertura de processo de tombamento do clube fundado em 27 de janeiro de 1921 (fls.03);

- Registro de Imóveis da 2ª Zona de Pelotas – certidão do imóvel (fls.04);

- Clube Cultural Fica Ahí Prá Ir Dizendo – Ata nº. 002/2009, de 31/08 (fls.05);

- Clube Cultural Fica Ahí Prá Ir Dizendo – cópia de foto dos primeiros participantes (fls.06);

pt

- histórico do Clube (fls. 07 a 11);
- Clube Cultural Fica Ahí Prá Ir Dizendo – cópias de fotos de atividades culturais desenvolvidas pelo Clube em 2010 (fls. 12 a 19);
- pranchas de arquitetura, proteção de incêndio e estrutural de regularização e reforma da sede do Clube (fls. 20 a 22);
- Memorial do Clube Cultural Fica Ahí – Fernanda Oliveira da Silva - texto integrante da monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em História da Universidade Federal de Pelotas para obtenção do título de Licenciado em História (fls. 23 a 78);
- LEI Nº 852 – de 06/04/1959 – Declara de utilidade pública o Clube Cultural Fica Aí Prá Ir Dizendo (fls. 79);
- PARE. IPHAÉ Nº. 13/2012 – de 01/08/2012, de autoria do historiador Robson da Silva Dutra Lima, justificando a inclusão do Clube Cultural Fica Ahí Prá Ir Dizendo COMO Patrimônio Cultural do Rio Grande do Sul (fls. 80 a 83);
- IPHAÉ – Sistema de Rastreamento Cultural – Levantamento Fotográfico (fls.84 a 85).

### **SIGNIFICÂNCIA DO BEM**

Conforme o Parecer PARE. IPHAÉ Nº. 13/2012, “o local é um espaço de memória da cultura afro-brasileira, conforme é identificado no histórico do Clube”.

### **DESCRIÇÃO ARQUITETÔNICA DO BEM**

O prédio que abriga o Clube Cultural Fica Ahí Prá Ir Dizendo possui características art decô, assim como a simplificação das linhas, presente nas construções precursoras do Modernismo, porém com elementos típicos de períodos anteriores, identificada com o estilo protomodernista. Na construção de dois pavimentos, na fachada frontal pode-se perceber um eixo central onde se encontra a porta de acesso principal no pavimento térreo, no segundo pavimento um vão com esquadria metálica e vidro (para iluminação da escada interna) encimada por friso horizontal, e a existência de uma saliência na alvenaria, destacando-se na platibanda cega. Esta é encimada por friso, que se repete sobre as esquadrias do pavimento térreo e nos balcões fechados existentes no segundo pavimento. A partir da parte central, a fachada é simétrica, apresentando no pavimento térreo, esquadrias de madeira, janelas de abrir com vidros transparentes e postigos, e porta almofadada. A partir da linha do passeio até a altura dos parapeitos das janelas, a alvenaria, embora pintada com a mesma cor em toda a fachada, apresenta-se diferenciada, aparentemente realizada com blocos de pedra, de tamanho retangular, maior do que o dos tijolos padronizados do resto da construção. Ao lado da porta, há uma placa indicativa com o nome do Clube, em metal. No pavimento superior, cada balcão apresenta no centro, esquadria de madeira, no mesmo padrão das janelas do térreo, ladeada por vãos fechados com alvenaria e blocos de vidro. Junto a esta fachada, há um portão lateral, de ferro pintado, que dá acesso a uma escada lateral que conduz ao segundo pavimento. Na altura deste, há um bloco avançado até a divisa do terreno, que corresponde a um pequeno palco com motivos decorativos na parte superior da boca de cena, internamente. As

ruel

demais fachadas não acompanham a cor da fachada principal. As telhas são cerâmicas e há janelas basculantes de ferro na cozinha, construída posteriormente e outras dependências. O piso do salão do segundo pavimento é de tabuado e na escada interna, de granitina. Esta ainda aparece no primeiro degrau do acesso principal. Foi conservado o piso de granitina na escadaria interna que dá acesso ao salão do segundo pavimento, e colocado piso cerâmico no vestíbulo, na cozinha, escadaria externa, pátio lateral. As paredes internas são rebocadas e pintadas e o forro de madeira, encaixado. O guarda-corpo e corrimão da escada interna são de ferro pintado.

**TOMBA-SE:**

- a fachada principal;
  - a volumetria;
  - as esquadrias originais ainda existentes:
- caixilharia, postigos, cremonas, etc.



Arqtª. Marília de Lavra Pinto  
CAU 9974-0

Ciente,

Em 02 / 10 / 12



Eduardo Hahn – Diretor do IPHAE

MEMO IPHAE n° 187/2012

DE: Eduardo Hahn – Diretor do IPHAE

PARA: AJU/SEDAC

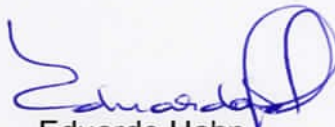
Em: 02 /10/2012

Prezado Senhor,

Estamos encaminhando Processo n° 980-11.00/12-0, referente ao tombamento do Clube Cultural Fica Ahi Pra Ir Dizendo, na cidade de Pelotas/RS, para conhecimento e devidas providências.

Sem mais para o momento, despeço-me.

Atenciosamente



Eduardo Hahn  
Diretor do IPHAE



OFÍCIO Nº 364/2012/GAB/AJU/SEDAC

Porto Alegre, 08 de outubro de 2012.

Ao Senhor  
**Raul Borges Ferreira**  
Presidente do Clube Cultural Fica Ahí Pra Ir Dizendo  
Rua Marechal Deodoro, 368  
Pelotas RS  
Cep: 96020-220

**Assunto:** Tombamento Clube Cultural Fica Ahí Pra Ir Dizendo.

**Expediente:** 980-1100/12-0. ←

Senhor Presidente,

Ao cumprimentá-lo, **NOTIFICO** que o Clube Cultural Fica Ahí Pra Ir Dizendo, situado na Rua Marechal Deodoro, 368, em Pelotas/RS, está sendo indicado para fins de tombamento, como Patrimônio Cultural do Estado, em conformidade com o que consta do Expediente Administrativo nº 980-1100/12-0, na forma do Decreto-Lei nº 25 de 1937, combinado com a Lei Estadual nº 7.231 de 1978.

Constam do tombamento a fachada principal; a volumetria; e as esquadrias originais ainda existentes (caixilharia, postigos, cremonas, etc).

Esclareço ainda que, conforme o disposto no art. 9º do Decreto-Lei nº 25 de 1937, Vossa Senhoria possui o prazo improrrogável de **15 dias**, a contar do recebimento desta, para, querendo, apresentar impugnação ao tombamento.

Atenciosamente,

Assis Brasil  
Secretário de Estado da Cultura



OFÍCIO Nº 365/2012/GAB/AJU/SEDAC

Porto Alegre, 08 de outubro de 2012.

Ao Excelentíssimo Senhor  
**ADOLFO ANTÔNIO FETTER**  
Prefeito Municipal de Pelotas  
Praça Coronel Pedro Osório, 101  
Pelotas – RS  
CEP: 96015010

**Assunto:** Tombamento Clube Cultural Fica Ahí Pra Ir Dizendo.

**Expediente:** 980-1100/12-0. ←

Senhor Prefeito,

Ao cumprimentá-lo, **NOTIFICO** que o Clube Cultural Fica Ahí Pra Ir Dizendo, situado na Rua Marechal Deodoro, 368, em Pelotas/RS, está sendo indicado para fins de tombamento, como Patrimônio Cultural do Estado, em conformidade com o que consta do Expediente Administrativo nº 980-1100/12-0, na forma do Decreto-Lei nº 25 de 1937, combinado com a Lei Estadual nº 7.231 de 1978.

Constam do tombamento a fachada principal; a volumetria; as esquadrias originais ainda existentes (caixilharia, postigos, cremonas, etc).

Esclareço ainda que, conforme o disposto no art. 9º do Decreto-Lei nº 25 de 1937, Vossa Senhoria possui o prazo improrrogável de **15 dias**, a contar do recebimento desta, para, querendo, apresentar impugnação ao tombamento.

Atenciosamente,

Assis Brasil  
Secretário de Estado da Cultura



GOVERNO DO ESTADO  
RIO GRANDE DO SUL  
SECRETARIA DA CULTURA

Secretaria da Cultura  
Proc. nº  
Fls. 92 Rub. 1

OFÍCIO Nº 366/2012/GAB/AJU/SEDAC

Porto Alegre, 08 de outubro de 2012.

Ao Excelentíssimo Senhor  
**Luiz Eduardo Brod Nogueira**  
Presidente da Câmara de Vereadores  
Rua XV de novembro, 207  
Pelotas RS  
Cep: 96015-000

**Assunto:** Tombamento Clube Cultural Fica Ahí Pra Ir Dizendo.

**Expediente:** 980-1100/12-0. ←

Senhor Presidente,

Ao cumprimentá-lo, **NOTIFICO** que o Clube Cultural Fica Ahí Pra Ir Dizendo, situado na Rua Marechal Deodoro, 368, em Pelotas/RS, está sendo indicado para fins de tombamento, como Patrimônio Cultural do Estado, em conformidade com o que consta do Expediente Administrativo nº 980-1100/12-0, na forma do Decreto-Lei nº 25 de 1937, combinado com a Lei Estadual nº 7.231 de 1978.

Constam do tombamento a fachada principal; a volumetria; e as esquadrias originais ainda existentes (caixilharia, postigos, cremonas, etc).

Esclareço ainda que, conforme o disposto no art. 9º do Decreto-Lei nº 25 de 1937, Vossa Senhoria possui o prazo improrrogável de **15 dias**, a contar do recebimento desta, para, querendo, apresentar impugnação ao tombamento.

Atenciosamente,

Assis Brasil  
Secretário de Estado da Cultura

Proc: 0980-11.00/12-0



Secretaria da Cultura  
Proc. nº  
Fls. 93 Rub. ✓

<b>CORREIOS</b> AVISO DE RECEBIMENTO <b>AR</b>		DATA DE POSTAGEM 2012
DESTINATÁRIO Sr. Luiz Eduardo Brod Nogueira Câmara Vereadores - Rua XV de Novembro, 207, Pelotas/RS, RA 98846014 5 BR 96015/00		UNIDADE DE POSTAGEM CARMID UNIDADE DE ENTREGA PELOTAS
ENDEREÇO PARA DEVOLUÇÃO DA AR Secretaria de Estado da Cultura (A JUR) - Av. Borges de Medeiros, 1501, 19º andar, P. Alegre/RS, 90119-900		18 OUT 2012
TENTATIVAS DE ENTREGA 1ª / / :h 2ª / / :h 3ª / / :h	DECLARAÇÃO DE CONTEÚDO (SUJEITO À VERIFICAÇÃO) Of. Gabi 366/12: rubrica combaumento	RUBRICA E MATRÍCULA DO CARTERO Adimir M. Custódio Carteiro II Matrícula: 8.686.601-0
ATENÇÃO: Após 3 (três) tentativas de entrega, devolver o objeto.	MOTIVO DE DEVOLUÇÃO 1 Mudou-se 2 Endereço insuficiente 3 Não existe o número 4 Desconhecido 5 Outros 6 Recusado 7 Não procurado 8 Ausente 9 Falado	DATA ENTREGA 18.10.12
ASSINATURA DO RECEBEDOR Karina T.	NOME LEGÍVEL DO RECEBEDOR KARINA TEIXEIRA	Nº DOC. DE IDENTIDADE 8113582772

<b>CORREIOS</b> AVISO DE RECEBIMENTO <b>AR</b>		DATA DE POSTAGEM 2012
DESTINATÁRIO Sr Adolfo Antônio Feteer - Prefe to Municipal - Praça Cel. Pedro Amaral 101 Pelotas/RS, 96015/010 RA 98846015 9 BR		UNIDADE DE POSTAGEM CARMID UNIDADE DE ENTREGA PELOTAS
ENDEREÇO PARA DEVOLUÇÃO DA AR Secretaria de Estado da Cultura (A JUR) - Av. Borges de Medeiros, 1501, 19º andar, P. Alegre/RS		18 OUT 2012
TENTATIVAS DE ENTREGA 1ª / / :h 2ª / / :h 3ª / / :h	DECLARAÇÃO DE CONTEÚDO (SUJEITO À VERIFICAÇÃO) Of. Gabi 365/12: rubrica combaumento	RUBRICA E MATRÍCULA DO CARTERO Sabrina Loh Mat. 85942582
ATENÇÃO: Após 3 (três) tentativas de entrega, devolver o objeto.	MOTIVO DE DEVOLUÇÃO 1 Mudou-se 2 Endereço insuficiente 3 Não existe o número 4 Desconhecido 5 Outros 6 Recusado 7 Não procurado 8 Ausente 9 Falado	DATA ENTREGA 18/10/12
ASSINATURA DO RECEBEDOR Rosilaine Figueiredo	NOME LEGÍVEL DO RECEBEDOR Rosilaine Figueiredo	Nº DOC. DE IDENTIDADE 4049602214

Proc: 0980-11.00/12-0

Secretaria da Cultura  
Proc. nº  
Fls. 94 Rubr

 <b>CORREIOS</b>	<b>AVISO DE RECEBIMENTO</b>	<b>AR</b>	DATA DE POSTAGEM									
DESTINATÁRIO Sr. Raul Borges Ferreira (Clus) fica Aní-Pira Jr. Dizenda - Rua Mal. Deodoro, 368, Pelotas/RS,			UNIDADE DE POSTAGEM									
RA 98846016 2 BR 6020/2012			CARTEIRO UNIDADE DE ENTREGA									
ENDEREÇO PARA DEVOLUÇÃO DA AR Secretaria de Estado da Cultura (AJUR) - Av. Borges de Medeiros 1501, 19º andar, P. Alegre/RS, 90119/900.			18 OUT 2012									
TENTATIVAS DE ENTREGA		DECLARAÇÃO DE CONTEÚDO (SUJEITO À VERIFICAÇÃO) Of. pub. 364/12: notificação tombamento.	RUBRICA E MATRÍCULA DO CARTEIRO 									
1ª _____ h		MOTIVO DE DEVOLUÇÃO <table border="0"><tr><td><input type="checkbox"/> 1 Mudou-se</td><td><input type="checkbox"/> 6 Recusado</td></tr><tr><td><input type="checkbox"/> 2 Endereço insuficiente</td><td><input type="checkbox"/> 7 Não procurado</td></tr><tr><td><input type="checkbox"/> 3 Não existe o número</td><td><input type="checkbox"/> 8 Ausente</td></tr><tr><td><input type="checkbox"/> 4 Desconhecido</td><td><input type="checkbox"/> 9 Falecido</td></tr><tr><td><input type="checkbox"/> 5 Outros</td><td></td></tr></table>		<input type="checkbox"/> 1 Mudou-se	<input type="checkbox"/> 6 Recusado	<input type="checkbox"/> 2 Endereço insuficiente	<input type="checkbox"/> 7 Não procurado	<input type="checkbox"/> 3 Não existe o número	<input type="checkbox"/> 8 Ausente	<input type="checkbox"/> 4 Desconhecido	<input type="checkbox"/> 9 Falecido	<input type="checkbox"/> 5 Outros
<input type="checkbox"/> 1 Mudou-se	<input type="checkbox"/> 6 Recusado											
<input type="checkbox"/> 2 Endereço insuficiente	<input type="checkbox"/> 7 Não procurado											
<input type="checkbox"/> 3 Não existe o número	<input type="checkbox"/> 8 Ausente											
<input type="checkbox"/> 4 Desconhecido	<input type="checkbox"/> 9 Falecido											
<input type="checkbox"/> 5 Outros												
ATENÇÃO: Após 3 tentativas de entrega, devolver o objeto.			DATA ENTREGA 18/10/12									
ASSINATURA DO RECEBEDOR Lucia Binda 4057 417547												

## MINUTA DE PORTARIA DE TOMBAMENTO

O SECRETÁRIO DE ESTADO DA CULTURA do Estado do Rio Grande do Sul, no uso das atribuições que lhe são conferidas pelo artigo 90, inc. III da Constituição Estadual,

- considerando os termos constantes na Constituição Estadual, artigo 221, inc. V, letra d e artigo 222 caput, § 1º e seguintes;
- considerando os termos constantes na Lei Estadual nº 7.231 de 18 de dezembro de 1978;
- considerando a necessidade de preservar o patrimônio cultural do Estado;

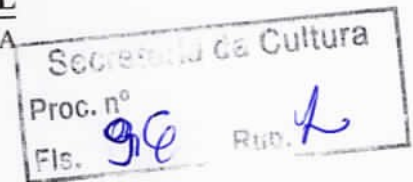
### RESOLVE:

**pelo tombamento do prédio que abriga o Clube Cultural Fica Aháí Prá Ir Dizendo, situado na Rua Marechal Deodoro, nº. 368, com matrícula nº. 49.186, conforme cópia do registro de Imóveis da 2ª Zona em Pelotas, como "espaço de memória da cultura afro-brasileira, conforme é identificado no histórico do Clube", passando a integrar o Patrimônio Cultural do Estado, nos termos do Decreto Lei Federal nº 25 de 30 de novembro de 1937, combinando com a Lei Estadual nº 7.231 de 18 de dezembro de 1978 e com parecer nº PARE. IPHAE N.º 15 /2012 de 02 de outubro de 2012 e PARE. IPHAE N.º. 13/2012, de 19/07/2012, ficando ainda resguardado o entorno.**

Publique-se no Diário oficial do Estado, ratifique-se e registre-se no Livro Tombo do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico do Estado – Iphae/Sedac.

..... de .....de 2012

Luis Antônio de Assis Brasil  
Secretário de Estado da Cultura



Informação nº 283/2012/AJU/SEDAC

Porto Alegre, 13 de novembro de 2012.

**Assunto: Tombamento do Clube Cultural Fica Ahí Pra Ir Dizendo.**  
**Expediente: 980-1100/12-0** ←

Senhor Coordenador,

Trata o presente expediente do tombamento do Clube Cultural Fica Ahí Pra Ir Dizendo, localizado no Município de Pelotas/RS, o qual foi solicitado pelo próprio Presidente do Clube.

Das fls. 20/22, constam projetos arquitetônicos. Das fls. 23/78 consta histórico do clube. Conforme fl. 79, o imóvel foi declarado de utilidade pública (Lei Municipal nº 852/1959).

Em relação à área a ser tombada, concluiu o parecer do Iphae (fls. 80/83):  
Desde 1954, o clube associativo Fica Ahí Pra Ir Dizendo ocupa uma sede própria, a quarta e última sede do clube, localizada na Rua Marechal Deodoro, 368. Certamente, após mais de meio século, o prédio é parte da memória da agremiação. O local é um espaço de memória da cultura afro-brasileira, conforme é identificado no histórico do clube. O tombamento do prédio é o reconhecimento, por parte do Estado, de uma instituição representativa de um segmento social que foi marginalizado por muitas décadas (...)

Da fl. 95 consta minuta da portaria de tombamento.

É o relatório.

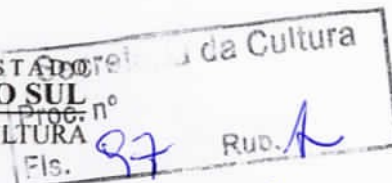
Com efeito, a Constituição Federal dispõe acerca da proteção do patrimônio cultural brasileiro, por meio do instituto do tombamento. Nesse sentido:

Art. 216 Constituem patrimônio cultural brasileiro os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira (...)

§ 1º: O Poder Público, com a colaboração da comunidade, promoverá e protegerá o patrimônio cultural brasileiro, por meio de inventários, registros, vigilância, tombamento e desapropriação, e de outras formas de acautelamento e preservação (...)



GOVERNO DO ESTADO DO  
**RIO GRANDE DO SUL**  
SECRETARIA DA CULTURA



PROC: 0980-11.00/12-0

§ 5º: Ficam tombados todos os documentos e os sítios detentores de reminiscências históricas dos antigos quilombos.

Em nível federal, o instituto do tombamento encontra-se disciplinado por meio do Decreto-lei 25/37:

Art. 1º *Constitue* o patrimônio histórico e artístico nacional o conjunto dos bens móveis e imóveis existentes no país e cuja conservação seja de *interêsse* público, quer por sua vinculação a fatos memoráveis da história do Brasil, quer por seu excepcional valor arqueológico ou etnográfico, bibliográfico ou artístico.

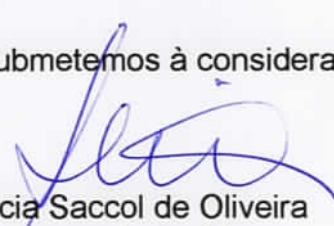
§ 1º Os bens a que se refere o presente artigo só serão considerados parte integrante do patrimônio histórico e artístico nacional, depois de inscritos separada ou agrupadamente num dos quatro Livros do Tombo, de que trata o art. 4º desta lei.

Da mesma forma, a Constituição do Estado do Rio Grande do Sul prevê, em seu art. 222, o tombamento como forma de proteção do patrimônio cultural:

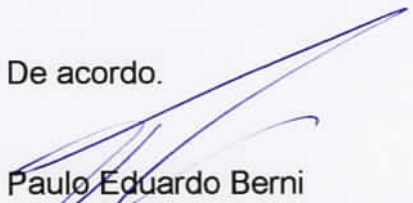
Art. 222: O Poder Público, com a colaboração da comunidade, protegerá o patrimônio cultural, por meio de inventários, registros, vigilância, tombamentos, desapropriações e outras formas de acautelamento e preservação.

Diante do exposto, verificamos que o presente expediente encontra-se devidamente instruído, ou seja, possui todos os documentos necessários e que atestam a relevância cultural do objeto. Assim, estão preenchidas as formalidades legais exigidas para que se dê prosseguimento ao tombamento.

É a informação que submetemos à consideração superior.

  
Leticia Saccol de Oliveira  
Assessoria Jurídica

De acordo.

  
Paulo Eduardo Berni  
Coordenador da Assessoria Jurídica.



Assunto: Portaria

Expediente: 000980-1100/12-0 ←

Portaria Sedac nº 58/2012

O Secretário de Estado da Cultura do Rio Grande do Sul, no uso das atribuições conferidas pelo art. 90, V; art. 221, V, alíneas "d" e "e" e art. 222 e seus parágrafos, da Constituição do Estado, e fundamentando-se pela Lei 7.231, de 18 de dezembro de 1978, combinada com o Decreto-Lei n.º 25, de 30 de novembro de 1937 e, considerando a necessidade de preservar o patrimônio cultural do Estado, corroborado nos Autos do Processo Administrativo n.º 980-1100/12-0, RESOLVE

Tombar do prédio que abriga o Clube Cultural Fica Ahí Prá Ir Dizendo, situado na Rua Marechal Deodoro, nº. 368, no Município de Pelotas/RS, com matrícula nº. 49.186, conforme cópia do registro de Imóveis da 2ª Zona em Pelotas, como "espaço de memória da cultura afro-brasileira, conforme é identificado no histórico do Clube", passando a integrar o Patrimônio Cultural do Estado, nos termos do Decreto-Lei Federal nº 25 de 30 de novembro de 1937, combinando com a Lei Estadual nº 7.231 de 18 de dezembro de 1978 e com PARE. IPHAE N.º 13/2012, de 01 de agosto de 2012 e PARE. IPHAE N.º 15/2012, de 02 de outubro de 2012 e ficando ainda resguardado o entorno. Publique-se no Diário Oficial do Estado. Ratifique-se e registre-se no respectivo Livro Tombo do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico do Estado. Promova-se a averbação no Registro de Imóveis competente.

Porto Alegre, 13 de Novembro de 2012.

  
ASSIS BRASIL

Secretário de Estado da Cultura



Circuito Sul da Música Independente	4052	ALVO ASSOCIAÇÃO CULTURAL-AAC	58,5	Não classificado
ETNIAS FORMADORAS DE IJUÍ: RESGATAR, VALORIZAR, PROPAGAR.	3614	UNIÃO DAS ETNIAS DE IJUÍ	55,5	Não classificado
HERTA - HOMENAGEM À IMIGRAÇÃO	3700	CARLOS ALBERTO KLEIN CURTO ARTES		

Finalidade	Modalidade	Valor	Vagas
Apoio à Programação em Espaços Culturais	Entidade Cultural	25.000,00	8
Projeto	CEPC Produtor	Nota Final	Situação
SARAU NA CASA DO ARTISTA RIOGRANDENSE	4406 CASA DO ARTISTA RIOGRANDENSE	73	Contemplado

Finalidade	Modalidade	Valor	Vagas
Apoio à Programação em Espaços Culturais	Entidade Cultural	50.000,00	4
Projeto	CEPC Produtor	Nota Final	Situação
PROGRAMA DE FORMAÇÃO MUSICAL VIDA E CANTO	4614 ASSOCIAÇÃO DOS AMIGOS DO CORAL VIDA E CANTO	92,5	Contemplado
Tem Cultura na Casa	4489 SOCIETÀ SOCIEDADE ITALIANA DE ALVORADA	85,5	Contemplado
BR 116: Porto Alegre/Pelotas - circuitos independentes em tr	4654 ASSOCIAÇÃO CULTURAL ATELIER SUBTERRÂNEA	83	Contemplado
Carrocel Cultural	41 ASSOCIAÇÃO DOS AMIGOS DO THEATRO TREZE DE MAIO (AATM)	82,5	Contemplado
Circuito Fotografia Transversa	2893 FUNDAÇÃO VERA CHAVES BARCELLOS	75,5	Suplente
Criança Feliz Tem Ginga	3842 ASSOCIAÇÃO VIVER & APRENDER	71	Suplente
Espaço Cultural Fazendo Arte: promovendo a inserção cultural para protagonizar projetos de vida.	4551 INSTITUTO LENON JOEL PELA PAZ	69,5	Suplente
Documentário - Da Terra Para a Taça	4254 ASSOCIAÇÃO COMUNITÁRIA DOS AMIGOS DE MONTE BELO	66	Suplente
"Reciclando a Cultura com a Banda do Bate Latas"	4103 SOCIEDADE ESPORTIVA, RECREATIVA, BENEFICENTE E CARNAVALESCA CORUJÃO	56,5	Não classificado

Finalidade	Modalidade	Valor	Vagas
Indicadores, Informação e Qualificação	Pessoa Física	10.000,00	5
Projeto	CEPC Produtor	Nota Final	Situação
BORDANDO AS CORES DA VIDA	4484 CINTIA ELISA DHEIN	84,5	Contemplado
UM TRAÇO PARA O FUTURO - Oficinas de Animação	4538 GRAZIELLA CALVANO FERST	84	Contemplado
Cartilha Didática Técnica Vocal	4509 LUANA FERNANDES PEDROSO	83	Contemplado
Qualificar para Desenvolver	3775 LEONAIR DE BARROS SOST	79,5	Contemplado

Finalidade	Modalidade	Valor	Vagas
Indicadores, Informação e Qualificação	Entidade Cultural	25.000,00	4
Projeto	CEPC Produtor	Nota Final	Situação
Não há projetos classificados/não classificados para esta opção.			

Finalidade	Modalidade	Valor	Vagas
Indicadores, Informação e Qualificação	Entidade Cultural	50.000,00	2
Projeto	CEPC Produtor	Nota Final	Situação
Observatório de sensibilidades: Morro da Borússia	4491 ARENA ASSOCIACAO DE ARTE & CULTURA	80,5	Contemplado
Economia Criativa, Empreendedorismo e o Poder da Cultura	3941 CASA SUNSET- INSTITUTO NAUM TURQUENITCH DE CINEMA E CULTURA	79	Contemplado
Oficina de Qualificação em Desenho, Levantamento Arquitetônico	2147 DEFENDER - DEFESA CIVIL DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO	78	Suplente

A publicação completa dos projetos contemplados, suplentes e não classificados poderá ser acessada nas páginas [www.cultura.rs.gov.br](http://www.cultura.rs.gov.br) e [www.procultura.rs.gov.br](http://www.procultura.rs.gov.br).

Luiz Antonio de Assis Brasil e Silva  
Secretário de Estado da Cultura

Código: 1063941

PORTARIAS

Assunto: Portaria  
Expediente: 000980-1100/12-0  
Data Sedec nº 58/2012

O Secretário de Estado da Cultura do Rio Grande do Sul, no uso das atribuições conferidas pelo art. 90, V, art. 221, V, alíneas "d" e "e" e art. 222 e seus parágrafos, da Constituição do Estado, e fundamentando-se pela Lei 7.231, de 18 de dezembro de 1978, combinada com o Decreto-Lei n.º 25, de 30 de novembro de 1937 e, considerando a necessidade de preservar o patrimônio cultural do Estado, corroborado nos Autos do Processo Administrativo n.º 980-1100/12-0, RESOLVE

Tombar do prédio que abriga o Clube Cultural Fica Ahi Prá Ir Dizendo, situado na Rua Marechal Deodoro, nº. 368, no Município de Pelotas/RS, com matrícula nº. 49.186, conforme cópia do registro de Imóveis da 2ª Zona em Pelotas, como "espaço de memória da cultura afro-brasileira, conforme é identificado no histórico do Clube", passando a integrar o Patrimônio Cultural do Estado, nos termos do Decreto-Lei Federal nº 25 de 30 de novembro de 1937, combinando com a Lei Estadual nº 7.231 de 18 de dezembro de 1978 e com PARE. IPHAE Nº. 13/2012, de 01 de agosto de 2012 e PARE. IPHAE Nº. 15/2012, de 02 de outubro de 2012 e ficando ainda resguardado o entorno. Publique-se no Diário Oficial do Estado. Ratifique-se e registre-se no respectivo Livro Tombo do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico do Estado. Promova-se a averbação no Registro de Imóveis competente.

Código: 1064183

LICITAÇÕES

Assunto: Inexigibilidade  
Expediente: 002915-1100/12-6

Contratação por Inexigibilidade de Licitação

PARTES: Secretaria de Estado da Cultura e Alessandro Rivellino Oliveira de Borba  
CPF nº 007268980-31  
OBJETO: 01 (uma) oficina de Dança contemporânea, com duração total de 8hs, a se realizar nos dias 24 e 25 de novembro no município de Osório, oficina credenciada no âmbito do projeto Caminhos Cênicos do IEACEN.  
CLASSIFICAÇÃO DA DESPESA: Atividade/Projeto: 5541 - Natureza da despesa: 3.3.90.36.3611 - Recurso: 0001 - Unidade Orçamentária: 11.01  
Valor: R\$ 900,00 (novecentos reais)

Código: 1064175



GOVERNO DO ESTADO  
**RIO GRANDE DO SUL**  
SECRETARIA DA CULTURA

Secretaria da Cultura

Proc. nº

Fls. 100

Rub. 1

Memo. N.º 848/2012/AJU/SEDAC-RS

Porto Alegre, 22 de novembro de 2012.

Ao Senhor  
Eduardo Hahn  
Diretor do Iphae  
Secretaria de Estado da Cultura

**Assunto: Tombamento Clube Cultural Fica Ahí Pra Ir Dizendo.**


**Expediente: 980-1100/12-0** ←

Senhor Diretor,

Ao cumprimentá-lo, encaminho o presente expediente com cópia da publicação, no Diário Oficial do Estado, da Portaria nº 058, de 22 de novembro de 2012, que trata do tombamento do Clube Cultural Fica Ahí Pra Ir Dizendo, localizado no Município de Pelotas/RS.

Sem mais para o momento, renovo votos da mais alta estima e consideração.

Atenciosamente,

  
Paulo Eduardo Berni  
Coordenador da Assessoria Jurídica



GOVERNO DO ESTADO  
RIO GRANDE DO SUL  
SECRETARIA DA CULTURA

IPHAÉ - R S  
Proc. n°  
Fls. 101 Rub. 06

Secretaria da Cultura  
Proc. n°  
Fls. ~~101~~ Rub. ~~06~~

OFÍCIO Nº 399/2012/GAB/AJU/SEDAC

Porto Alegre, 26 de novembro de 2012.

Ao Senhor  
**Raul Borges Ferreira**  
Presidente do Clube Cultural Fica Ahí Pra Ir Dizendo  
Rua Marechal Deodoro, 368  
Pelotas RS  
Cep: 96020-220

**Assunto:** Tombamento Clube Cultural Fica Ahí Pra Ir Dizendo.

**Expediente:** 980-1100/12-0. ←

Senhor Presidente,

Ao cumprimentá-lo, informo que foi realizado o tombamento do Clube Cultural Fica Ahí Pra Ir Dizendo, localizado nesse município, conforme Portaria nº 058/2012, publicada no Diário Oficial do Estado de 22 de novembro de 2012, pág. 134 (cópia anexa). O tombamento foi motivado por ser o local espaço de memória da cultura afro-brasileira, conforme identificado no histórico do clube.

Sem mais para o momento, renovo votos da mais alta estima e consideração.

Atenciosamente,

Assis Brasil  
Secretário de Estado da Cultura.



GOVERNO DO ESTADO  
RIO GRANDE DO SUL  
SECRETARIA DA CULTURA

IPHAÉ - R S  
Proc. nº  
Fls. 102 Rub. 06

Secretaria da Cultura  
Proc. nº  
Fls. 029 Rub. 06

OFÍCIO Nº 400/2012/GAB/AJU/SEDAC

Porto Alegre, 26 de novembro de 2012.

Ao Excelentíssimo Senhor  
**ADOLFO ANTÔNIO FETTER**  
Prefeito Municipal de Pelotas  
Praça Coronel Pedro Osório, 101  
Pelotas – RS  
CEP: 96015010

**Assunto:** Tombamento Clube Cultural Fica Ahí Pra Ir Dizendo.

**Expediente:** 980-1100/12-0. ←

Senhor Prefeito,

Ao cumprimentá-lo, informo que foi realizado o tombamento do Clube Cultural Fica Ahí Pra Ir Dizendo, localizado nesse município, conforme Portaria nº 058/2012, publicada no Diário Oficial do Estado de 22 de novembro de 2012, pág. 134 (cópia anexa). O tombamento foi motivado por ser o local espaço de memória da cultura afro-brasileira, conforme identificado no histórico do clube.

Sem mais para o momento, renovo votos da mais alta estima e consideração.

Atenciosamente,

Assis Brasil  
Secretário de Estado da Cultura.



GOVERNO DO ESTADO  
**RIO GRANDE DO SUL**  
SECRETARIA DA CULTURA

IPHAÉ - R S  
Proc. nº  
Fls. 103 Rub.

Secretaria da Cultura  
Proc. nº  
Fls. 103 Rub. 10

OFÍCIO Nº 400/2012/GAB/AJU/SEDAC

Porto Alegre, 26 de novembro de 2012.

Ao Excelentíssimo Senhor  
**Luiz Eduardo Brod Nogueira**  
Presidente da Câmara de Vereadores  
Rua XV de novembro, 207  
Pelotas RS  
Cep: 96015-000

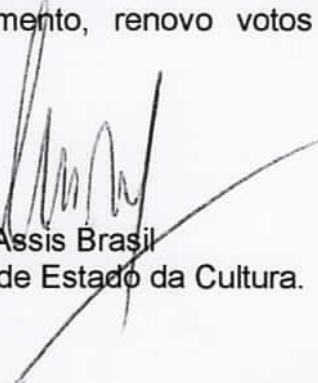
**Assunto:** Tombamento Clube Cultural Fica Ahí Pra Ir Dizendo.  
**Expediente:** 980-1100/12-0. ←

Senhor Presidente,

Ao cumprimentá-lo, informo que foi realizado o tombamento do Clube Cultural Fica Ahí Pra Ir Dizendo, localizado nesse município, conforme Portaria nº 058/2012, publicada no Diário Oficial do Estado de 22 de novembro de 2012, pág. 134 (cópia anexa). O tombamento foi motivado por ser o local espaço de memória da cultura afro-brasileira, conforme identificado no histórico do clube.

Sem mais para o momento, renovo votos da mais alta estima e consideração.

Atenciosamente,

  
Assis Brasil

Secretário de Estado da Cultura.

Proc: 0980-11.00/12-0

Secretaria da Cultura  
Proc. n°  
Fls. ~~103~~ Rub. R

IPHAE - R 3  
Proc. n°  
Fls. 104 Rub. C6

<b>CORREIOS</b> AVISO DE RECEBIMENTO <b>AR</b>		DATA DE POSTAGEM
DESTINATÁRIO Exmo Sr. Adalberto Antonio Fetter (Prefeito Municipal) - Praça Cel Pedro Osório, 101, Pelotas/RS, 11HAE RA 988460423 BR 36015/010		UNIDADE DE POSTAGEM
ENDEREÇO PARA DEVOLUÇÃO DA AR Secretaria de Estado da Cultura (AJUR) - Av. Borges de Medeiros, 1501, 19º andar, Porto Alegre/RS, 90119-900/DF/RS		CARIMBO UNIDADE DE ENTREGA 29 NOV 2012
TENTATIVAS DE ENTREGA	DECLARAÇÃO DE CONTEÚDO (SUJEITO À VERIFICAÇÃO): Of cabi 400/12: Informe	
1ª / / : : h	MOTIVO DE DEVOLUÇÃO	
2ª / / : : h	<input type="checkbox"/> Mudou-se <input type="checkbox"/> Recusado <input type="checkbox"/> Endereço insuficiente <input type="checkbox"/> Não procurado <input type="checkbox"/> Não existe o número <input type="checkbox"/> Ausente <input type="checkbox"/> Desconhecido <input type="checkbox"/> Falecido <input type="checkbox"/> Outros	
3ª / / : : h	RUBRICA E MATRICULA DO CARTERO Adalberto Fetter Tel. 855-2682	
ATENÇÃO: Após 3 (três) tentativas de entrega, devolver o objeto.	DATA ENTREGA 29/11/12	
ASSINATURA DO RECEPTOR Agente Administrativo	Nº DOC. DE IDENTIDADE 300718317	
NOME LEGÍVEL DO RECEPTOR		

<b>CORREIOS</b> AVISO DE RECEBIMENTO <b>AR</b>		DATA DE POSTAGEM
DESTINATÁRIO Exmo Sr. Luiz Eduardo Bred Nogueira - Câmara Vereadores - Rua XV de Novembro, 207, Pelotas/RS RA 988460410 BR IPHAE 51000		UNIDADE DE POSTAGEM
ENDEREÇO PARA DEVOLUÇÃO DA AR Secretaria de Estado da Cultura (AJUR) - Av. Borges de Medeiros, 1501, 19º andar, Porto Alegre/RS, 90119-900		CARIMBO UNIDADE DE ENTREGA 30 NOV 2012
TENTATIVAS DE ENTREGA	DECLARAÇÃO DE CONTEÚDO (SUJEITO À VERIFICAÇÃO): Of cabi. 401/12: Informe	
1ª / / : : h	MOTIVO DE DEVOLUÇÃO	
2ª / / : : h	<input type="checkbox"/> Mudou-se <input type="checkbox"/> Recusado <input type="checkbox"/> Endereço insuficiente <input type="checkbox"/> Não procurado <input type="checkbox"/> Não existe o número <input type="checkbox"/> Ausente <input type="checkbox"/> Desconhecido <input type="checkbox"/> Falecido <input type="checkbox"/> Outros	
3ª / / : : h	RUBRICA E MATRICULA DO CARTERO Wladimir M. Custódia Carteiro II Matricula: 8.686.601-0	
ATENÇÃO: Após 3 (três) tentativas de entrega, devolver o objeto.	DATA ENTREGA 30/11/12	
ASSINATURA DO RECEBEDOR Michelle e Yanna Rodrigues		
NOME LEGÍVEL DO RECEBEDOR		

PROC: 0980-11.00/12-0

Secretaria da Cultura  
Proc. n°  
S. ~~104~~ Rub. ~~L~~

IPHAÉ - R S  
Proc. n°  
Fls. 105 Rub. C6

<b>CORREIOS</b> AVISO DE RECEBIMENTO		DATA DE POSTAGEM
DESTINATÁRIO Sr Raul Borges Ferreira - Clube fica Ahi pra ir Dezengal - Rua Mal. Deodora 368, Petotas / RS 96020-1 IPHAÉ RA 98846043 7 BR		UNIDADE DE POSTAGEM
ENDERECO PARA DEVOLUÇÃO DA AR Secretaria de Estado de Cultura (A JUR) - Av. Borges de Medeiros, 1501, 19º andar, Porto Alegre / RS 90119-1900.		CARIMBO UNIDADE DE ENTREGA 29 NOV 2012
TENTATIVAS DE ENTREGA	DECLARAÇÃO DE CONTEÚDO (SUJEITO À VERIFICAÇÃO) Of gabi 399/12: informaçõ de tombamento	RUBRICA E MATRÍCULA DO CARTEIRO Pedro
1ª _____ h	<b>MOTIVO DE DEVOLUÇÃO</b> <input type="checkbox"/> Mudou-se <input type="checkbox"/> Recusado <input type="checkbox"/> Endereço insuficiente <input type="checkbox"/> Não procurado <input type="checkbox"/> Não existe o número <input type="checkbox"/> Ausente <input type="checkbox"/> Desconhecido <input type="checkbox"/> Falecido <input type="checkbox"/> Outras	DATA ENTREGA 29/11/12
ATENÇÃO: Após 3 tentativas de entrega, devolver o objeto.	ASSINATURA DO RECEBEDOR 	Nº DOC. DE IDENTIDADE 1587716
HOME LEGÍVEL DO RECEBEDOR	RUBINEI SILVA	



GOVERNO DO ESTADO  
**RIO GRANDE DO SUL**  
SECRETARIA DA CULTURA

IPHA E - R S  
Proc. nº  
Fls. 106 Rub. 66

Secretaria da Cultura  
Proc. nº  
Fls. [assinatura] Rub. [assinatura]

Memo. N.º 878/2012/AJU/SEDAC-RS

Porto Alegre, 04 de dezembro de 2012.

Ao Senhor  
Eduardo Hahn  
Diretor do Iphae  
Secretaria de Estado da Cultura


**Assunto: Tombamento Clube Cultural Fica Ahí Pra Ir Dizendo.**  
**Expediente: 980-1100/12-0** ←

Senhor Diretor,

Ao cumprimentá-lo, encaminho o presente expediente com cópia da publicação, no Diário Oficial do Estado, da Portaria nº 058, de 22 de novembro de 2012, que trata do tombamento do Clube Cultural Fica Ahí Pra Ir Dizendo, localizado no Município de Pelotas/RS.

Sem mais para o momento, renovo votos da mais alta estima e consideração.

Atenciosamente,

  
Paulo Eduardo Berni  
Coordenador da Assessoria Jurídica



## REPAGINAÇÃO

Foram renumeradas as folhas 100 a 105 ficando 101 a 106 por haver uma com numeração repetida.

Porto Alegre, 04. de abril de 2013.

Carmen Gayol – IPHAE -



Secretaria da Cultura



MEMO IPHAE nº 227/2013

DE: Mirian Sartori Rodrigues – Diretora IPHAE

PARA: Protocolo/SEDAC

Em: 12/11/2013

Encaminhamos para baixa no sistema o processo 980-1100/12-0, referente ao tombamento do Clube Cultural Fica Ahí Pra Ir Dizendo que se encontra concluído, com publicação da portaria nº 058 publicada no Diário Oficial do Estado, de 22 de novembro de 2012. Após este trâmite, solicitamos também que este expediente retorne ao Iphae para arquivamento neste Instituto.

Atenciosamente,

Mirian Sartori Rodrigues  
Diretora do IPHAE

Atendido  
Arquivado em  
13/11/2013  
ficcami

PROTOCOLO/DRHDA  
Secretaria da Cultura - RS